

Calmon Rodovalho Malta

A SUPERAÇÃO DO MUNDANISMO ESPIRITUAL
NA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM*

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão, SJ

Apoio: CAPES

Belo Horizonte
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2022

Calmon Rodovalho Malta

A SUPERAÇÃO DO MUNDANISMO ESPIRITUAL
NA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão, SJ

Apoio: CAPES

Belo Horizonte
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

	Malta, Calmon Rodovalho
M261s	A superação do mundanismo espiritual: na exortação apostólica <i>Evangelii gaudium</i> / Calmon Rodovalho Malta. - Belo Horizonte, 2022. 100 p.
	Orientador: Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.
	1. Igreja Católica. 2. Francisco, Papa. <i>Evangelii gaudium</i> . I. Adão, Francys Silvestrini. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.
	CDU 23

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

Calmon Redovalho Malta

**A SUPERAÇÃO DO MUNDANISMO ESPIRITUAL
NA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA EVANGELII GAUDIUM**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 02 de março de 2023.

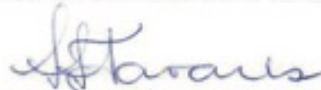
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares / FAJE



 Prof. Dr. Cesar Augusto Kuzma / PUC Rio (Visitante)

AGRADECIMENTOS

A Deus nosso Senhor, que pela Sabedoria divina me conduziu nessa jornada de estudos.

À minha família biológica e à religiosa, que estiveram a meu lado.

A meus amigos e irmãos na fé, que apoiaram e torceram por meu sucesso, de modo especial Pe. Ivanil Alves do Nascimento, cmf.

A todos os professores, professoras e funcionários da FAJE, que com sabedoria e paciência compartilharam seu conhecimento, dedicação e amor à Igreja.

A meu irmão de Congregação, Pe. Márcio Silva Souza, cmf, meu maior incentivador para o mestrado, principalmente nas horas mais difíceis da minha caminhada.

À CAPES, que me possibilitou esta pesquisa.

A meu orientador e mestre Pe. Francys S. Adão, SJ, que com sua amizade e paciência me ajudou a compreender que no caminho acadêmico é preciso dedicação, resiliência, humildade e perseverança.

Por fim, agradeço ao papa Francisco, que a cada dia me ensina o amor a Deus e ao próximo com seu exemplo de vida e serviço à Igreja.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO: A investigação sobre o que o papa Francisco compreende e denuncia como sendo “mundanismo espiritual”, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, é a base deste trabalho. Tal investigação se dá à luz da literatura teológica a respeito dos elementos trazidos pelo magistério do papa para uma ampla compreensão sobre a Igreja, calcada no Vaticano II. Nosso objetivo é demonstrar, como o pontificado de Francisco evidenciou, por parte de alguns, um movimento de negação do magistério do Concílio Vaticano II, dentro da Igreja Católica. Para isso, partiu-se da visão de Francisco sobre os sinais dos tempos hoje, explicitado em seu olhar sobre a realidade da Igreja, a compreensão de seu pensamento e alguns traços eclesiológicos contidos na exortação citada. Em seguida, focou-se na noção de “mundanismo espiritual”, apresentada na *Evangelii Gaudium*: o retorno a algumas heresias, a tentativa de algumas pessoas e grupos de dominar o espaço da Igreja, a partir de uma visão mais personalista de fé, e a distorção da religiosidade. Por fim, procurou-se demonstrar, como se pode chegar à superação desse mundanismo espiritual, na perspectiva de Francisco, tendo como referência a tríade: anúncio do Evangelho, conversão missionária da Igreja e dimensão ético-social da fé. Destacam-se, sobretudo, o acento a uma prática religiosa enraizada nos ensinamentos de Jesus Cristo e em sua práxis de vida, bem como a confiança na ação do Espírito Santo, em vista de uma verdadeira conversão missionária do corpo eclesial ao amor misericordioso e acolhedor de Deus por todos, indistintamente.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco. Mundanismo Espiritual. Superação. Anúncio. Conversão. Cuidado com os pobres.

ABSTRACT: The investigation into what Francis understands and denounces as “spiritual worldliness”, proposed in *Evangelii Gaudium* is the basis of this work. Such investigation takes place in the light of the theological literature regarding the elements brought by the Pope to a broad ecclesial understanding of the Church, based on Vatican II and the current magisterium. Our objective is to demonstrate, as the pontificate of Francis evidenced, on the part of some, within the Catholic Church, a movement of denial of the magisterium of the Second Vatican Council. In this way, it started from Francis' vision of the signs of the times today, focusing on his look at the reality of the Church, the understanding of his thought and some ecclesiological traits contained in the aforementioned exhortation. Then, it focused on the “spiritual worldliness” presented in *Evangelii Gaudium*, the return to some heresies and the attempt of some people and groups to dominate the space of the Church from a more personalistic view of faith, the distortion of religiosity. Finally, we tried to demonstrate how to overcome this spiritual worldliness in Francis' perspective, having as reference the triad: proclamation of the Gospel, missionary conversion of the Church and the ethical-social dimension of faith. Above all, the return to a religious practice rooted in the teachings of Jesus Christ and in his life praxis stands out, as well as the confidence in the action of the Holy Spirit, in view of a true missionary conversion of the ecclesial body to merciful and welcoming love. of God for all, without distinction.

KEYWORDS: Francisco. Spiritual Worldliness. Overcoming. Announcement. Conversion. Beware of the poor.

ABREVIATURAS

EG – *Evangelii Gaudium*

DAp – Documento de Aparecida

GS – *Gaudium et Spes*

FT – *Fratelli Tutti*

LS – *Laudato Si'*

LG – *Lumen Gentium*

CDSI – Compêndio da Doutrina Social da Igreja

CDC – Código de Direito Canônico

GEx – *Gaudete et Exsultate*

AG – *Ad Gentes*

ChV – *Christus Vivit*

RH – *Redemptor Hominis*

PE – *Praedicate Evangelium*

PlaD – *Placuit Deo*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 FRANCISCO E UM OLHAR PARA OS “SINAIS DOS TEMPOS”	12
1.1 Um olhar para a realidade	12
1.2 A compreensão do pensamento de Francisco	17
1.2.1 Jesus Cristo: querigma e profecia	18
1.2.2 O Concílio Vaticano II	21
1.2.3 A Doutrina Social da Igreja	25
1.3 Traços eclesiológicos de Francisco na <i>Evangelii Gaudium</i>	29
1.3.1 Igreja missionária ou “em saída”	31
1.3.2 Igreja misericordiosa	33
1.3.3 Igreja sinodal	35
2 “MUNDANISMO ESPIRITUAL” NA <i>EVANGELII GAUDIUM</i>	40
2.1 Retorno a antigas heresias	40
2.1.1 Gnosticismo	41
2.1.2 Neopelagianismo	44
2.2 Tentativa de dominar o espaço da Igreja	47
2.3 Distorção da religiosidade: “A glória humana e o bem-estar pessoal”	53
3 A SUPERAÇÃO DO MUNDANISMO ESPIRITUAL	60
3.1 O anúncio do Evangelho	61
3.2 A conversão missionária da Igreja	68
3.2.1 A conversão pessoal: batismo e penitência	70
3.2.2 A conversão eclesial: reforma institucional	71
3.3 A dimensão ético-social da fé	76
3.3.1 Perspectiva bíblica do comportamento social cristão	77
3.3.2 O apelo por uma Igreja misericordiosa e solidária	80
3.3.2.1 Cuidado com os pobres	81
3.3.2.2 Cuidado nas relações humanas a partir do diálogo que constrói pontes	83
3.3.2.3 Cuidado com o meio ambiente, nossa casa comum	86
CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

O tema do “mundanismo espiritual”, denunciado pelo papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*¹ (EG), é não apenas relevante na atual situação em que a Igreja Católica vive, com embates constantes de alguns de seus membros contra o sucessor de Pedro, como também pode ser compreendido à luz de uma correção de rumo, para todo o povo de Deus batizado, que constitui o Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja, e para a própria organização da instituição eclesial. Resumidamente, esse mundanismo espiritual é, uma visão egoantropocêntrica e autorreferencial, centrada na “busca pela glória humana e o bem-estar pessoal” de cada indivíduo, em detrimento da “glória do Senhor” (EG, n. 93).

Tal perspectiva recorda-nos, de modo mais recente na história eclesiástica, que desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), passando pelos pontificados de João Paulo II (1978-2005) e Bento XVI (2005-2013), a Igreja vem sofrendo ataques de várias formas. Sejam provenientes de dentro dela mesma, com lutas de poder, excessiva centralização da Cúria Romana, escândalos sexuais e financeiros, ascensão de grupos ultraconservadores, retorno de antigas heresias, entre outros, sejam vindos de fora dela, com restrições políticas à religião em vários países, acusações de negligência de autoridades eclesiásticas em diferentes casos envolvendo a moral, o cerceamento da liberdade etc.

Com a renúncia do papa Bento XVI em fevereiro de 2013 e a eleição de seu sucessor, o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio (papa Francisco), assistiu-se a um momento de euforia eclesiástica e popular, com profundos ares de esperança e renovação da Igreja. No entanto, pouco tempo depois, também ocorreram severos ataques ao estilo do novo pontífice, principalmente por querer “mudar” os rumos da Igreja para um acento considerado menos conservador no tocante aos costumes, por um lado, e mais evangélico, em estreita sintonia com os ensinamentos do Concílio Vaticano II, por outro, ou seja, uma Igreja preocupada com os pobres e vulneráveis, o meio ambiente, a colegialidade e a sinodalidade, elementos vistos por alguns como demasiadamente progressistas. Em meio a esse emaranhado político-religioso-social em que a Igreja está inserida, vê-se – por parte de um pequeno grupo do clero, em seus mais variados níveis, e por uma parcela de católicos – uma considerável desinformação,

¹ Existem muitos comentários a diversos capítulos, expressões e assuntos contidos na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Para uma reflexão mais ampla a seu respeito e seus desafios, ver, por exemplo: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.). *Evangelii Gaudium. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas / Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014; e YÁÑEZ, H. M. *Evangelii Gaudium: il testo ci interroga. Chiavi di lettura, testimonianze e prospettive*. Roma: GBP, 2014.

distorção e desconhecimento dos ensinamentos conciliares do Vaticano II, até mesmo um despreço a ele, numa clara tentativa de retorno aos conceitos e estilo pré-Vaticano II.

Em tais posturas, percebem-se constantes ofensivas ao sucessor de Pedro, ao seu magistério, chegando até mesmo a acusações de ruptura com a doutrina e a tradição, como aponta o vaticanista Marco Politi, no livro *Francisco entre lobos*², o que não condiz com a veracidade dos fatos, uma vez que é notória a busca, por parte do papa Francisco, de justamente colocar em prática a doutrina e os ensinamentos do magistério conciliar. Também se faz perceptível o incômodo causado pelo estilo eclesial de Francisco quanto à austeridade de vida e o desejo de uma Igreja mais simples, calcada nos princípios norteadores do Evangelho.

Esse chamado por parte do Pontífice causou, e causa, muito incômodo àqueles que desejam uma Igreja com estilo monárquico, centralizadora, poderosa e autorreferencial. De fato, há leigos confusos diante de um mundo complexo e em mudança, há padres desorientados diante das novas demandas para as quais eles não foram formados, há manipulação dos dados por parte de uma elite econômica e midiática, causando insegurança em muitos... Tudo isso alavanca conflitos na própria Igreja.

Desse modo, se o mundanismo espiritual é uma visão autorreferencial e egoantropocêntrica, para uma melhor compreensão do comportamento explícito de alguns, contrários a aspectos fundamentais da eclesiologia do Vaticano II – da qual o papa Francisco é um exímio executor e defensor – é que nossa pesquisa propõe a questão: como a forma de pensar e agir do papa Francisco evidenciou, e continua evidenciando, que há grupos e pessoas na Igreja, que têm um estilo de prática religiosa contrária à doutrina católica afirmada pelo Concílio Vaticano II, e que caminhos ele aponta para superar tais desvios?

Para tentar responder a essa questão, outras interrogações podem ajudar no processo de construção do raciocínio, como por exemplo: Qual a realidade da Igreja hoje? Como entender o modo de pensar e agir do papa Francisco? Como ele vê a Igreja e sua relação com o mundo contemporâneo? A busca de respostas para essas questões, principalmente a partir de um exame da programática exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, vai nos conduzir a compreender melhor o que o pontífice entende por “mundanismo espiritual” e a elencar algumas iniciativas que podem auxiliar a Igreja em sua superação.

Muito pouco se produziu a respeito do tema mundanismo espiritual. O que se encontra em diversos autores são menções explicativas ou orientativas que visam a demonstrar o comportamento de alguns membros, principalmente eclesiásticos, com relação a um estilo de

² POLITI, M. *Francisco entre lobos*. O segredo de uma revolução. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2014.

vida em choque com o Evangelho e o magistério do Concílio Vaticano II. Assim, autores como Mario de França Miranda, no livro *A reforma de Francisco*³, corrobora tal posicionamento ao discorrer que a “Igreja herdada da cristandade” ainda reflete em muitos de seus membros hoje: “centralização, superioridade, autosssegurança”. Ou como Francesc Torralba, em seu *Diccionario Bergoglio*⁴, ao afirmar que “é característica do espírito mundano a vontade de ser alguém, de ser reconhecido, apreciado por todos”. Voltando um pouco mais no tempo, encontra-se na obra *Meditación sobre la Iglesia*⁵, de Henri De Lubac, a fonte da qual o papa retira o conceito aqui discutido. De Lubac afirma que essa forma de pensar “invadiu a Igreja e trabalha para corrompê-la atacando seus próprios princípios”.

Na busca por respostas para nossas questões, o trabalho está organizado em três capítulos: iniciaremos com uma reflexão sobre o modo como Francisco nos ajuda a olhar para os *sinais dos tempos*, procurando compreender a realidade atual da Igreja, o pensamento do papa e alguns de seus traços eclesiológicos contidos na *Evangelii Gaudium* (capítulo 1); em seguida, aprofunda-se a compreensão do que venha a ser o “mundanismo espiritual” na EG, momento em que se discorre sobre o ressurgimento de antigas heresias, a tentativa de domínio do espaço da Igreja por parte de alguns grupos e pessoas e a distorção da religiosidade (capítulo 2); por fim, explicitaremos a reflexão acerca da superação do mundanismo espiritual a partir de três dimensões caras a Francisco: o anúncio do Evangelho, a necessidade da conversão missionária da Igreja e a dimensão ético-social da fé.

Nossa pesquisa não pretende sistematizar os conceitos teológicos sobre a Igreja, fazendo uma análise histórica de seus erros e acertos, ou focar seu estudo na pessoa do papa. Mas ao destacar sua visão eclesiológica, expressa na *Evangelii Gaudium*, espera-se demonstrar a incompatibilidade, nos tempos pós-Concílio Vaticano II, de se viver uma fé embasada numa visão de poder, de glória, de autorreferencialidade e de hegemonia diante de um mundo em constante movimento e repleto de desafios. Também não se discutirão os posicionamentos daqueles que são contrários ao pontífice e a seu magistério, embora apontemos, vez ou outra, algumas de suas afirmações que ajudam a ilustrar as intuições formuladas na exortação apostólica. Esperamos que nossa pesquisa seja uma ajuda para entender os sinais dos tempos, no momento histórico em que estamos inseridos, para responder melhor aos apelos de Deus pela libertação e santificação do seu povo. Para isso é pertinente “ouvir o que o Espírito diz à Igreja” (Ap. 3,6).

³ MIRANDA, M. F. *A reforma de Francisco*. Fundamentos teológicos. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 13.

⁴ TORRALBA, F. *Diccionario Bergoglio*. Las palabras clave de um pontificado. Madrid: San Pablo, 2019, p. 241.

⁵ DE LUBAC, H. *Meditación sobre la Iglesia*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2011, p. 397.

1 FRANCISCO E UM OLHAR PARA OS “SINAIS DOS TEMPOS”

Um olhar lançado à realidade atual reflete a urgência de se compreender os “sinais dos tempos”, aqui, desde a perspectiva do papa Francisco. Quando ele ajudou na redação do documento de Aparecida, ainda como arcebispo de Buenos Aires, ratificou, juntamente com a Conferência Episcopal Latina Americana e Caribenha, que “desde a primeira evangelização até os tempos recentes, a Igreja tem experimentado luzes e sombras” (DAp, n. 5).

Sendo assim, diante de uma realidade global, a Igreja se vê como membro constitutivo da vida em sociedade, como é de fato e de direito, e por isso mesmo capacitada a dar seu contributo a partir das convicções oriundas do Evangelho e de sua bimilenar Tradição. Ela também é consciente que tem necessidade de constante conversão e abertura à realidade, haja vista que todas as realidades que envolvem o ser humano e a sociedade são realidades também da Igreja Católica que “sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e a sua história” (GS, n. 1). Assim, o papa Francisco parece ter consciência dessa imersão e desafio eclesial, por isso mesmo procura oferecer uma análise da sociedade em que a Igreja se encontra para realizar sua missão hoje. Neste capítulo, veremos alguns contributos oferecidos por Francisco na *Evangelii Gaudium*, iluminados por outros documentos de seu magistério, em vista de explanar sua hermenêutica da realidade atual, seja para dentro da Igreja, seja na sociedade em que está inserida.

1.1 Um olhar para a realidade

A perspectiva de Francisco sobre a realidade do mundo pode ser observada no segundo capítulo da *Evangelii Gaudium*, quando fala da “crise do compromisso comunitário” (n. 52-109). Ele mesmo tem consciência de que não lhe cabe fazer uma análise da “realidade contemporânea” (EG, n. 51), mas o faz a partir da conjuntura que circunda todos. Para o papa, a ação do Evangelho está encarnada na realidade da vida cotidiana, daí a necessidade de se conhecer e buscar caminhos de transformação para a vida como um todo, em vista de um “discernimento evangélico” (EG, n. 50) capaz de ajudar a “esclarecer o que pode ser um fruto do Reino e o que atenta contra o projeto de Deus” (EG, n. 51).

Interessante a percepção de Francisco de que não cabe a ele fazer uma análise de conjuntura da realidade pelo fato de ser papa. Sua postura demonstra, de certa forma, um modo de ser desvinculado da coroa do poder, do prestígio e da autorreferencialidade.

Seguindo essa lógica de pensamento, vê-se uma postura, neste pontificado, que preza pela simplicidade e pela escuta dos outros, uma vez que, em seu horizonte, “o todo é mais do que a parte, [...]”. Portanto, não se deve viver demasiado obcecado por questões limitadas e particulares” (EG, n. 235). Essa parece ser uma força presente no pontificado de Francisco, da qual não pretende abrir mão. Desde a escolha do seu nome para exercer o pontificado, a saída da residência papal e o alojamento numa hospedaria de religiosas, o abandono dos paramentos litúrgicos de ostentação, o uso da cruz peitoral em ferro fundido e não ouro, entre outros, colocam-no na contramão daquilo que muitos líderes políticos e religiosos buscam quando revestidos de autoridade, poder e prestígio. Segundo ele,

é impressionante como até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se a segurança econômica ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão. (EG, n. 80)

Com esse modo de pensar e agir, vê-se um movimento no leme da barca de Pedro, uma mudança de perspectiva e visão de mundo. Essa nova postura oferecida tem seu fundamento no modo de ser do próprio Jesus, na Igreja primitiva e na confiança na ação do Espírito Santo que a governa, o que é demonstrado no Concílio Vaticano II.

Sob a régia de sua postura moral, o pontífice assinala alguns elementos que deveriam ser levados em consideração para uma boa percepção da realidade. Um dos primeiros é a desigualdade social (EG, n. 59-60), que destrói a dignidade da pessoa colocando-a em segundo plano no contexto social. De acordo com o papa, este modo de ver o outro ocorre por causa da “negação da primazia do ser humano” (EG, n. 55), ou seja, por uma visão de mundo que prioriza o consumo, o lucro, o dinheiro e não o ser humano como imagem e semelhança do Deus criador⁶. Esse erro se dá ao que Francisco chama de “economia de exclusão”, onde “o ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora” (EG, n. 53). Esse comportamento induz a uma “globalização da indiferença” (EG, n. 54), que não leva em consideração a realidade do outro. Ademais, nessa postura, cada um se preocupa exclusivamente com o seu modo de ser e com sua própria vida, num egoísmo

⁶ AQUINO JR., F. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas / Pernambuco: Unicap, 2019, cap. 4. Na obra, o autor fala, dentre outros aspectos, sobre as “causas da pobreza e marginalização”, demonstrando dentro do contexto social as raízes de tal mal. Também em: MO SUNG, J. *A crítica da idolatria do dinheiro*. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. (orgs.). *A moral do Papa Francisco*. Aparecida: Santuário, 2020, p. 197-227. O autor reafirma o posicionamento de Francisco sobre as causas do sofrimento dos mais vulneráveis, fazendo duras críticas ao capitalismo que gera desigualdades.

profundo, cego e incapaz de se compadecer com o sofrimento alheio, pendendo para um comportamento anticristão.

Na mesma linha de reflexão, Francisco denuncia o que chama de “idolatria do dinheiro” (EG, n. 55), culto capaz de envolver a pessoa fazendo-a subjugada ao sistema monetário. Ele critica esse modo de relacionar-se com o capital, a ponto de chamar tal relação de “adoração do bezerro de ouro” (EG, n. 55), recordando o livro do Êxodo. Essa chamada de atenção é pertinente uma vez que se troca o olhar para o Cristo pelo do bem-estar pessoal e pela posse de bens que são transitórios. Francisco parece demonstrar que o cristão carece de ter consciência de que o seu modo de ser interfere na vida em sociedade, seja na família, no trabalho, na escola, na igreja, seja em qualquer ambiente em que esteja inserido, em que é chamado a um verdadeiro testemunho de vida e de fé. Nessa conjuntura, a única segurança é o próprio Cristo Jesus, pois “permanecer em Cristo configura tudo aquilo que somos e fazemos”⁷, vai ensinar no decorrer seu pontificado.

Também em seu olhar para a realidade, Francisco constata que um dos problemas da atualidade é a violência (EG, n. 59). Ele vai além do simples olhar conflitivo, pois para ele a violência tem duas raízes que necessitam ser combatidas: a exclusão e a desigualdade social. A exclusão do acesso do indivíduo à educação de qualidade, à melhoria de vida, ao salário digno, entre outros, é geradora de conflitos, pois a pessoa se sente abandonada pelo poder público e pelas instituições, incapazes de gerar maior igualdade de oportunidades, principalmente por interesses políticos ou ideológicos.

Nesse aspecto, pode-se dizer que a exclusão é geradora de revoltas, capaz de mobilizar grande número de pessoas alinhadas a determinada realidade e aos sentimentos oriundos de tal situação. Para o papa, combater a exclusão e diminuir os conflitos em sociedade é um ponto fundamental de transformação da realidade, pois, “ninguém pode permanecer insensível às desigualdades que ainda existem no mundo”⁸, ou ainda, segundo sua visão,

enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos será impossível desarraigá-la a violência. Acusam-se da violência os pobres e as populações mais pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, há-de provocar a explosão. (EG, n. 59)

Ao mesmo tempo, a desigualdade social é um elemento provocativo, pois demonstra com capilaridade a disparidade existente entre as classes sociais e escancara as possibilidades

⁷ FRANCISCO. *A Igreja da Misericórdia*. Minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014. p. 51.

⁸ FRANCISCO, *A Igreja da Misericórdia*, p. 95.

maiores para alguns grupos e menores para outros. Para Francisco, “a desigualdade social provoca a reação violenta dos que são excluídos do sistema, mas porque o sistema social e econômico é injusto na sua raiz” (EG, n. 59).⁹

Outro elemento apontado pelo papa diz respeito aos ataques “à liberdade religiosa” e à “generalizada indiferença relativista” (EG, n. 61). Na perspectiva apontada por Francisco, os ataques à liberdade religiosa acontecem por uma negação da proposta apresentada pelas religiões, principalmente a cristã, em que o comportamento ético é um código de conduta levado em consideração por aqueles que aderem a este estilo de vida.

Em uma sociedade secularizada, uma visão mais subjetiva da vida é muito mais confortável do que, de fato, aquilo que o Evangelho propõe. A verdade pessoal vem à frente da própria verdade. Assim, corroborando seu modo de pensar na *Evangelii Gaudium*, afirma, em outro documento importante de seu magistério, que, “há hoje a tendência para uma reivindicação crescente de direitos individuais – sinto-me tentado a dizer individualistas –, que esconde uma concepção de pessoa humana separada de todo o contexto social e antropológico” (FT, n. 111).

O relativismo (EG, n. 64) é outro elemento de compreensão da realidade para o pontífice. Segundo Francisco, a partir dele – relativismo – deve-se levar em consideração a desilusão e a crise das ideologias trazidas e desenvolvidas pelo mundo contemporâneo. A fluidez com que se muda de convicção e de perspectiva leva a pessoa à apatia para com alguns valores, sejam eles evangélicos, sejam naturais, como, por exemplo, o dom da vida. Assim, não se pode deixar de perceber que esta indiferença faz parte de um processo maior de secularização da cultura, em que o aspecto religioso é descartado como elemento constituinte da vida social – de uma nação ou do indivíduo. Para o papa, com impactos relevantes na família e em um modo de ser individualista, “o processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo” (EG, n. 64).

Francisco ainda aponta outros pontos desafiadores para a Igreja e que podem ser levados em consideração em uma análise da realidade, por exemplo: “o papel dos leigos na Igreja e o clericalismo” (EG, n. 102), “a contribuição da mulher na sociedade e na Igreja” (EG, n. 103), e a “juventude” (EG, n. 105-107).

⁹ Outros teólogos corroboram esta visão, como: GASDA, E. E. Essa economia mata (EG. 53): crítica teológica do capitalismo inviável, *Perspectiva Teológica*, v.49. n.3, 2017: “a dimensão socioeconômica e política da modernidade” necessita ser levada em consideração nas análises teológicas sobre a realidade de hoje.

Seguindo a lógica de sua primeira exortação apostólica, Francisco apresenta à Igreja sua preocupação com o meio ambiente. Para ele, não é possível deixar de fora dessa análise o “cuidado com a casa comum” (LS, n. 17) levando a

um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. [...] Todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades. (LS, n. 14)

A “fraternidade e amizade social” (*Fratelli Tutti*) é outra temática importante que chama atenção e que ele tem expressado ao longo do seu pontificado, já que aborda questões essenciais do relacionamento humano, como o desafio da migração, da paz, ecumenismo e amor fraterno etc., ou seja, para o papa, “um olhar de fé sobre a realidade não pode deixar de reconhecer o que semeia o Espírito Santo” (EG, n. 68).

A percepção de Francisco sobre a realidade parece profética e apocalíptica. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, já alertava ao dizer que “o mundo está dilacerado pelas guerras e a violência, ou ferido por um generalizado individualismo que divide os seres humanos e pondo uns contra os outros visando o próprio bem-estar”, e ainda que “em vários países, ressurgem conflitos e antigas divisões que se pensavam em parte superados” (n. 99). Nove anos depois de sua leitura da realidade, o mundo assiste, estarecido, a um conflito bélico de proporções gigantescas entre Rússia e Ucrânia no leste europeu. O mês de fevereiro de 2022 entrou para a história como um retrocesso da humanidade diante do egocentrismo de líderes políticos em busca de poder. Seguindo seu alerta inicial de 2013, inúmeras são as exortações do papa a esse respeito, assim como seus gestos na busca pela paz. Sob essa perspectiva, sua ida à embaixada russa na Santa Sé foi interpretada por analistas políticos como uma tentativa de mediar, ou ao menos se colocar à disposição para tal.¹⁰

Parece que, para ele, um objetivo olhar para o comportamento humano, suas relações e propósitos é capaz de fazer compreender os “sinais dos tempos” desvelados por Deus em vista de uma conversão pessoal, social e eclesial. Para Francisco, “uma vez mais a paz de todos é ameaçada por interesses de parte”. Além disso, suplica “a quantos têm responsabilidades

¹⁰ CERNUZIO, S; SILVONEI, J. Guerra na Ucrânia, o papa na Embaixada da Rússia para expressar preocupação. *Vatican News*. 25 fev 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-02/guerra-na-ucrania-o-papa-na-embaixada-da-russia.html>. Acesso em: 4 nov 2022.

políticas para que façam um sério exame de consciências perante Deus, que é o Deus da paz e não da guerra”¹¹.

Outra percepção do papa, essa de caráter mais interno à vida eclesial, diz respeito ao modo de pensar e agir de muitos dentro da Igreja. Francisco parece ter ciência de que o comportamento negacionista, clerical e fundamentalista é um mal que adentrou na Igreja nos últimos tempos e que precisa ser combatido com a verdade e a misericórdia que provêm do Senhor. Esse comportamento é fruto de todo o processo vivido em sociedade e que acaba por se entranhar na Igreja, uma vez que essa participa de todo o fluxo da história em que os indivíduos fazem parte. “A crise do compromisso comunitário” (EG, n. 50), descrita por Francisco, observada no contexto geral da sociedade, tem seu impacto na religiosidade, por vezes frágil e sujeita às ilusões temporárias da prática cotidiana (EG, n. 63-67). Essa crise encontra ressonância na vida eclesial pela busca de poder, prestígio, rigidez, fundamentalismo que aparece “em cada momento da história, [onde] estão presentes a fraqueza humana, a busca doentia de si mesmo, a comodidade egoísta e, enfim, a concupiscência que nos ameaça a todos” (EG, n. 263). Isso implica afirmar que tal atitude leva o crente ao distanciamento dos princípios evangélicos. A este tipo de comportamento Francisco denomina “mundanismo espiritual” (EG, n. 93-97). No segundo capítulo desta dissertação tratar-se-á desse tema.

1.2 A compreensão do pensamento de Francisco¹²

Conhecer o modo de pensar do papa é não apenas importante do ponto de vista eclesial, mas também necessário do ponto de vista teológico e pastoral, uma vez que seus ensinamentos e suas ações reverberam diretamente na vida da Igreja e do mundo como um todo. Seu coração e seu modo de pensar consolidam-se no tripé: Querigma e Profecia, Concílio Vaticano II e Doutrina Social. Mesmo parecendo não se preocupar com a letra dos textos, escora-se

¹¹ FRANCISCO. *Audiência Geral. Catequese sobre a Velhice I*. A graça do tempo e a aliança das idades da vida. 23 fev 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2022/documents/20220223-udienza-generale.html>. Acesso em: 3 mar 2022.

¹² Na tentativa de buscar compreender o modo de pensar de Francisco, vários autores se debruçam em analisar seus pontos de vista a respeito da Igreja e sua relação com a modernidade. Os muitos desafios que a Igreja enfrenta a colocam diante da necessidade de reafirmar constantemente seus fundamentos, principalmente com relação à Escritura, ao Concílio Vaticano II e à Doutrina Social. Nessa perspectiva, autores como: CODA, P. A. *A Igreja é o Evangelho. Nas fontes da teologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2019; PERRONI, M. *Querigma e Profecia. A hermenêutica bíblica do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019; e REPOLE, R. *O sonho de uma Igreja evangélica. A eclesiologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2018, abordam esses fundamentos a partir da visão do Pontífice.

profundamente no espírito mais denso e no significado prático trazido por cada um dos ensinamentos oriundos deles.

1.2.1 Jesus Cristo: querigma e profecia

A compreensão do Pontífice sobre a importância da Palavra de Deus na vida da Igreja tem seu fundamento na missão que lhe foi confiada por Jesus de “sair pelo mundo anunciando o evangelho” (Mc 16,15), como fica evidente na *Evangelii Gaudium*. Essa consciência e responsabilidade do papel fundamental da evangelização desdobra-se, no pensamento do pontífice, sob o aspecto do anúncio como dom (EG, n. 21.24), como graça nascente no seio da Trindade para a vida *do e no* mundo, pois, segundo ele, “em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito” (EG, n. 12). É Ele que se revela pela força da Palavra criadora, transformadora e libertadora, uma vez que “a verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história” (EG, n. 181).

Na perspectiva de Francisco, negar o fator histórico ou o lugar próprio em que se habita, as circunstâncias existenciais, sociais, políticas, econômicas, religiosas etc. é negar o sujeito ao qual é direcionada a mensagem de salvação, uma vez que “no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus” (EG, n. 86). De acordo com o papa, “para se entender adequadamente o sentido da mensagem central dum texto, é preciso colocá-lo em ligação com o ensinamento da Bíblia inteira, transmitida pela Igreja” (EG, n. 148), pois essa visão global garante ao fiel uma unidade de compreensão capaz de vislumbrar o *por vir* da vontade divina, à luz dos acontecimentos históricos que formaram o povo cristão. A partir de cada necessidade histórica é que se dá a intervenção e a ação divina, pois,

Com a sua novidade, Ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, e a proposta cristã, ainda que acesse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece. Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre “nova”. (EG, n. 11)

Ao chamar a Igreja a olhar para a realidade contemporânea, Francisco coloca em movimento a mensagem de salvação de uma forma viva, presente e repleta de esperança em um mundo fragilizado, e por vezes, descrente e cético. O papa apresenta a mensagem cristã como

caminho seguro capaz de transformar não apenas a realidade existencial, mas a sociedade. Ao apoiar-se no exemplo dado por Jesus Cristo, o Homem de Nazaré, acentua que “o olhar crente é capaz de reconhecer a luz que o Espírito Santo sempre irradia no meio da escuridão” (EG, n. 84).

Assim, compreende-se que o Evangelho é a boa notícia, o próprio Jesus Cristo. Na visão de Francisco, é preciso conhecer Jesus Cristo, manter uma relação profunda com ele e experimentar a sua mensagem de uma maneira que essa leve a um processo de transformação, não apenas do indivíduo, mas também no meio em que ele está inserido. Segundo o papa, “convém ser realistas e não dar por suposto que os nossos interlocutores conhecem o horizonte completo daquilo que dizemos” (EG, n. 34). A mensagem precisa ser decodificada, apresentada sem sombras, sem dificuldades de entendimento, repleta de conteúdo, mas com clareza e assertividade. O cristão de hoje, carregado de informações, é de fato pouco formado.

De acordo com Francisco, “confessar que Jesus deu o seu sangue por todos impede-nos de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo o ser humano” (EG, n. 178). O Evangelho como essência da mensagem cristã torna-se fonte inspiradora do conhecimento de Deus, através de Jesus Cristo e da ação misericordiosa calcada na práxis do próprio Jesus de Nazaré. O Evangelho é compromisso, uma vez que Jesus foi compromissado com a causa do Reino e com a da humanidade.

Deste modo, descobre-se no mundo o lugar do anúncio, encontra-se no Evangelho o conteúdo desta mensagem salvífica. Para o sucessor de Pedro, “o Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos” (EG, n. 39). Nessa perspectiva, é plausível para o crente colocar-se em estado permanente de escuta da Palavra, deixar-se ser tocado e impelido por ela, uma palavra capaz de transformar a realidade tanto do indivíduo que a escuta, como da comunidade e do meio em que está inserida. Essa boa notícia é comprometedora para com aquele que livremente adere a ela. Não existe a possibilidade de uma desconexão entre Evangelho e vida cotidiana¹³.

Francisco tem claro que “o bem tende sempre a comunicar-se” (EG, n. 9). A comunicação do Evangelho – anúncio ou pregação – é um meio eficaz de dar a conhecer os ensinamentos e as palavras de Jesus a todas as pessoas no mundo.

¹³ Seguindo a mesma lógica de Francisco, encontramos em G. Gutierrez a afirmação de que “o seguidor de Jesus é uma testemunha da vida” (GUTIERREZ, G. *Beber em su propio pozo*. En el itinerário espiritual de um Pueblo. 2.ed. Lima: CEP, 1983, p. 72).

Ao anunciar, a Igreja leva ao coração dos fiéis e a todos aqueles que a escutam, a esperança de um tempo transformado, um tempo melhor onde os laços entre as pessoas são fortificados pela realidade profunda dos ensinamentos de Cristo, ou seja, “um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tímidos ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora” (EG, n. 11).

Francisco reafirma na *Evangelii Gaudium* que é o Espírito que toca o coração de cada ouvinte, fazendo-o compreender a partir do seu encontro íntimo com o Senhor aqueles elementos de sua própria existência, de sua própria vida, que necessitam ser transformados (EG, n. 178). Nesse sentido é o Espírito que move o indivíduo a sair de sua subjetividade e ir ao encontro do outro, a abrir-se sem medo às múltiplas realidades da vida em sociedade. Para o bispo de Roma, “quem deseja viver com dignidade e em plenitude [o Evangelho], não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem” (EG, n. 9).

Desse ponto de vista, para o papa, “a evangelização procura o crescimento, o que implica tomar muito a sério em cada pessoa o projeto que Deus tem para ela”, ou ainda que “cada ser humano precisa sempre mais de Cristo, e a evangelização não deveria deixar que alguém se contente com pouco, mas possa dizer com plena verdade: ‘Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim’ (Gl 2, 20)” (EG, n. 160).

O anúncio querigmático “deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial” (EG, n. 164). Para Francisco,

a centralidade do *querigma* requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus [...], que não imponha a verdade, mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas (EG, n. 165).

Ao receber o conteúdo querigmático, o ouvinte tem a possibilidade de perceber que a experiência cristã da fé tem como característica a abertura ao outro, preocupar-se e interagir com o outro. Desse modo, o anúncio torna-se realidade ao ajudar na maturidade da experiência de fé. Aquele que recebe o conteúdo da pregação e faz a sua experiência íntima e libertadora com Deus é capaz de se compadecer com a miséria, com a dor, com a realidade daqueles que fazem parte da comunidade de fé ou não. Para Francisco, “o conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG, n. 177).

Marinella Perroni, ao comentar a *Evangelii Gaudium*, diz que Francisco fundamenta seu ponto de vista bíblico sobre dois aspectos: o querigmático e o profético. O primeiro “é o terreno

do encontro sobre o qual a palavra se torna anúncio, mas também interpelação”¹⁴. Pelo querigma experimenta-se de fato a vida em Cristo, capaz de transformar a pessoa por inteiro, levando a uma verdadeira experiência de fé transcendente e ao mesmo tempo comprometida em sua historicidade.

De acordo com a autora, o segundo ponto de vista bíblico do papa Francisco está na profecia. Segundo ela, “a fé em Jesus, Messias de Deus, pede para ser visionários, como foram, [...] os discípulos do ressuscitado em continuidade com os profetas de Israel”¹⁵. No Novo Testamento, encontra-se constantemente um retorno aos exemplos dos profetas de Israel que não apenas anunciavam, mas denunciavam as mazelas do seu tempo. Os discípulos de Cristo anunciam a boa nova do Reino ao mesmo tempo que denunciam as injustiças presentes na sociedade. Desse modo, “forte na denúncia, e ainda mais forte na consolação, o magistério de Francisco quer ser anúncio profético, visão de uma história que, contudo, procede para a sua realização”¹⁶. Parece ficar evidenciado, na visão da autora e do pontífice, que “as únicas inabaláveis garantias são: Jesus e o seu Evangelho da misericórdia”¹⁷.

Para Francisco, não se pode evangelizar se não levando em consideração o contexto histórico de cada indivíduo. É preciso saber o que se passa na vida e no cotidiano de cada pessoa para saber o que falar, como falar e como traduzir o texto evangélico à realidade com que se depara. Ao comentar o pensamento do papa, Aquino Júnior afirma que “a Igreja só pode existir em estreita solidariedade com o mundo”¹⁸. Uma evangelização que não leva em consideração o que se passa e o lugar em que o Evangelho é aplicado, segundo Palácio, não causa de fato o efeito desejado e necessário, a conversão, pois “os problemas do mundo são da Igreja porque são problemas colocados à sua missão evangelizadora”¹⁹.

1.2.2 O Concílio Vaticano II

Assim como os aspectos querigmático e profético formam a hermenêutica bíblica de Francisco, outro elemento significativo para se compreender o modo de pensar do pontífice é o Concílio Vaticano II (1962-65).

¹⁴ PERRONI, *Querigma e Profecia*, p. 15-16.

¹⁵ PERRONI, *Querigma e Profecia*, p. 16.

¹⁶ PERRONI, *Querigma e Profecia*, p.16.

¹⁷ PERRONI, *Querigma e Profecia*, p. 16.

¹⁸ AQUINO JR., *Teologia em saída para as periferias*, p. 22.

¹⁹ PALÁCIO, C. apud AQUINO JR., *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas / Recife: Unicap, 2019, p. 23.

Nesse sentido, reforma parece ser o termo mais convergente para se entender a visão eclesial do papa. Esse foi um dos temas escolhidos por ele como foco de seu ministério petrino (EG, n. 17). Em sua visão eclesial, o Vaticano II foi o grande frescor reformador da Igreja em séculos, uma resposta aos desafios da modernidade. Reforma parece ser também o termo adequado, a fonte inspiradora de Francisco ao ler os “sinais dos tempos” do hoje da história e a qual a Igreja Católica não pode deixar às margens de seu caminho. Ela tem uma responsabilidade concreta com o anúncio de um Evangelho que não é letra morta da literatura cristã, mas o próprio Cristo que continua agindo e ensinando na realidade cultural de hoje e que chama a um apropriado processo de conversão todos aqueles que se dispõem a escutá-lo. Citando Paulo VI, Francisco expressa seu desejo de aplicação do magistério atual de forma a não retroceder. Ele diz:

a Igreja deve aprofundar a consciência de si mesma, meditar sobre o seu próprio mistério (...). Desta consciência esclarecida e operante deriva espontaneamente um desejo de comparar a imagem ideal da Igreja, tal como Cristo a viu, quis e amou, ou seja, como sua Esposa santa e imaculada (Ef 5, 27), com o rosto real que a Igreja apresenta hoje. (...) Em consequência disso, surge uma necessidade generosa e quase impaciente de renovação. (EG, n. 26)

Parece evidente na mentalidade do papa que muitos, na própria Igreja, colocam em contraposição o ideal e o real, quando na realidade são elementos que caminham concomitantemente unidos. O ideal sonhado e querido por Cristo é aplicado na concretude histórica em cada contexto e cultura. Sob esse ponto de vista, o Vaticano II foi e é essa consciência da Igreja peregrina (EG, n. 26).

Ainda que pareça, o papa não está trazendo algo novo para a vida eclesial, mas sim está colocando em prática aquilo que foi definido pelo Vaticano II e que, por determinadas interpretações ao longo da história pós-conciliar, foi sendo colocado à margem da vida eclesial. Esse olhar sobre um aspecto renovador que Francisco recupera do Concílio, ele o faz levando em consideração a realidade em que a Igreja se encontra.

Para ele, é perceptível que o mundo mudou e aspectos fundamentais da humanidade foram colocados em xeque. A tecnologia está presente, as múltiplas formas de pensar e de enxergar a vida em sociedade são latentes. Diante desse cenário, a Igreja não pode ficar parada, e Francisco tem essa consciência. Ele mesmo demonstra isso ao dizer que “o Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo” (EG, n. 26), e ainda, “como instituição humana e terrena, a Igreja

necessita perpetuamente de reforma” (EG, n. 26), ou seja, Francisco não inova, mas coloca em movimento o desejo da própria Igreja guiada pelo Espírito Santo.

A Igreja reformada pelo Vaticano II, a qual Francisco deseja colocar em movimento contínuo, é a Igreja do Espírito. O papa é sensível à inspiração na terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Segundo ele, “em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito” (EG, n. 12). Ele não tem medo de se deixar guiar pelo Espírito de Deus, porque sabe que é Ele que conduz a própria Igreja em sua peregrinação. Para Francisco, “um olhar de fé sobre a realidade não pode deixar de reconhecer o que semeia o Espírito Santo. Significaria não ter confiança na sua ação livre e generosa” (EG, n. 68). Para o papa,

os males do nosso mundo – e os da Igreja – não deveriam servir como desculpa para reduzir a nossa entrega e o nosso ardor. Vejamo-los como desafios para crescer. Além disso, o olhar crente é capaz de reconhecer a luz que o Espírito Santo sempre irradia no meio da escuridão, sem esquecer que, “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5, 20). (EG, n. 84)

De acordo com o pontífice, o ceticismo muitas vezes presente nos membros da Igreja pode tornar-se um entrave à ação do Espírito, à renovação da vida eclesial. Ao afirmar que os “males do mundo não podem se tornar desculpas” (EG, n. 84) para este processo renovador do Evangelho, deixa claro que o cristão não pode confiar nas próprias forças, no próprio modo de pensar e agir, mas sim deve deixar-se ser conduzido pela graça de Deus, pois “é preciso permitir que a alegria da fé comece a despertar, como uma secreta, mas firme confiança, mesmo no meio das piores angústias” (EG, n. 6). Desse modo, alinhado com o Vaticano II, o papa reafirma que a Igreja é de Deus, o Povo é de Deus, pela graça do batismo recebido (LG, n. 9-10).

Francisco parece ter consciência de que a grande reforma determinada pelo Concílio Vaticano II vem envolvida em suas controvérsias de interpretação. Tais controvérsias (continuidade ou ruptura) abriram feridas profundas na própria Igreja, ainda hoje, cinco décadas pós-concílio, e continuam a sangrar em alguns de seus membros que desejam um “estilo católico próprio do passado” (EG, n. 94).

Porém, a firme visão de Francisco sobre o Concílio não abre espaço para uma interpretação da interpretação, pelo contrário, para ele não há uma ruptura da tradição da Igreja nesse último Concílio, mas uma ação explícita do Espírito impulsionando a Igreja a seguir adiante em sua missão evangelizadora. Segundo o papa, o que pode haver, como fica demonstrado claramente do hoje da história, é um desejo de muitos de permanecerem no *status quo* que lhes traz seguridade, autorreferencialidade, poder e prestígio, elementos de clara

ruptura com o magistério conciliar (EG, n. 95). Comentando Francisco, França Miranda afirma que

qualquer mudança que ameace sacrificar o atual e *status quo* ou imponha a introdução de novos hábitos, sobretudo se exigem renúncias e provocam limitações ao bem-estar pessoal, não será de modo algum bem-vinda. [...] Não nos deveria surpreender que certa resistência às mudanças desejadas pelo Papa Francisco, embora despertem entusiasmo na maioria dos católicos, sejam vistas criticamente por alguns membros da hierarquia eclesiástica”.²⁰

Nesse processo de renovação eclesial, em que o olhar de Francisco se volta especificamente para o espírito do Vaticano II, outro elemento importante que ele leva em consideração é a conversão. Com efeito, a conversão não é apenas uma mudança superficial do ser cristão, mas sim um profundo processo de transformação da “mentalidade, da moralidade e do coração”²¹. Mediante essa abertura à conversão é que a Igreja pode se colocar e ao mesmo tempo se compreender, junto aos mais necessitados, excluídos e marginalizados, deixando de lado um pensamento “funcionalista e autorreferencial” (EG, n. 95), assumindo que “cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade” (EG, n. 187).

Longe de ser unanimidade entre os seus pares, Francisco encontra vozes discordantes dentro e fora da Igreja. Se por um lado o papa argentino se coloca no fluxo conciliar de diálogo e atenção às mudanças de época, por outro encontra grupos e pessoas contrários a essa posição e críticos de seu modo de governar a Igreja seguindo o sopro do Vaticano II. A Fraternidade Sacerdotal São Pio X (lefebvrianos) coloca-se contrária aos ensinamentos e interpretações dados pelo Vaticano II, desde seu término e, consecutivamente, ao magistério atual. Em entrevista concedida à repórter Regina Einig, dom Bernard Fellay, líder da Fraternidade, foi questionado sobre a separação do grupo da Igreja nos anos que seguiram o Concílio. Em resposta, reafirma, deixando explícita a controvérsia sobre a proposta de aproximação da Igreja com a modernidade, que “não se tratava de uma separação da Igreja, mas sim de um afastamento do espírito moderno, dos frutos do Concílio”, e continua afirmando que “agora, também há outros que admitem que se tratou [o Concílio Vaticano II] de algo que se desenvolveu de maneira equivocada”²².

²⁰ MIRANDA, *A reforma de Francisco*, p. 25.

²¹ MIRANDA, *A reforma de Francisco*, p. 24-27.

²² EINIG, R. Fraternidade São Pio X, a 30 anos da ruptura com Roma. Entrevista com Bernard Fellay. *Ihu On-Line*. 4 jul 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580535-fraternidade-sao-pio-x-a-30-anos-da-ruptura-com-roma-entrevista-com-bernard-fellay>. Acesso em: 10 jan 2022.

Na contramão do magistério atual de Francisco, figuras como cardeal Gerhard Müller, cardeal Raymond Leo Burke, Roberto Sarah, NAPA Institute e outros, questionam a hermenêutica eclesiológica do papa Francisco, principalmente em matérias de moral, liturgia e comportamento. Por exemplo, o cardeal G. Müller chegou a afirmar, comentando a proibição da missa em rito extraordinário proferida por Francisco, que “sem a mais mínima empatia, ignoram-se os sentimentos religiosos dos [...] participantes nas missas segundo o Missal de João XXIII. Em vez de apreciar o cheiro das ovelhas, o pastor aqui as golpeia com força com seu cajado”²³.

Diante de tal situação, Francisco parece não ter dificuldade em lidar com o contraditório, desde que não interfira na unidade eclesial, uma vez que, para ele, “a unidade prevalece sobre o conflito” (EG, n. 226). Esse modo de pensar é apresentado na *Evangelii Gaudium* quando afirma que “o conflito não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser aceitado” (EG, n. 226), o que implica uma mudança de paradigma na forma de se entender o pensamento discordante do outro. Nessa mesma linha de pensamento, ele chama a atenção para o cuidado que se deve ter diante do conflito, de pensamentos díspares, uma vez que “se ficamos encurralados nele, perdemos a perspectiva, os horizontes reduzem-se e a própria realidade fica fragmentada” (EG, n. 226).

1.2.3 A Doutrina Social da Igreja

Em sua primeira aparição pública em 13 de março de 2013, o recém-eleito chefe da Igreja Católica, cardeal Jorge Mario Bergoglio, dirigiu-se ao povo na praça de São Pedro e ao mundo nesses termos: “parece que meus colegas cardeais foram buscar o papa no fim do mundo”²⁴, uma referência clara à sua origem argentina e latino-americana. Um deslocamento de visão da Igreja da centralidade europeia às periferias do mundo. Uma simples afirmação carregada de forte demonstração de mudanças de paradigmas no *por vir* da vida eclesial católica.

O “papa do fim do mundo” traz consigo um outro olhar sobre a realidade por vezes deixada de lado por muitos que outrora se sentaram no trono de Pedro. O olhar de Francisco

²³ CRUZ, R. O cardeal Müller sobre o Papa. *IHU On-Line*. 22 jul 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/611317-o-cardeal-mueller-sobre-o-papa-em-vez-de-apreciar-o-cheiro-das-ovelhas-as-golpeia-com-forca>. Acesso em: 13 out 2022.

²⁴ FRANCISCO. *Discurso ao povo reunido na Praça de São Pedro*. 13 mar 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/renuncia-sucessao-papa-bento-xvi/noticia/2013/03/cardeais-foram-escolher-papa-no-fim-do-mundo-diz-francisco-i-em-bencao.html>. Acesso em: 4 fev 2022.

está abalizado pela realidade histórico-cultural da qual provém. Uma realidade marcada por desigualdade social, pobreza, falta de oportunidade, lutas políticas, economias fragmentadas, forte caráter de religiosidade popular, diminuição da influência católica, aumento do número de evangélicos etc. Seria impossível pedir ao novo sucessor de Pedro que deixasse de lado tal realidade que o formara para adotar para si uma visão de Igreja que não correspondesse àquela na qual estava inserido. Para ele, é evidente que “o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural” (EG, n. 116) e isso no seu modo de pensar é uma graça, um dom de Deus dado à Igreja.

Francisco é um homem latino-americano, jesuíta, aberto à realidade e ao diálogo, preocupado com as questões sociais. Por si só, esses elementos demonstram o modo de ser Igreja querido por Bergoglio.

Não se pode pedir que Francisco deixe de ser Francisco! A própria escolha de seu nome revela sua visão de mundo. O homem de Assis, o santo, não apenas cuidava dos pobres, como também vivia como eles e teve a convicta certeza de que fora chamado por Deus para “reconstruir a sua Igreja”. Ao aceitar o cargo que lhe era imposto, Francisco, o papa, fora recordado a não se esquecer dos pobres.

Já foi mencionado, anteriormente, que a hermenêutica bíblica de Francisco é caracterizada pelo anúncio querigmático e pela profecia. Deste modo, o papa olha para a realidade do seu tempo a partir do rosto de Jesus de Nazaré, de sua forma de viver. Aplica este modo cristificado a uma nova forma de ser Igreja, que leva em consideração a “opção preferencial pelos pobres”, vivida por Jesus, pela Igreja primitiva, e muito acentuada na Igreja latino-americana pós-conciliar. Ele deixa isso explícito ao afirmar que

não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho”, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. (EG, n. 48)

Em sua visão eclesiológica, não é possível uma dissociação entre fé e vida, entre anúncio e testemunho, pelo contrário, o testemunho do anúncio querigmático tem “uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG, n. 177). O próprio pontífice dedica todo um capítulo em sua primeira exortação apostólica ao tema da dimensão social, reafirmando assim a importância e o peso moral que tal perspectiva traz para a vida da Igreja.

Não é de se estranhar que Francisco leve em consideração o processo cultural como um lugar da evangelização que deve ser atingido, tocado, observado. Para ele, “as enormes e rápidas mudanças culturais exigem que prestemos constante atenção ao tentar exprimir as verdades de

sempre, numa linguagem que permita reconhecer a sua permanente novidade” (EG, n. 41). Desse modo, “uma cultura popular evangelizada contém valores de fé e solidariedade que podem provocar o desenvolvimento duma sociedade mais justa e crente” (EG, n. 68); “há uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho. [...], há que procurar novos processos de evangelização da cultura, ainda que suponham projetos a longo prazo” (EG, n. 69).

Ainda na busca de compreensão e da influência na doutrina social na vida eclesial do papa Francisco, alguns temas se tornam relevantes e sempre presentes em seus discursos, tais como: a imigração, os refugiados, o meio ambiente, a paz ou a fraternidade, a caridade. Ele entra em consonância com o Compêndio da Doutrina Social da Igreja que apresenta os princípios fundamentais da fé católica nesse aspecto (capítulo IV) e afirma que estes “constituem os verdadeiros e próprios gonzos do ensinamento social: [...] a dignidade da pessoa humana” (CDSI, n. 160).

Com um posicionamento firme a esse respeito, Francisco esclarece que a religião não pode ser subjugada ao intimismo ou ao privado sem que ela tenha ou reverbere influência na vida social de um povo (EG, n. 182), e “há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação” (EG, n. 262). Para o papa, “as obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito: ‘o elemento principal da Nova Lei é a graça do Espírito Santo, que se manifesta através da fé que opera pelo amor’” (EG, n. 37).

O Magistério Católico, do qual o papa é guardião e propagador, afirma que “a reciprocidade do amor é exigida pelo mandamento que Jesus mesmo define novo e seu [...] (Jo 13, 34). O mandamento do amor recíproco traça a via para viver em Cristo a vida trinitária na Igreja”, bem como reafirma que “o mandamento do amor recíproco, [...], deve inspirar, purificar e elevar todas as relações humanas na vida social e política” (CDSI, n. 32-33).

Essa perspectiva do amor ao próximo é que leva o sucessor de Pedro a colocar a Igreja em um caminho de cuidado com o outro, uma dimensão humanizadora capaz de demonstrar a face amorosa do cristão a um mundo descrente. Para o papa, olhar para o outro, sentir suas dores e necessidades, é, antes de tudo, amar. O amor requer a dignidade da pessoa humana. Não se pode amar sem se humanizar, do mesmo modo que não se pode humanizar-se sem que a perspectiva de fundo, sua base sólida, seja o amor verdadeiro (EG, n. 161).

Seu olhar para a realidade, principalmente no tocante aos desafios do desenvolvimento, da desigualdade social, faz do papa um homem com características singulares na cátedra de Pedro, mas não exclusivista. De acordo com Élio Gasda, “seu pontificado dá continuidade e aprofundamento à Doutrina Social da Igreja. Isso está demonstrado na *Evangelii Gaudium*, na *Laudato Si'* e em inúmeros de seus pronunciamentos”²⁵.

Segundo o autor, em uma memória histórica, “a Doutrina Social da Igreja, como ensinamento dos pontífices, nasce no século XIX, com a Encíclica *Rerum Novarum* de 1891”²⁶. De Leão XIII a Francisco, muito se desenvolveu sobre vários temas que foram compondo a Doutrina Social da Igreja (DSI). Temas ligados diretamente à vida cotidiana do povo em sociedade, dos fiéis que fazem parte da vida da Igreja, mas que também exercem uma vida social que está para além dos muros eclesiais. “Sua abordagem transita por diversas questões: trabalho, família, educação, política, economia, direitos humanos, paz, justiça social, ecologia etc.”²⁷.

Como o primeiro papa propriamente filho do Concílio, Francisco aplica o magistério à realidade de todo o povo de Deus. De acordo com Aquino Júnior, comentando e refletindo o pensamento do papa, Francisco tem clara, diante de si, a continuidade histórica do magistério social da Igreja e principalmente sua repercussão na América Latina, com Medellín, Puebla, Santo Domingos e Aparecida²⁸. Além disso, não se pode perder a perspectiva de que Francisco está imbuído da espiritualidade inaciana (jesuíta)²⁹ e das teologias latino-americanas: a Teologia da Libertação³⁰ e a teologia própria de seu país, a chamada Teologia do Povo.

²⁵ GASDA, E. E. *Doutrina Social*. Economia, trabalho e política. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 12.

²⁶ GASDA, *Doutrina Social*. Economia, trabalho e política, p. 11

²⁷ GASDA, *Doutrina Social*. Economia, trabalho e política, p.12.

²⁸ AQUINO JR., *Igreja dos Pobres*. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 12.

²⁹ Para uma compreensão dessa perspectiva na vida do papa Francisco, faz-se bem consultar a tese de doutorado de RIBEIRO, C. M. *O Espírito do Pastor*. A Espiritualidade Inaciana no Ministério do Papa Francisco. Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, PUC-SP, 2018, 244p. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/21597/2/C%C3%A9lia%20Maria%20Ribeiro.pdf>. Acesso em: 30 out 2022, p. 244. A autora afirma que “a compreensão da realidade, na perspectiva do papa Francisco, passa pelo dramático sentido ‘militante’, proveniente de Santo Inácio de Loyola e os seus Exercícios Espirituais. A meditação das ‘Duas Bandeiras’ (EE nº 136-148) ‘é a transposição dramática e a fundamentação teológica das regras de discernimento dos espíritos’. (ESCRITOS de Santo Inácio de Loyola, EE nº 136, nota de rodapé). Na representação inaciana do campo de batalha em que se compara de um lado Cristo como Senhor e de outro Lúcifer como inimigo mortal da natureza humana estão as dinâmicas para o discernimento em situação pessoal, que se pretende sempre voltado ao que conduz à identificação cristã”.

³⁰ LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea*. Encontro com a modernidade. São Paulo: Loyola, 2000, p. 136-137. Segundo o autor, a Teologia da Libertação (TdL) desenvolve-se a partir de Medellín (1968), assumiu a opção pelos pobres diante da situação de opressão a qual vivia o continente latino-americano, ao mesmo tempo, em que fora embasada na obra de Gustavo Gutiérrez de 1971, intitulada *Teologia da Libertação*. Para além das inúmeras controvérsias existentes em torno da TdL, fato é que esta teologia pretendeu responder às situações da América Latina, eclesiais e sociais, e não apenas reproduzir um modo de pensar teológico de outras localidades. Ainda segundo o autor, este modo de pensar latino-americano “intenta motivar e iluminar a fé do cristão na luta pela libertação”, ao mesmo tempo em que “ajuda-os, enquanto cristãos, a verem o que a sua fé diz sobre tal luta,

Essa Teologia do Povo exerce um papel mais significativo no modo de ser do papa argentino. Ela é caracterizada, de acordo com Juan Carlos Scannone, a partir da categoria “povo”, considerado tanto como *nação*, como *classe* popular. Para o autor, “a escola Argentina” é compreendida a partir da cultura enquanto “estilo de vida comum do povo”, ou seja, o olhar da teologia do povo volta-se para os pobres como guardiões da cultura própria de seu povo, “enquanto sujeitos estruturantes de sua maneira de conviver. (...) São os seus interesses que coincidem com um projeto histórico de justiça e de paz”³¹.

Para o pontífice, é relevante a atenção do cristão para com os pobres, uma vez que

o nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma atenção prestada ao outro “considerando-o como um só consigo mesmo”. (EG, n. 199)

Assim, na visão de Francisco, “os ensinamentos da Igreja acerca de situações contingentes estão sujeitos a maiores ou novos desenvolvimentos e podem ser objeto de discussão, mas não podemos evitar de ser concretos” (EG, n. 182). Ou seja, o cuidado com os pobres, com os excluídos, com a pessoa em realidade frágil deve ser reflexo da fé deixada como exemplo pelo próprio Cristo, uma vez que a práxis de vida de Jesus de Nazaré é um dos aspectos orientativos da fé cristã que não pode ser negligenciado e, nesse sentido, a Doutrina Social da Igreja é um guia seguro que Francisco acentua em seu ministério apostólico.

1.3 Traços eclesiológicos de Francisco na *Evangelii Gaudium*

Consciente da dificuldade de falar de uma eclesiologia deste pontificado, com todo o arcabouço acentuado por Francisco sobre a vida da Igreja, alguns elementos ajudam a entender como ele a compreende.

Não seria pertinente falar hoje de eclesiologia sem, contudo, ter como ponto de partida o primeiro capítulo da *Lumen Gentium*, fundamento doutrinal para a Igreja Católica e inspiração fecunda do papa Francisco para a *Evangelii Gaudium*. A Constituição Dogmática sobre a Igreja garante a fidelidade ao modo de pensar e compreender sua própria natureza. Segundo o Concílio

motivando-a, iluminando-a, criticando-a nos pontos em que possa ter entrado algo de anticristão”; enfim, para Libânio, “para desenvolver essa função crítico-social, coloca-se o pobre no centro da reflexão teológica, faz-se dele a sua preocupação principal, o seu movente último”.

³¹ SCANNONE, J.C. *A teologia do Povo*. Raízes teológicas do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 26-27.

Vaticano II, a Igreja é fruto da “vontade salvífica do Pai” (LG, n. 2), ou seja, sua natureza é vinculante com a fonte primária que é a própria Trindade. O Pai, no Filho, pela ação do Espírito, reúne seus filhos na Igreja com o firme propósito de salvação para os batizados, mas também para todos indistintamente.

Francisco, bebendo dessa fonte, faz transparecer a centralidade da figura do Cristo para a vida eclesial. Ele não declina do fato de que a Igreja é um “sacramento, instrumento” da graça, não de si mesma, mas da “luz que é o próprio Cristo para todos os povos” (LG, n. 1). Reafirma, ainda, a posição da Igreja no conjunto da obra de salvação como um canal, sacramento visível da vontade de Deus, ao mesmo tempo que tenta retirar do pensamento coletivo eclesial e laico a imagem de uma Igreja autorreferencial capaz de salvar os filhos de Deus, com um poder que ela em si não possui, uma vez que a salvação é dádiva de Cristo e, como centro da nossa experiência religiosa, somente Ele é capaz de um ato tão nobre. De acordo com o papa, “em toda a vida da Igreja, deve-se sempre manifestar que a iniciativa pertence a Deus, ‘porque Ele nos amou primeiro’ (1 Jo 4, 19) e é ‘só Deus que faz crescer’ (1 Cor 3, 7)” (EG, n. 12). Assim, a Igreja coparticipa desse processo, sustentada pela graça divina. A escolha da Igreja como sacramento visível dessa salvação se torna um atributo do querer divino, uma vez que somente Deus é a fonte única e inesgotável na qual os seus filhos podem beber e saciar-se “da fonte que nunca se esgota” (Jo 4,14).

Desse modo, parece importante recordar em linhas gerais o que significa eclesiologia. Para tal, aproveitar-se-á o pensamento de André Birmelé, que a classifica como a “reflexão destinada à Igreja”, colocando-a na “confluência das pesquisas sistemáticas, históricas e práticas” da discussão científica, com o objetivo de compreender a fé, em um contexto sociocultural plural. A eclesiologia é, portanto, “a concretização e a atualização da mensagem bíblica na vida quotidiana do povo de Deus”. Segundo o autor, o texto bíblico não traz um conceito eclesiológico, que se desenrola a partir dos Santos Padres quando abancam suas reflexões sobre a Igreja. Ao longo da história, esse conceito vai se formando, evoluindo e concretizando-se à luz de uma realidade cada vez mais necessária da compreensão eclesiológica³².

³² BIRMELÉ, A. Eclesiologia. In: LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 589. Na continuidade dessa reflexão sobre a Igreja, encontramos vários autores que pesquisam na tentativa de uma resposta mais alinhada com a realidade contemporânea e seus desafios. Para além dos próprios textos do Vaticano II, pode-se, a título de exemplificação, elencar: BOFF, C. *Uma Igreja para o próximo milênio*. São Paulo: Paulus, 1998; LIBANIO, J. B. *Igreja Contemporânea*. Encontro com a modernidade. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000; e MIRANDA, M. F. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.

Para Francisco, aquilo que a *Lumen Gentium* afirma sem hesitação – que “a Igreja é em Cristo” (n. 1) – não tem negociação, ou seja, fora do Filho do Homem não se compreende seu real significado. Essa consciência eclesiológica, acentuada pelo sucessor de Pedro, faz com que naqueles que abraçam a mensagem da boa nova, renasça a “alegria que se renova e comunica” (EG, n. 2) perenemente³³.

A renovação-comunicação e o desdobramento deste processo de compreensão dão-se pela ação do Espírito Santo, pois “a Igreja é a habitação do Espírito” (Ef 2, 22), uma vez que o Espírito é a “alma da Igreja evangelizadora” (EG, n. 261), conduzida por Ele até que se dê a plenitude dos tempos. Para o pontífice, a abertura ao Espírito na vida colegial da Igreja é determinante para o cumprimento da sua ação missionária. É a partir da graça do Espírito que os membros do Corpo místico são capazes de, ao mesmo tempo, anunciar o Evangelho e testemunhar não apenas seu compromisso de fé, mas também sua responsabilidade social. Para o papa, “quando uma comunidade acolhe o anúncio da salvação, o Espírito Santo fecunda a sua cultura com a força transformadora do Evangelho” (EG, n. 116), ou seja, é mediante a vontade de Deus, apresentada ao mundo pela ação do Espírito Santo, que a Igreja testemunha sua fé e ajuda na transformação da realidade onde é capaz de tocar.

A Exortação Apostólica reforça que o “Espírito Santo embeleza a Igreja, mostrando-lhe novos aspectos da revelação e presenteando-a com um novo rosto” (EG, n. 116). Afirma, ainda, que “o Espírito Santo enriquece toda a Igreja evangelizadora também com diferentes carismas. São dons para renovar e edificar a Igreja” (EG, n. 130). Nessa conjuntura, “as diferenças entre as pessoas e as comunidades por vezes são incômodas, mas o Espírito Santo, que suscita esta diversidade, de tudo pode tirar algo de bom e transformá-lo em dinamismo evangelizador que atua por atração” (EG, n. 131).

A partir dessa base eclesiológica, destacam-se, no pensamento do pontífice, três elementos importantes: a Igreja em saída, a Igreja misericordiosa e Igreja sinodal.

1.3.1 Igreja missionária ou “em saída”

Francisco dedica cinco itens de sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* para falar, especificamente, de uma Igreja “em saída”, ou missionária (n. 20). Nela faz um retorno ao texto bíblico, demonstrando que essa dimensão de “saída” perpassa do Antigo ao Novo Testamento

³³ W. Kasper, na obra *La alegría del Cristiano* afirma que “o motivo da Alegria cristã não é a Igreja. O motivo da Alegria é Deus, tal como se revelou para a nossa salvação em Jesus Cristo” (KASPER, W. *La alegría del Cristiano*. Bilbao: Sal Terrae, 2019).

(n. 20); fala da alegria missionária como fecundidade do anúncio, um convite do próprio Jesus (n. 21); vê a Palavra de Deus como potência, semente que cresce por si mesma ao ser lançada (n. 22); aponta que a Igreja de Jesus é itinerante e de comunhão (n. 23); demonstra que a Igreja em saída é uma comunidade de discípulos missionários que procura os afastados e convida os excluídos, que se envolve, encurta distâncias e “toca a carne de Cristo no povo” (n. 24).

Aqui parece pertinente recordar que a Igreja missionária é uma característica irrevogável do povo de Deus ao longo da história. Não sair significaria uma apostasia diante da vontade divina, pois, para o papa, “a comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (1Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, [...] e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos” (EG, n. 24).

Na visão de Francisco, o que ocorre nos dias de hoje com a tentativa de retorno a uma Igreja voltada para si, para dentro, por parte de muitos grupos e movimentos, eclesiais ou não, é a defecundidade da dimensão missionária como elemento transformador da vida eclesial e social. Sob esse ponto de vista, a imagem de uma Igreja autorreferencial, como o próprio papa a caracteriza, que se coloca no centro da atenção da vida religiosa de alguns grupos ou pessoas, é um aspecto negativo e uma forma errônea de se entender o anúncio do Reino de Deus (EG, n. 95). O próprio Jesus é itinerante (EG, n. 23). Cada texto do Evangelho demonstra o quanto o mestre não se prende a nenhum tipo de lugar físico, quicá existencial. Sua preocupação era difundir um Reino de justiça capaz de transformar a vida de todos, acarretando dignidade a cada um dos filhos de Deus igualitariamente.

Assim, uma Igreja em saída precisa estar aberta a todas as realidades do tempo presente, sem preconceitos ou medos de discutir as várias situações da existência humana e do agir em sociedade. O convite a um “novo céu e uma nova terra” (Ap 21,1) perpassa a transformação da realidade, tendo como fundamento a mensagem evangélica baseada no mandamento novo de amar Deus e o próximo, pois “um anúncio renovado proporciona aos crentes, [...] uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora” (EG, n. 11), uma vez que “o Ressuscitado envia os seus a pregar o Evangelho em todos os tempos e lugares, para que a fé nele se estenda a todos os cantos da terra” (EG, n. 19).

A dimensão missionária faz com que a Igreja entre nas inúmeras situações que envolvem aqueles que a ela pertencem, e até mesmo aqueles que não fazem parte do corpo eclesial de Cristo. Anunciar é tocar a realidade como um elemento característico do processo de construção da Jerusalém do alto e comprometer-se incondicionalmente com uma proposta sociotransformadora em que o bem comum é maior do que o individual. Nesse caso, a dignidade

humana passa a ser um elemento constitutivo na construção da sociedade, pois “é preciso conhecer e compreender o mundo em que se vive, [...] suas expectativas e seus desejos” (GS, n. 4).

Uma Igreja em saída é uma Igreja que está disposta a seguir os passos de Jesus independentemente das circunstâncias que o dia a dia impõe. Ela está sempre aberta à ação do Espírito Santo, que mostra os desafios diários da evangelização para a construção do Reino de Deus. Não sair é correr o risco de abandonar o mandato dado pelo Senhor, é negar a natureza missionária da comunidade eclesial e, assim, dificultar a fecundidade do Espírito para a transformação do mundo.

1.3.2 Igreja misericordiosa

Outro aceno da eclesiologia de Francisco é a misericórdia como expressão concreta da ética e da moral cristã, uma misericórdia transformadora das relações entre as pessoas. Para o papa, “a Igreja ‘em saída’ [...] vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva” (EG, n. 24). Essa mesma Igreja é “guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem” (EG, n. 188).

A misericórdia é um dos elementos acentuados pelo pontífice. Na *Evangelii Gaudium*, afirma isso de modo incisivo – o *desejo* de a comunidade oferecer misericórdia (n. 24) – e, posteriormente, vai retomar esse tema e dedicar um documento convidando a Igreja a experimentar um ano jubilar da misericórdia. Nessa bula, tomando por exemplo os textos do Antigo Testamento, o papa recorda principalmente os salmos, relevando o quão Deus é misericordioso para com Israel, que por diversas vezes proclama que “eterna é a sua misericórdia” (Sl 136). No Novo Testamento, principalmente nos Evangelhos, Francisco faz perceber algumas atitudes de Jesus que deveriam influenciar o amadurecimento da vida cristã, tais como: sentir compaixão (Mt 9, 36; Lc 7, 15); curar os doentes (Mt 14, 14); alimentar os famintos (Mt 15, 37); ensinar por meio de parábolas de misericórdia, como as da ovelha e da moeda perdidas ou do Pai misericordioso (Lc 15, 1-32). Ele também indica o texto no qual fundamenta a vida do cristão para um comportamento ético cotidiano, seja pela prática do perdão incessante (Mt 18,21-22), seja ao pedir e dar o perdão (Mt 18,23-35). Esses comportamentos extrapolam uma visão intimista da misericórdia, comprometendo cada batizado a uma vida regida por relações de alteridade com Deus e com o próximo.³⁴

³⁴ FRANCISCO. *Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia*. São Paulo: Paulus, 2015.

Difícilmente se pode compreender a eclesiologia deste pontificado sem olhar para a misericórdia, apontada e reconhecida como um comportamento cotidiano. Desse modo, afirma: “sem diminuir o valor do ideal evangélico, é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia” (EG, n. 44). Se até há pouco tempo a misericórdia era um atributo eclesial um pouco esquecido, Francisco a recupera como uma força surpreendente de renovação para a vida da Igreja. Acentuar essa dimensão não é apenas trazê-la de modo falacioso para a vida eclesial, mas sim é fazer com que se torne um *modus operandi* da esposa de Cristo que se coloca no lugar do outro, que sofre com outro e que é capaz de abraçá-lo do mesmo modo que abraça o próprio Cristo. Ademais, “a misericórdia não é apenas o agir do Pai, mas torna-se o critério para individuar quem são os seus verdadeiros filhos”, ou ainda, “somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco” (*Misericordiae Vultus*).

Ao comentar esse ponto de vista de Francisco, Gláucio A. F. de Souza aponta que a visão de misericórdia do pontífice não é espiritualista ou devocional, mas concreta, capaz de tocar a vida e o cotidiano de cada pessoa a ponto de ajudar na transformação nesta mesma realidade.³⁵

De acordo com a visão de Francesc Torralba sobre Francisco, a misericórdia é uma experiência que nasce nas entranhas e que afeta o mais profundo do ser de cada pessoa. É um assumir a miséria do outro como própria, integrando-a ao próprio ser, simpatizando-se com as suas dificuldades. Para o autor, ela se “opõe radicalmente à cultura da indiferença” que deve ser entendida como consequência da “blindagem do coração”. A misericórdia, por sua vez, “emerge de um coração vivo e grande que se quebra com o sofrimento do outro”³⁶. Desse modo, “a Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (EG, n. 114).

Por tanto, falar de misericórdia na visão de Francisco é ter presente não algo abstrato ou espiritualista. Pelo contrário, para ele, a misericórdia é uma expressão concreta da fé professada em Jesus Cristo e abraçada pela Igreja, que se abre aos outros sem medo e receio de cumprir o mandamento novo.

³⁵ Sobre a visão da misericórdia acentuada pelo papa Francisco e replicada na vida da Igreja, o autor demonstra em artigo o quanto a misericórdia é vista como forma comportamental da profissão de fé cristã. SOUZA, G. A. F. A misericórdia como remédio para a cultura da indiferença. *Encontros Teológicos*, v. 34, n. 3, 2019.

³⁶ TORRALBA, *Diccionario Bergoglio*, p. 226.

1.3.3 Igreja sinodal

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* expressa que o processo sinodal, ou a necessidade de caminhar juntos como povo de Deus, “se encarna nos povos da terra, cada um dos quais tem a sua cultura própria [...] e cada povo, na sua evolução histórica, desenvolve a própria cultura com legítima autonomia” (EG, n. 115). Isso implica afirmar que não pode fechar-se a uma visão de evangelização baseada em uma única cultura. A riqueza cultural é um dom do Espírito e precisa ser valorizada. “Nos diferentes povos, que experimentam o dom de Deus segundo a própria cultura, a Igreja exprime a sua genuína catolicidade e mostra ‘a beleza deste rosto pluriforme’” (EG, n. 116). Assim, não se pode reduzir a experiência cristã a uma forma de expressão, uniformizando o modo e a práxis da experiência religiosa de cada povo, “porque a fé não se pode confinar dentro dos limites de compreensão e expressão de uma cultura” (EG, n. 118). Fazer esse confinamento, seria o mesmo que querer aprisionar o Espírito que conduz a Igreja e reduzir sua ação de forma controladora e manipuladora, a partir de uma restrita visão de mundo.

Ainda de acordo com Francisco, “em todos os batizados [...], atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar. [...] Infalível ‘*in credendo*’, ou seja, ao crer não pode enganar-se” (EG, n. 119), isso demonstra a responsabilidade que cada batizado tem ao assumir a fé em Cristo na Igreja e o quanto faz-se urgente dar razões da fé professada, pois “cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução de sua fé, é um sujeito ativo da evangelização” (EG, n. 120). Isso não pode ser negligenciado ou reduzido a um ativismo pastoral. Cada batizado exerce ativamente sua fé como dom do Espírito para a edificação do corpo de Cristo que é a Igreja.

O dever participativo de todos na vida da Igreja é explicitado no terceiro capítulo da *Evangelii Gaudium* ao falar do anúncio do Evangelho. Para o papa, “todo povo de Deus anuncia o Evangelho”, uma vez que “a evangelização é dever de todos” (EG, n. 111). *Todos* assume aqui uma categoria primordial dos batizados, está para além vida clerical ou consagrada. Dito de outra forma, faz parte do sacerdócio comum dos fiéis que são chamados não apenas a ouvir a mensagem cristã ou vivê-la de forma privada, mas, ao contrário, devem ser considerados ativos em toda a sua forma de expressão na assembleia dos crentes. “Todo o povo de Deus” para Francisco significa toda a Igreja, independentemente dos cargos exercidos por seus membros. Essa distinção é importante para dissipar uma visão clericalista, autorreferencial e de

realiza de uma pequena porção da assembleia, dentro do grande universo de todos os batizados. “A sinodalidade expressa a natureza da Igreja, a sua forma, o seu estilo, a sua missão”³⁷.

Mário de França Miranda, discorrendo sobre esse tema, fala da necessidade de “reconhecer que herdamos um catolicismo onde o hierárquico vale mais que o comunitário, a fidelidade à lei sobrepuja a docilidade ao Espírito”³⁸. Nesse aspecto, parece existir um problema de linguagem interpretativa quanto ao modo de compreender o que o Concílio Vaticano II quis recuperar, na dimensão de cooperação eclesial ou de sinodal. Para um maior entendimento do que o papa Francisco propõe para a Igreja, como um desafio de reestruturação eclesial, faz-se pertinente uma anamnese do elemento teológico da sinodalidade para os dias de hoje.

De acordo com o autor, a literatura bíblica assegura, nos textos veterotestamentários, que Deus, ao afirmar que “se obedeceres a minha voz, e guardardes a minha Aliança, sereis o meu povo particular entre todos os povos” (Ex 19,5), elege um povo para si, como expressão de cuidado pessoal, ao mesmo tempo em que o coloca como anunciador vivo do Reino que deseja estabelecer. Assim, esse povo se caracterizava quase como uma “sociedade alternativa” para as demais nações, diferenciando-se pelo compromisso de afastamento dos comportamentos oriundos do pecado humano, tais como: “injustiças, sofrimentos, agressividade, desuniões, violências etc.”³⁹.

Desse modo, para França Miranda, Jesus aparece como cumprimento das promessas de Deus feitas a seu povo; evidencia esse Reino segundo a vontade do Pai, ao mesmo tempo que apresenta sua mensagem e constitui para si um grupo de pessoas, apóstolos, que formam com Ele uma comunidade capacitada para a continuidade do anúncio e do projeto de Deus (Mt 10). Assim, “nasce o novo povo de Deus, a comunidade cristã, [...] a Igreja”⁴⁰.

Sendo assim, de acordo com Francisco,

o livro dos Atos é a história de um caminho que começa em Jerusalém e, através da Samaria e da Judeia, continua nas regiões da Síria e da Ásia Menor e depois na Grécia, concluindo-se em Roma. Este percurso narra a história em que caminham juntos a Palavra de Deus e as pessoas que àquela Palavra dedicam atenção e fé. A Palavra de Deus caminha conosco. Todos são protagonistas, ninguém pode ser considerado um mero figurante.⁴¹

³⁷ FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos fiéis da Diocese de Roma*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-diocesiroma.html>. Acesso em: 9 ago 2022.

³⁸ MIRANDA, *Igreja Sinodal*, p. 32.

³⁹ MIRANDA, *Igreja Sinodal*, p. 14.

⁴⁰ MIRANDA, *Igreja Sinodal*, p.14.

⁴¹ FRANCISCO, *Discurso do papa Francisco aos fiéis da Diocese de Roma*.

É a partir desse anúncio, direcionado a todos indistintamente, que no decurso da história estrutura-se a Igreja como assembleia reunida dos que “perseveravam na doutrina dos apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações” (At 2,42), demonstrando que a “finalidade da Igreja é realizar e proclamar para a sociedade o projeto divino, resumido na pregação de Jesus como o ‘Reino de Deus’”. Ademais, não se pode esquecer que a “eleição é de um povo, e não de um indivíduo”, pois “todos são membros ativos, como fica claro na prescrição que Paulo oferece das comunidades cristãs primitivas (1Cor 12,1-11) ou na metáfora do ‘Corpo de Cristo’, no qual todos os membros são necessários em vista da missão (1Cor 12,12-30)”⁴².

Ainda de acordo com França Miranda, o pontificado de Francisco, ao acentuar a dimensão sinodal, abre perspectivas para uma compreensão e abordagem a partir de vários aspectos bíblico-eclesiais. Aqui destaca-se o aspecto trinitário. Seguindo essa linha de raciocínio, o autor indica que o papa acentua de forma explícita o que o Vaticano II instituiu como categoria “povo de Deus” ao falar da identidade da Igreja (LG, n. 9). Assim,

a prioridade do povo de Deus, tal como vem atestada na Bíblia, e ressaltada pelo Concílio Vaticano II, constitui também uma tônica dos pronunciamentos e as ações do papa Francisco, onde, “todo ‘batizado, independente da própria função na Igreja e do grau de instrução de sua fé, é um sujeito ativo de evangelização” (EG, 120). Com outras palavras, a missão pertence sem mais à identidade do cristão (EG, n. 273).⁴³

França Miranda desenvolve uma síntese trinitária do pensamento de Francisco a partir do Vaticano II, em que “o projeto do Pai é a eleição de um povo em vista da realização do Reino de Deus”, “por parte do Filho” em “sintonia com o Espírito Santo”⁴⁴. A imagem trinitária, deste modo, torna-se a base e ao mesmo tempo fundamento para o desenvolvimento eclesiológico de uma prática colegial por parte dos bispos com o sucessor de Pedro. No entanto, essa prática é sinodal, de todo o povo de Deus, como parte de um mesmo corpo exercendo uma mesma missão, porém com funções distintas no corpo eclesial. Ressalta-se que “a sinodalidade visa tornar efetiva e eficaz a participação de todos na Igreja”⁴⁵ não somente na execução das funções batismais, mas também na tomada de decisão em relação a toda a vida eclesial, em constante processo de conversão.

⁴² MIRANDA, *Igreja Sinodal*, p. 14-15.

⁴³ MIRANDA, *Igreja Sinodal*, p. 41.

⁴⁴ MIRANDA, *Igreja Sinodal*, p. 41-51.

⁴⁵ CIPOLLINI, P. C. *Por uma Igreja Sinodal. Sinodalidade, tarefa de todos*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2022, p. 51.

Assim, compreender que o Espírito conduz a Igreja a um processo sempre renovador é, na perspectiva do papa, deixar-se guiar pela graça divina, pois “o princípio da *primazia da graça* deve ser um farol que ilumine constantemente as nossas reflexões sobre a evangelização” (EG, n. 112).

Entende-se que a conversão carece ser uma atitude que nasça de convicções, uma vez que toda a Igreja está em “estado permanente de missão”, em todas as regiões da terra” (EG, n. 25). Pois assim como a Igreja convida seus fiéis a um processo de conversão permanente à mensagem de Jesus Cristo, ela também convida aqueles que têm a responsabilidade do governo, do ministério ordenado e os consagrados (as) a viverem este processo de transformação “através da íntima mudança do homem todo”⁴⁶, que necessariamente precisa tocar a consciência, ou seja, uma conversão do pensamento que leva a uma conversão do coração e do comportamento.

A sinodalidade como expressão da fé da Igreja ao longo de toda a sua história de modo algum deveria tornar-se um ponto de divergência, pelo contrário, pelo próprio teor e desenvolvimento magisterial ao longo de toda a trajetória na tradição de séculos, pode ser abraçada hoje como um elemento renovador na caminhada eclesial. Enraizada em um permanente pentecostes, ultrapassa tempo e espaço, culturas e pessoas, ideologias e vontades próprias, uma vez que se trata de um dom do Espírito de Deus derramado permanentemente na vida da Igreja, pois, como afirma o papa “a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos crescendo” (EG, n. 121).

Como conclusão desse capítulo, pode-se dizer que o olhar do papa para a realidade é um olhar coerente com os ensinamentos da Igreja ao longo da história. Esse olhar torna-se um convite ativo para todos os que desejam não somente conhecer Cristo Jesus, mas anunciá-lo e consecutivamente anunciar o Reino de Deus. Desse modo, para compreender o pensamento de Francisco, sua hermenêutica acerca de Jesus de Nazaré, faz-se necessário observar onde ele fundamenta seu pensamento – na escritura em sua dimensão querigmática e profética, no Concílio Vaticano II, com toda a riqueza renovadora trazida por seus ensinamentos, e na Doutrina Social da Igreja, com o compromisso à responsabilidade de fé refletida no cuidado com o outro, imagem de Deus.

Nessa construção eclesiológica, o papa, ressalta o convite a ser uma Igreja capaz de sair de si e ir ao encontro de todos e, ao mesmo tempo, finca raízes no Cristo misericordioso como exemplo a ser seguido e que convida todos a caminhar juntos na construção do Reino de Deus, já no hoje da história.

⁴⁶ CNBB. *Sacramentário*. Ritual da Penitência. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 38.

Os elementos apontados neste capítulo dão sustentação para a forma de compreender não somente a visão do papa Francisco sobre e a realidade, como, também, sua forma de entender os desafios da Igreja contemporânea. Tal posicionamento eclesial ajuda-nos a vislumbrar o que ele entende por mundanismo espiritual e como essa forma de agir, dentro da Igreja, necessita ser corrigida, em nome da unidade do Corpo de Cristo e de sua missão evangelizadora. A denúncia de Francisco a um estilo de Igreja, por parte de alguns, apegada aos ritos e doutrinas pré-Vaticano II, parece ser uma correção de rumos e princípios, sustentados pelos textos conciliares vigentes.

2 “MUNDANISMO ESPIRITUAL” NA *EVANGELII GAUDIUM*

Mundanismo espiritual é uma expressão utilizada pelo monge e abade beneditino dom Anscar Vonier (1875-1938) e citada por Henri De Lubac, na obra *Meditações sobre a Igreja* de 1953, em que “expõe a doutrina com sua implantação na história e sua eloquência vital para o presente”, ou ainda, “quer criar sentido de Igreja, ajudar ao cristão a ser *anima in Ecclesia*, levando a Igreja ao coração dos homens”⁴⁷.

É dessa obra que vem a inspiração do papa Francisco apresentada na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o mundanismo espiritual, uma vez que De Lubac o classifica como sendo “um realce da outra mundanidade, cujo ideal moral, inclusive espiritual, seria o homem e seu perfeccionismo, no lugar da glória do Senhor”, o que faz com que tal postura evidencie que “a mundanidade do espírito é uma atitude radicalmente antropocêntrica”⁴⁸.

De acordo com o pontífice, é necessário dar atenção a algumas atitudes comportamentais bem como ao modo de pensar de alguns dentro da fé católica hoje para não sucumbir a um modelo de fé autorreferencial e personalista, em que o culto à pessoa está posto no lugar central da vivência eclesial. Para Francisco, esse tipo de comportamento “manifesta-se em muitas atitudes, aparentemente opostas, mas com a mesma pretensão de ‘dominar o espaço da Igreja’” (EG, n. 95). Desse modo, pergunta-se: o que caracteriza, na visão de Francisco, o mundanismo espiritual?

2.1 Retorno a antigas heresias

No número 94 da *Evangelii Gaudium*, o papa Francisco alerta sobre a retomada de algumas heresias na vida da Igreja por parte de alguns de seus membros. Ele se detém, especificamente, em duas principais, que, no seu modo de ver, são uma grande tentação para o cristão contemporâneo: o gnosticismo e o neopelagianismo.

É importante observar que, na *Evangelii Gaudium*, não se encontra o termo “heresia” ao se falar desses dois movimentos, porém, o significado das expressões demonstra que se tratam de heresias dos primeiros séculos do cristianismo. Assim, por heresia⁴⁹ compreende-se

⁴⁷ DE LUBAC, *Meditación sobre la Iglesia*, p. 19.

⁴⁸ DE LUBAC, *Meditación sobre la Iglesia*, p. 397.

⁴⁹ Pode-se buscar uma maior compreensão do termo em KERN, W. Heresia. In: LACOSTE, J.Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 815-816, onde o autor explana não apenas o significado, mas também o desenvolvimento histórico, bem como sua fundamentação bíblica.

“a negação pertinaz, após a recepção do batismo, de qualquer verdade que se deve crer com fé divina e católica, ou a dúvida pertinaz a respeito delas” (CDC, cân. 751). Isso significa dizer que “a heresia consiste para um batizado em negar obstinadamente determinada verdade de fé”⁵⁰, seja de forma intelectual, oriunda de reflexões acadêmicas, seja prática, que na sua maioria estão latentes no dia a dia das comunidades.

O que o papa parece demonstrar nesta reflexão é o fato de que muitos católicos, hoje, talvez por uma falta de compreensão do magistério atual, recusam os ensinamentos do Concílio Vaticano II e, consecutivamente, do magistério posterior a ele, alegando ser uma ruptura do que chamam convenientemente de tradição (t) católica (EG, n. 70).

Nessa mesma linha de pensamento, o Dicastério para a Doutrina da Fé, corroborando com a preocupação do papa em relação ao retorno de antigas heresias, emite uma carta onde reafirma veementemente que “a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo” (PlaD, n. 1). Isso implica dizer que, ao fiel católico, não se pode buscar fundamentar a fé senão no único e seguro Senhor, Cristo Jesus, independentemente das mudanças culturais das sociedades.

2.1.1 Gnosticismo⁵¹

Quando o papa Francisco denuncia o gnosticismo na Igreja de hoje, está evidenciando o que caracteriza como sendo

uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência de sua própria razão e dos seus sentimentos. (EG, n. 94)

⁵⁰ KERN, Heresia, p. 815.

⁵¹ De acordo com o BRAUN, R. Gnose. In: LACOSTE, J.Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 773-774: “gnosticismo designa o movimento religioso que nos primeiros séculos do cristianismo se desdobra numa multidão de seitas que partilhavam uma comum concepção de gnose, combatida e rejeitada pela Igreja”, e por gnose ele entende o “conhecimento absoluto” que “ultrapassa a simples fé” garantindo a salvação. Para ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 565, esse movimento se caracteriza pela mistura de elementos “cristãos míticos, neoplatônicos e orientais” que acreditam serem capazes de levar o indivíduo à salvação. Por esta forma esotérica de se enxergar o cristianismo primitivo, São Paulo parece identificá-lo e ao mesmo tempo combatê-lo, ao reafirmar à comunidade de Corinto que a fé oriunda do evangelho – pregado e testemunhado pelos apóstolos e por ele – na ressurreição de Cristo, é que, de fato, pode levar à salvação (cf. 1Cor 15), e, de acordo com Bazán, não o fato de alguém “possuir o conhecimento” de forma privilegiada e assim ser capaz de conduzir-se e conduzir alguém à salvação (BAZÁN, F. G. Gnose. In: TAMAYO, J. J (Org.). *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 248).

Perceba-se que uma fé “fechada no subjetivismo” (EG, n. 94), como diz o papa, leva o indivíduo a compreender o mundo a partir de sua própria visão, de seus conceitos anteriormente apreendidos e transmitidos de forma a fazer com que o outro adira a seu modo de pensar e viver, aceitando como princípio de vida aquela forma de conhecimento comunicado por terceiros e não aquilo que foi transmitido pela Sagrada Escritura ou pela Tradição da Igreja. Em muitos casos, o gnóstico faz com que o conhecimento acerca da doutrina ou de certos princípios filosóficos/religiosos torne-se supostamente a verdade absoluta para a sua própria medida de fé e do seu ouvinte (EG, n. 94). Não passa senão de um conhecimento que é profundo na letra, mas raso no envolvimento humano, no outro como pessoa portadora de uma história e de realidades particulares. Segundo Francisco, “este critério impele-nos a pôr em prática a Palavra, a realizar obras de justiça e caridade nas quais se torne fecunda esta Palavra” (EG, n. 233).

A partir desse modo de ser supostamente embasado em uma experiência de “fé fechada no subjetivismo” (EG, n. 94), o gnóstico apresenta-se como aquele capaz de responder às inúmeras indagações postas à vida pelo crente. Suas respostas, recheadas de conteúdo doutrinal, são capazes de acalantar a psique humana, por vezes fragilizada por situações existenciais ou sensíveis da realidade, levando a uma falsa imagem de segurança religiosa capaz de conduzir à salvação, como se a medida de conhecimento a respeito dos conteúdos da fé, sua doutrina e respostas assegurassem o Reino de Deus. Na concepção de Francisco, falando sobre o chamado à santidade, “os ‘gnósticos’ [...] julgam os outros segundo conseguem, ou não, compreender a profundidade de certas doutrinas” (GEx, n. 37).

Na percepção de Francisco, essa forma de responder à antropologia histórica do crente levou o gnosticismo a ser combatido ao longo dos primeiros séculos do cristianismo, porque distorcia a compreensão da graça libertadora da encarnação do Verbo (Jo 1,14) como realidade que abraça a totalidade da dimensão humana. Assim, para ele, esse tipo de pensamento ajuíza poder “conceber uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada numa enciclopédia de abstrações” (GEx, n. 37) que, a partir de uma visão dualista separa criação da redenção ou o mundo sensível (potências más) do espiritual (Deus transcendente).⁵²

A denúncia do pontífice faz perceber ainda que essa forma de pensar torna-se uma ideologia incapaz de compreender ou de adentrar-se no mistério da graça santificante de Deus, no caso cristão. Coloca-se como um tipo de pensamento narcisista, em que sua palavra e seu “conhecimento” guardam as respostas que dão segurança à vida daquele que crê. Segundo

⁵² BRAUN, Gnose, p. 773.

Francisco, “o gnosticismo é uma das piores ideologias, pois ao mesmo tempo em que exalta indevidamente o conhecimento ou uma determinada experiência, considera que a sua própria visão da realidade seja a perfeição” (GEx, n. 40).

De acordo com o pontífice, “quem quer tudo claro e seguro pretende dominar a transcendência de Deus” (GEx, n. 41). Em sua lógica, isso implica dizer que, nos dias de hoje, encontram-se pessoas, grupos, movimentos, clérigos e bispos que pretendem dar uma resposta a todos os acontecimentos do tempo presente, como se a Igreja pudesse responder a todas as situações da existência humana, esquecendo-se que “Deus supera-nos infinitamente, é sempre uma surpresa e não somos nós que determinamos a circunstância histórica em que O encontramos” (GEx, n. 41). Esse tipo de pensamento nada mais reflete que um modelo eclesiológico alicerçado em um suposto poder sobre o mundo que a Igreja teria. Acaba-se por negar que ela faz parte deste mundo, uma vez que “caminha juntamente com toda a humanidade, participa da mesma sorte terrena do mundo e é como que o fermento e a alma da sociedade humana” (GS, n. 40). Assim, a Igreja, à luz do Evangelho e de sua grande Tradição magisterial, procura compreender a realidade do tempo presente, procura dar uma resposta evangélica às múltiplas situações da humanidade (GS, n. 1).

Observando o impacto desse modo de pensar acusado pelo pontífice, o Dicastério para a Doutrina da Fé ressalta que em

uma salvação meramente interior, fechada no subjetivismo [...], pretende-se [...], libertar a pessoa do corpo e do mundo material, nos quais não se descobrem mais os vestígios da mão providente do Criador, mas se vê apenas uma realidade privada de significado, estranha à identidade última da pessoa e manipulável segundo os interesses do homem. (PlaD, n. 3)

Ou seja, pensa um bem-estar espiritual centrado em si e nos desejos satisfatórios, que ajude a um modo de vida quase que sincrético, em que o Cristo como Salvador é mais um em meio às inúmeras ofertas religiosas, ou, ainda, pode ser visto e professado como Salvador, porém, refém da compreensão subjetiva do pseudocrente.

De acordo com o papa, um dos grandes desafios eclesiais desse tempo é a superação desse tipo de mundanismo espiritual gnóstico. Para ele, há hoje, nas grandes mídias, nas redes sociais, na internet, nos púlpitos, pessoas que, seguras em sua própria interpretação doutrinal, distorcem os ensinamentos do magistério em detrimento de uma visão eclesial própria e subjetiva. Essas distanciam-se da realidade (EG, n. 231) e rogam para si o direito de “falar em nome da Igreja” e não mais de ensinar o que a Igreja ensina (CDC, cân. 747-772) para os

homens e mulheres de seu tempo, uma vez que “guardar o Depósito da Fé é missão que o Senhor confiou à sua Igreja e que ela cumpre em todos os tempos”⁵³.

Recordando o Concílio, é importante, pois, o reconhecimento de que o Espírito Santo fala ao coração da Igreja, *para e no* tempo em que ela se encontra (GS, n. 1). Desse modo, ela “deve tornar presente e como que visível a Deus Pai e a seu Filho encarnado, renovando-se e purificando-se continuamente sob a direção do Espírito Santo” (GS, n. 21), pois “a missão da Igreja dá continuidade histórica à missão de Cristo, de que é uma extensão do tempo” (AG, n. 5).

Por tanto, o gnosticismo, como forma de agir eclesial, deve ser entendido como uma visão subjetiva da fé e vivência da religiosidade. Essa forma errônea escanteia o Cristo como Senhor e Salvador e põe em risco a verdade cristã, uma vez que reduz a salvação ao intimismo, repudiando a realidade histórica, do humano, do outro, por fim, da Encarnação do Verbo de Deus.

2.1.2 Neopelagianismo⁵⁴

Outra atitude eclesial denunciada por Francisco, ao falar do mundanismo espiritual, é o que ele denomina “neopelagianismo” (EG, n. 94). O papa vê, nessa forma de refletir e viver a fé, um perigo para o hoje da Igreja. Em muitos movimentos eclesiais, em muitos bispos, padres e religiosos em geral, encontramos um viés dessa forma torpe de enxergar a fé. Mas também hoje pode-se perceber esse modo equivocado no comportamento de muitos leigos, dentro e fora da Igreja, que desejam, em nome de uma perfeição moral, impor como regra de vida ao outro – principalmente quando esses carecem de uma base sólida de conhecimento e formação ou se encontram fragilizados por alguma circunstância da vida – uma “suposta segurança doutrinal e disciplinar” (EG, n. 94) na qual o fiel acaba por se aprisionar em todo um sistema religioso de

⁵³ JOÃO PAULO II. *Constituição Apostólica Fidei Depositum*. Para a publicação do Catecismo da Igreja Católica redigido depois do Concílio Vaticano II. 11 out 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19921011_fidei-depositum.html. Acesso em: 6 jun 2022.

⁵⁴ Conforme Abbagnano, o pelagianismo advém do pensamento do monge inglês Pelágio, que no séc. V ensinava, em Roma e Cartago, “que o pecado de Adão não enfraquece a capacidade humana de fazer o bem, mas é apenas um mau exemplo que torna mais difícil e penosa a tarefa do homem” (ABBAGNANO, *Dicionário de Filosofia*, p. 872-873. Assim, essa forma de pensar o pecado é contrária àquilo que a Igreja ao longo dos séculos entendeu como sendo “pecado original”. Essa doutrina também foi combatida veementemente por Santo Agostinho, que entendia justamente o oposto do pensamento de Pelágio. Para Agostinho, “toda a humanidade [é] pecadora com Adão e em Adão e que, portanto, o gênero humano é uma única ‘totalidade condenada’: nenhum de seus membros pode escapar à punição a não ser pela misericórdia e pela graça”. De acordo com Vannier, Pelágio propõe “sobretudo uma ‘Igreja de puros’, de cristãos perfeitos” (VANNIER, M. A. Pelagianismo. In: LACOSTE, J. Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1376-1377).

regras e normas, como se o mero cumprimento dessas garantisse a salvação eterna. Assim, que tal crente, com base nessa errônea doutrina pelagiana, hoje

só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado. É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar. (EG, n. 94)

Na visão do papa, o neopelagianismo é uma postura com características contrárias à mensagem evangélica e com a autêntica Tradição (T) da Igreja Católica. Nessa perspectiva, características como “autorreferencialidade, confiar em suas próprias forças, superioridade aos outros, segurança doutrinal e disciplinar e elitismo narcisista e autoritário” (EG, n. 94) não apenas afastam o fiel da fonte evangélica, como também acabam por distorcer o conteúdo do *depositum fidei* e a “verdadeira doutrina dos apóstolos” (At 2,42) transmitida pela Igreja ao longo dos séculos e comprometida com a libertação integral realizada por Jesus Cristo, pois “aquilo que uma vez foi pregado pelo Senhor ou aquilo que n’Ele se operou para salvação do gênero humano, deve ser proclamado e espalhado até aos confins da terra [...], de modo que [...] alcance o seu efeito em todos, no decurso dos tempos” (AG, n. 3).

Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, retomando a *Evangelii Gaudium*, o pontífice fala a respeito deste neopelagianismo e de como ele obsta na busca pela autêntica santidade. Se o pelagianismo tem por base a negação do pecado original e falsa visão de pureza daqueles que abraçam a fé, isso significa dizer que, para essa doutrina, o que vem em primeiro lugar é tão somente a “vontade humana ou o esforço pessoal” (Gex, n. 47). Para eles, afirma o papa, ao cristão basta o cumprimento irrestrito da lei, dos ensinamentos ou dos propósitos estabelecidos em sua própria conduta de vida e sua execução, por vezes penosas em tais propósitos, para que se alcance a salvação desejada. Nessa perspectiva, percebe-se o erro da ausência do conteúdo da graça divina como elemento fundamental e essencial da compreensão da salvação. Não é por desejo pessoal ou esforço que alguém se salva, a salvação é dada pela vontade de Deus, a qual chama-se de graça ou misericórdia. Nela a iniciativa é sempre de Deus, ao passo que o amor primeiro tem sua origem no coração divino. Segundo o papa Francisco,

o poder que os gnósticos atribuíam à inteligência, alguns começaram a atribuí-lo à vontade humana, ao esforço pessoal. Surgiram, assim, os pelagianos e os semipelagianos. Já não era a inteligência que ocupava o lugar do mistério e da graça, mas a vontade. Esquecia-se que “isto não depende daquele que quer nem daquele que

se esforça por alcançá-lo, mas de Deus que é misericordioso” (Rm 9, 16) e que Ele “nos amou primeiro” (1 Jo 4, 19). (GEx, n. 47)

Sendo assim, faz-se importante a compreensão dos mistérios de Deus na vida do batizado, para que esse, imbuído do Espírito Santo e no exercício de sua plena consciência, mesmo diante da fragilidade do pecado que lhe toca, entenda que tudo o que faz e professa é oriundo da graça misericordiosa de Deus. Para o papa, querer usurpar para si um certo tipo de comportamento que aprisiona ao invés de libertar, que acredita mais no cumprimento e em suas próprias vontades e leis do que na graça divina é afastar-se radicalmente do que a Igreja vive e prega, mesmo convictos de que fazem o certo em nome da fé verdadeira e pura, pois é necessário reconhecer que “por pura graça, Deus atrainos para nos unir a Si” (EG, n. 112). Desse modo, “é preciso resistir com decisão e veemência àqueles que consideram ser possível às forças humanas da vontade, sem o auxílio divino, ou viver na justiça ou nela progredir após tê-la alcançado”⁵⁵.

A crítica de Francisco pode ser vista como um alerta tsunâmico contra aqueles que desejam profundamente romper com o magistério atual em detrimento de uma forma de pensar autossuficiente e arrogante, um “restauracionismo que chegou para amordaçar o Concílio”⁵⁶, nas palavras do papa. Tal forma nada mais seria que a usurpação narcísica de colocar, à frente do magistério eclesial, sua própria forma de compreender a fé à luz de uma distorcida imagem de perfeição moral, capaz de ditar a outros o modo de ser e de agir. “Para poder ser perfeitos, como é do seu agrado [de Deus], precisamos de viver humildemente na presença d’Ele, envolvidos pela sua glória, [...], reconhecendo o seu amor constante na nossa vida” (GEx, n. 51).

Nesse mesmo movimento explicativo, o Dicastério para a Doutrina da Fé afirma que,

o individualismo centrado no sujeito autônomo, tende a ver o homem como um ser cuja realização depende somente das suas forças. Nesta visão, a figura de Cristo corresponde mais a um modelo que inspira ações generosas, mediante suas palavras e seus gestos, do que Aquele que transforma a condição humana. (PlaD, n. 2)

Desse modo, o crente corre o risco, de se perceber como autossalvador, uma vez que, na sua concepção, não dependeria exclusivamente da graça divina, mas sim de suas práticas

⁵⁵ AGOSTINHO, *De Spir. et Litt*, 3,5.

⁵⁶ ACI DIGITAL. *Papa critica “restauracionismo”*. 14 jun 2022. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/papa-critica-restauracionismo-contrario-ao-vaticano-ii-em-entrevista-a-jesuitas-65809>. Acesso em: 28 out 2022.

religiosas, fazendo-o abandonar a humildade de se reconhecer justificado pela fé professada em Cristo Jesus.

Afastar-se da humildade significa afastar-se do próprio Cristo, de sua práxis evangélica e de sua preocupação com o Reino de Deus. A humildade é uma virtude experimentada por todos aqueles homens e mulheres ao longo da história que se deixaram moldar pela graça no Espírito que fala a cada tempo e geração, “quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,17). Não escutar o Espírito faria, então, com que a vontade pessoal, muitas vezes colocada em evidência, fale mais alto.

Essa vontade se traduz na forma de se posicionar na própria Igreja, no seu modo antigo de ser, no clericalismo vigente, na negação do magistério Conciliar do Vaticano II, na falsa segurança institucional, no abandono dos princípios evangélicos em detrimento de uma “força conservadora” que busca certa pureza evangélica, quando na verdade não passa de uma fuga do tempo presente. Esse modo de ser cênico fica evidente no retorno a determinadas vestes sacras, véus, insígnias medievais, “cuidado exibicionista da liturgia” etc.⁵⁷ Francisco vê tudo isso como um afastar-se da “da glória do Senhor” (EG, n. 94) em que “nem Jesus Cristo nem os outros interessam verdadeiramente”, mas sim que tais posicionamentos não passam de “manifestações de um imanentismo antropocêntrico” que atrapalha radicalmente o “dynamismo evangelizador” da Igreja (EG, n. 94). Esse tipo de comportamento leva a crer que, no fundo, pode existir, mesmo que inconsciente, uma tentativa de usurpação do espaço sagrado, como denuncia Francisco, para um modo particular de vivência religiosa.

Portanto, ao se falar de um neopelagianismo, conforme a denúncia de Francisco, deve-se ter presente que essa forma comportamental pende ao individualismo religioso que impõe regras, doutrinas superadas ou, mesmo, a letra da Lei às pessoas, de forma a dar a impressão de que sua execução leva à salvação, e não, como ensina a fé cristã, que a salvação é dada gratuitamente por Deus.

2.2 Tentativa de dominar o espaço da Igreja

Francisco critica um “obscuro mundanismo manifesto em muitas atitudes aparentemente opostas, mas com a mesma pretensão de ‘dominar o espaço da Igreja’” (EG, n. 95). Essa postura leva a formas concretas de expressão eclesial, uma vez que o próprio Cristo

⁵⁷ ACI DIGITAL. *Papa Francisco recrimina "moda" litúrgica antiquada*. 9 jun 2022. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-recrimina-moda-liturgica-antiquada-78949>. Acesso em: 5 out 2022; e EG, n. 95.

as corrigiu com os discípulos, e a Igreja ao longo da história precisou se posicionar a respeito, principalmente a partir do Concílio Vaticano II, quando é chamada a dialogar mais estreitamente com a modernidade, pois “é [...] necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático” (GS, n. 4).

Desse modo, “o cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja” (EG, n. 95) nada mais é que um retorno às práticas superadas historicamente pela Igreja em sua catolicidade e unidade, ou melhor dizendo, por quase todo o corpo magisterial, como se vê.

A tentativa de retorno negacionista que se enxerga hoje na vida pastoral da Igreja seria, de certa forma, não apenas a negação da contínua presença da graça do Espírito à vida eclesial, mas também uma afronta ao magistério papal atual, enxergado por muitos como uma forma deturpada de leitura da tradição da Igreja⁵⁸. Isso seria uma inversão de papéis e a tentativa de um “domínio da Igreja” (EG, n. 95) por parte de grupos antimodernos. Mas quem seriam esses tradicionalistas? Onde estão?

Tomando por base a obra de João Décio Passos, *A força do passado na fraqueza do presente*, “o tradicionalismo católico [...] se apresenta sempre como catequese católica e, portanto, como anunciador de uma verdade que vem desde as origens do evangelho”, uma “autoimagem” capaz de transmitir seus ideais com entusiasmo e velocidade, principalmente nas mídias sociais, e que vai se impondo como “verdade” restauradora da genuína fé católica diante das situações e desafios do mundo moderno. Assim, veem-se como “os autênticos católicos que se opõem aos católicos equivocados”, ou ainda como “os católicos portadores da autêntica tradição [...], [que] se mantêm em luta permanente contra os modernismos [...] que corroem a fé católica com suas ideias e práticas”⁵⁹. Tais grupos

perfilam um tipo de catolicismo que se referencia por visões, valores e práticas de matriz pré-moderna; se legitimam a partir do passado e com grande dificuldade de assimilar mudanças no presente, sobretudo no que se refere às mudanças no campo da doutrina, da moral e das vivências litúrgicas católicas.⁶⁰

De acordo com o autor, é pertinente fazer uma distinção desse tradicionalismo atual negacionista de outros dois conceitos próximos. O primeiro refere-se “à escola filosófico-teológica organizada na França do século XVIII e XIX”, que defendia a “revelação como única

⁵⁸ PASSOS J. D. *A força do passado na fraqueza do presente*. O tradicionalismo e suas expressões. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 28-36.

⁵⁹ PASSOS, *A força do passado na fraqueza do presente*, p. 23-24.

⁶⁰ PASSOS, *A força do passado na fraqueza do presente*, p. 24.

fonte da verdade”, negando esse acesso à razão. O segundo diz respeito à “noção de tradição como dado cultural e religioso” presente na construção de uma sociedade e sua identidade religiosa. Essa noção se coloca contrária ao tradicionalismo, uma vez que entende a tradição como um processo de transmissão do passado no presente, um “discernimento circular entre as duas temporalidades”⁶¹.

Ao tentar responder ao questionamento de quais seriam tais grupos, Décio Passos aponta três outros conceitos compreendidos como sinônimos desse assunto e que demonstrariam quem são: “*conservadorismo, integrismo e fundamentalismo*”⁶².

Respondendo à questão de onde esses grupos tradicionalistas estão, Décio Passos afirma que o tradicionalismo não pode ser visto como um modelo uniforme, mas sim como estruturas e funcionamentos “concêntricos” dentro da Igreja. Esse modo de compreender o tradicionalismo permitiria dizer que “a primeira esfera constitui um núcleo duro isolado e paralelo à oficialidade católica”, sendo “antimoderno, anti Vaticano II, antipapa”; a segunda esfera pode ser compreendida como “resistente ao magistério papal”, ou seja, “constituída por sujeitos e grupos antimodernos, anti ou reticentes ao Vaticano II e, e hoje, anti Francisco”⁶³. Essa dissidência “composta por alguns cardeais, setores do catolicismo conservador norte-americano, grupos como os Legionários de Cristo e Arautos do Evangelho”, sem escrúpulos, luta por supremacia dentro da Igreja, consciente ou inconscientemente. A terceira característica pode ser entendida como “resistente inserida na Igreja”. Segundo o autor, esses também se caracterizam por uma frente eclesial “antimoderna, reticente ou contrários ao Vaticano II e ao papa Francisco”, porém com uma peculiaridade, fazem parte da estrutura da Igreja e estão em sua rotina eclesial. São bispos e clérigos que exercem funções na Igreja, declarando publicamente comunhão com o papa, porém com uma estratégia de boicote e indiferença à reforma do Concílio Vaticano II e às propostas de Francisco nos discursos e práticas pastorais.⁶⁴

Tendo diante de si tais comportamentos, Francisco tem consciência de que esses grupos “não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas

⁶¹ PASSOS, *A força do passado na fraqueza do presente*, p. 38-39.

⁶² O autor explica os três termos dizendo que o primeiro (conservadorismo) diz respeito “à atitude política de escolher preservar em vez de mudar”, uma vez que “toda mudança é entendida como legítima desde que retome o passado”; o segundo (integrismo) compreende à “rejeição do modernismo católico e à afirmação política de regimes anticomunistas”, ou seja, “o catolicismo integral pretende preservar sem nada a perder os valores tradicionais para a Igreja e a política”; o terceiro aspecto (fundamentalismo), “é mais um movimento que brota [...] das reações à modernidade, tendo como território confessional o mundo protestante, concretamente na América do Norte”. Trazem consigo a exclusividade do texto bíblico sem o caráter da tradição, com livre interpretação. (PASSOS, *A força do passado na fraqueza do presente*, p. 40-41)

⁶³ PASSOS, *A força do passado na fraqueza do presente*, p.46.

⁶⁴ PASSOS, *A força do passado na fraqueza do presente*, p. 46.

necessidades concretas da história” (EG, n. 95). Para ele, essa forma de religiosidade reflete um egoísmo personalista, que deturpa a fé em detrimento de um modo de pensar que é próprio do mundo secular e distante dos ensinamentos da Sagrada Escritura e da autêntica Tradição eclesial.

Em uma de suas homilias na casa Santa Marta (21/5/2013), reforçando o já exposto na *Evangelii Gaudium*, recorda que “a luta pelo poder na Igreja não é coisa desses dias, começou exatamente no tempo de Jesus”, porém é preciso compreender que “o verdadeiro poder é o serviço. Como fez ele [Jesus], que não veio para ser servido, mas para servir, e o seu serviço foi exatamente um serviço da Cruz”. Ainda segundo o papa, Jesus “se rebaixou até a morte, [...], para nos servir, para nos salvar. E não há na Igreja nenhum outro caminho para trilhar”⁶⁵.

De acordo com o pontífice, o mundanismo espiritual ao qual muitos aderem hoje é uma forma personalista de fé que reflete tão somente uma postura radicalmente contrária aos ensinamentos evangélicos de Jesus. Um comportamento ético-religioso baseado no amor ao próximo, no serviço e na entrega incondicional à vontade de Deus requer um abandono de atitudes como “poder, vanglória, autoestima exagerada e autorreferencialidade”, traduzidas em uma densa vida social, em um funcionalismo empresarial eclesial onde o povo de Deus é colocado à margem e a Igreja como organização administrativa vem em primeiro lugar (EG, n. 95).⁶⁶

O que de fato parece vontade da renovação conciliar, no pontificado de Francisco, é o puro desejo de *ouvir*, estar atento aos sinais do tempo presente, para poder, à luz do Evangelho, responder com segurança aos desafios da atualidade. Jaz aqui uma das dificuldades dos grupos tradicionalistas ou fundamentalistas em aceitar tamanha grandeza de proposta uma vez que, necessariamente, teriam que renunciar à sua posição fechada e intocada. De acordo com Leo-Josef Suenens, “o valor humano do concílio poderia ser resumido em duas palavras: ouvir e servir ou mais exatamente: ouvir para servir melhor”, uma vez que cada gesto da Igreja é

⁶⁵ BERGOGLIO, J. M. *A verdade é um encontro*: homilias proferidas na Casa Santa Marta. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 148.

⁶⁶ Em sua dissertação de mestrado em teologia sistemática, J. L. Silva, afirma que “o Evangelho conduz o discípulo ao encontro de fé com a pessoa de Jesus Cristo, uma vez que se decide, com amor, contemplá-lo com o coração. [...] Para o papa Francisco, esse encontro ou reencontro com a pessoa de Jesus Cristo tende a comunicar-se, [...] [Assim], o amor de Cristo que absorve completamente está a serviço do outro. O Evangelho é um bem a ser comunicado, porque nele está uma pessoa que liberta do egoísmo para abrir-se à dimensão do outro” (SILVA, J. L. *A revelação do amor*: fundamento da Igreja em saída no pensamento do Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*. Mestrado em Teologia, FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: < https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/08/Dissertacao_Jose-Luiz-da-Silva.pdf >. Acesso em: 16 out 2022, p. 68-69).

destinado para um melhor acompanhamento dos homens e mulheres em seu desenvolvimento integral. Segundo o autor,

não é [...] a simples vontade de servir ao homem que constitui a grande novidade do Vaticano II, mas o modo de interpretar este serviço. O que afasta o Vaticano II dos Concílios precedentes e o coloca em comunhão vital com espírito do nosso tempo é a ideia de que servir ao homem é, antes de tudo, *ouvi-lo* na reciprocidade do diálogo.⁶⁷

Dentro dessa perspectiva, o que Francisco constantemente faz à Igreja de hoje é um convite ao diálogo com todos, irrestritamente. Se por um lado existe, *ad intra Ecclesia*, tentativas destrutivas de desautorizar o magistério ordinário desde o Concílio Vaticano II, como vimos há pouco, por outro lado encontramos sólida confiança na atuação do Espírito Santo por parte da grande maioria da Igreja.

Olhando a realidade na qual a Igreja se encontra, o que Francisco chama atenção e parece querer que todos tenham consciência é o fato de que “em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar” (EG, n. 119).

Como se verá mais adiante, na contramão do mundanismo espiritual estão a pessoa de Jesus Cristo e o anúncio irrestrito do Reino de Deus, principalmente aos mais vulneráveis, uma vez que

ser Igreja significa ser povo de Deus [...]. Isso implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade; [...] anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo, que, muitas vezes, se sente perdido necessitado de ter respostas que encorajem, que deem esperança e novo vigor para o caminho. (EG, n. 114)

O Concílio Vaticano II não deixa dúvidas ao dizer que “graças ao Espírito Santo, a Igreja se manterá sempre como esposa fiel ao seu Senhor e nunca deixará de ser, no mundo, sinal de salvação” (GS, n. 43). Ademais, como afirma Francisco, “quem caiu nesse mundanismo olha de cima e de longe, rejeita a profecia dos irmãos, desqualifica quem o questiona, faz ressaltar constantemente os erros alheios e vive obcecado pela aparência” (EG, n. 97). Aqueles que estão envoltos nesse estilo eclesial apenas deixaram de amadurecer na fé, como rejeitam a verdadeira e autêntica fé ensinada por Jesus Cristo, uma fé que é capaz de se deixar questionar ao mesmo tempo em que não tem medo de questionar, uma fé que olha a encarnação do Verbo como

⁶⁷ SUENENS, L. J. Ouvindo e servindo os homens. In: BALDUCCI, E. et al. *Pelos Caminhos do Concílio*. São Paulo: Paulinas, 1969, p. 13.

aquele que veio nos libertar da escravidão do pecado, mas também de todas as consequências que implica a vida cotidiana.

Em vista disso, quando se observam os gestos e a práxis de Jesus ao ensinar sobre o Reino de Deus, é inegável um comprometimento ético, moral e social para com o próximo como imagem e semelhança de Deus. O mandamento novo requer do cristão um posicionamento concreto diante das injustiças deste mundo, para que, à luz do Evangelho, busque uma resposta de transformação e libertação capaz de ajudar um verdadeiro processo de conversão social, eclesial e pessoal.

É ainda importante observar que, ao longo de toda a história, “a Igreja surgiu como a continuidade da comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus, suscitada pelo Espírito Santo”⁶⁸, o que significa afirmar que “é na comunidade das testemunhas que o Cristo ressuscitado mostra as suas chagas e se revela no rosto dos pequenos e sofredores deste mundo”, ou ainda, “é antes de tudo para esses deserdados e excluídos do mundo que se manifesta vindo entre nós o reinado divino”⁶⁹.

Concluindo esse item, pode-se afirmar que quando os membros da Igreja buscam respostas aos problemas e desafios da atualidade em um estilo de vida passada, ou, ainda, se agarram a modismos de religiosidade e busca de poder centralizador, afastam-se da mensagem cristã. Esse é o caso das heresias teóricas e práticas denunciadas por Francisco.

É preciso compreender que esse estilo de Igreja acusado por Francisco como “mundano” não é só um perigo para a unidade da fé católica como, também, pode vir a ser uma negação da ação do Espírito na vida eclesial, pois, ao professar que “cremos no Espírito Santo” e Ele é que conduz a Igreja em sua jornada de anúncio e profecia, afirma-se a confiança na ação de Deus que atua na história desde o surgimento da Criação.

Como disse o Concílio, “consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra (Jo 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja”, ou ainda, “Ele conduz à verdade total (Jo 16,13) e unifica na comunhão e no ministério” (LG, n. 4). Qualquer ato de retrocesso é um atentado contra o Espírito que conduz sempre ao horizonte do Reino de Deus. Assim, de acordo com Francisco, numa carta dirigida aos jovens, “é necessário que a Igreja não esteja demasiado debruçada sobre si mesma, mas procure sobretudo refletir Jesus Cristo. Isto implica reconhecer humildemente que algumas coisas concretas devem mudar” (ChV, n. 39).

⁶⁸ BARROS, M. *Teologia da Libertação para nossos dias*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 175.

⁶⁹ BARROS, *Teologia da Libertação para nossos dias*, p. 175.

2.3 Distorção da religiosidade: “A glória humana e o bem-estar pessoal”

Ao tratar sobre esse assunto na *Evangelii Gaudium*, o papa considera a distorção da religiosidade como sendo “a busca pela glória humana e o bem-estar pessoal” (EG, n. 93). Isso significa dizer que o cristão envolvido por um modo de pensar mundano, entendido aqui como fora da vida eclesial, acaba por aplicar na sua vida de fé, dentro ou fora da comunidade religiosa, elementos que são contrários aos princípios professados pela mesma fé. Nas palavras de Francisco, tal comportamento se “esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja” (EG, n. 93); contudo, por não condizer com os princípios professados nesta mesma fé, acabam por afastar-se da verdadeira essência recebida no batismo, confessada na comunidade e experimentada no serviço da vida cotidiana a partir do querigma anunciado.

Se por um lado encontra-se, de forma geral na sociedade, uma busca por elementos de satisfação pessoal, por exemplo: “poder, riqueza e prazer”, que acabam por conduzir o comportamento de indivíduos e de toda uma sociedade (EG, n. 98) – vê-se isso na economia neoliberal destrutiva em muitos países hoje –, por outro lado deve-se buscar, na essência da religiosidade, uma ética e uma moralidade, um modo de conduta contrário a tais princípios (EG, n. 121)⁷⁰. Assim, a grande dificuldade do cristão está justamente em combinar, em sua própria vida, o estilo evangélico com os seus valores e fundamentos e as inúmeras formas contemporâneas de comportamentos como testemunho para o mundo (EG, n. 99-100). Isso acaba por ser um desafio permanente para a consciência cristã, como afirma o Concílio Vaticano II, ao mesmo tempo que um convite realista ao testemunho de vida que considera que

a Igreja deve em todas as épocas perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, para ser capaz de oferecer, de forma apropriada ao modo de ser de cada geração, respostas às grandes questões humanas a respeito do sentido da vida presente e futuro. (GS, n. 4)

⁷⁰ Essa contraposição pode ser entendida também, com Francisco, à luz dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. De acordo com o artigo de Suresh, “viver sem fazer escolhas é muito difícil. E cada vez mais difícil é viver bem fazendo as escolhas certas. A meditação categórica das duas bandeiras, como foi colocada por Santo Inácio nos Exercícios Espirituais [136-148] provoca nos exercitantes atentos um discernimento prático, uma experiência espiritual, um conhecimento sólido e um fundamento teológico. Quais são as duas bandeiras? Assim como o simbolismo do trigo e joio que manifesta dois estados da vida cristã, também são as duas bandeiras, a de Cristo e a de Lúcifer. [...] O combate entre Cristo e Lúcifer (satanás) não acontece entre dois agrupamentos separados, bons e maus, fora do ser humano, mas dentro do coração humano, entre amigo e inimigo da nossa natureza humana. Assim como o campo de cultivo (trigo e joio) é o mundo único na parábola (Mt 13,38), também o campo da batalha com suas bandeiras (Cristo e Lúcifer) é o coração único do ser humano” (SURESH, C. *Joio e Trigo – Duas Bandeira*. Disponível em: <<https://ignatiana.blog/2020/07/28/trigo/>>. Acesso em: 24 nov 2022. Não paginado).

A crítica adotada por Francisco se faz ao fato de que muitos, ao aderirem à fé, não procuram esvaziar-se de seus *pré-conceitos* e estilo de vida a que estão habituados e foram apreendidos ao longo da formação de sua personalidade, desprezando a conversão (Mc 1,15), visto que se faz necessário “avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão” (EG, n. 25). Assim, elementos não religiosos oriundos da cultura contemporânea e de valores comuns da sociedade moderna laica podem ser de grande riqueza para a formação pessoal e podem ajudar na aplicabilidade relacional a partir da decisão da fé, porém, o que se percebe hoje é justamente o oposto, principalmente com relação às pessoas religiosas⁷¹.

O problema se encontra no fato de que, ao assumir um estilo de vida que requer um novo processo de conversão integral ensinado por Jesus nos evangelhos à Igreja, esses mesmos indivíduos acabam por renegar valores essenciais para a práxis cristã, tais como a unidade (Jo 17,21), a catolicidade (Mt 28,19), o serviço (Jo 13), o amor incondicional ao próximo (Jo 13,34; Lc 10,30-37) etc. Mascarar o comportamento religioso com uma postura por demasia rígida com relação aos outros e exigente com as práticas periféricas da moral cristã, pode ser um meio de assumir um estilo de vida mundano dentro da Igreja. Isso, na visão de Francisco, é “se esconder por detrás de aparências de religiosidade” ou, muito pior, de uma visão errônea de “amor à Igreja” (EG, n. 93), quando, na verdade, não passam de comportamentos destrutivos que roubam do cristão o verdadeiro significado de adesão à fé e à perseverança na caminhada eclesial, tendo, como pano de fundo de sua vida religiosa, o reconhecimento pessoal, o prestígio ou o poder como garantias de estar agindo corretamente de acordo com as exigências da fé e da moral.

Nesse mesmo número da *Evangelii Gaudium*, Francisco dá um exemplo bíblico de advertência feita por Jesus aos judeus ao dizer: “‘como podereis acreditar, vós que recebeis glória uns dos outros e não buscais a glória que vem do Deus vivo’ (Jo 5,44)”. O contexto no qual se encontra essa perícopes se dá justamente no confronto da comunidade cristã com o judaísmo, em que é colocado que “o poder salvador não se encontra fundamentado na Lei de Moisés, [...], mas sim na pessoa de Jesus”⁷². Em todo o capítulo cinco do Evangelho de João, Jesus chama atenção para a sua relação com o Pai ser construída na intimidade (v.19), revelando

⁷¹ Citando São João Paulo II, Francisco afirma: “pela inculturação, a Igreja ‘introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade’, porque ‘cada cultura oferece formas e valores positivos que podem enriquecer o modo como o Evangelho é pregado, compreendido e vivido’. Assim, ‘a Igreja, assumindo os valores das diversas culturas, torna-se *sponsa ornata monilibus suis*, a noiva que se adorna com suas joias (cf. Is 61,10)’” (EG, n. 116).

⁷² RAMOS, F. F. *Evangelho Segundo São João*. In: COMENTÁRIO AO NOVO TESTAMENTO III. São Paulo: Ave Maria, 2006, p. 280.

que todo aquele que procura escutá-lo também acaba por escutar o Pai, recebendo então a vida eterna a partir do ato de fé (v.24). Sob esse ponto de vista, Jesus faz um composto de apresentação do seu relacionamento com o Pai e chama atenção para aqueles que são os receptores da mensagem de salvação e que, contudo, preferem a escravidão da Lei à salvação apresentada em e por Jesus.

Parece importante ressaltar que, na concepção de Francisco, essa forma de pensar, “por cultivar o cuidado da aparência, nem sempre suscita pecados de domínio público” (EG, n. 93), dando a impressão a outros de que tudo está de acordo com os ensinamentos do Evangelho e da Igreja, quando, na verdade, não está. Eis um dos graves perigos deste estilo de vida dentro da comunidade eclesial.

De acordo com Torralba⁷³, comentando as expressões do papa, uma pessoa mundana é aquela que vive “segundo o mundo”, seguindo sua lógica, seu interesse. Ele recorda que, para São Paulo, um cristão não faz parte deste mundo, pensamento seguido por Santo Agostinho. Assim, de acordo com Romanos 8,5: “os que vivem segundo a carne desejam as coisas da carne, e os que vivem segundo o espírito, as coisas que são do espírito”. Ainda segundo Torralba “é próprio do pensamento paulino a distinção entre as duas formas de vida”⁷⁴. Em sua perspectiva, parece evidente que ser mundano “significa buscar, antes de tudo, o bem-estar pessoal, o conforto, a comodidade, a reputação e a fama”. Ao mesmo tempo em que afirma que, nesse modo espiritual, “procura permanecer o quanto possível no poder, seja da ordem que for (econômico, político, social, religioso), para assim gozar dos benefícios que lhe convém”⁷⁵.

Torralba ainda assinala que, para o papa, o cristão deve orientar seu comportamento a partir dos valores do Evangelho, “com abnegação, amor e sacrifício”, tendo Cristo como seu fundamento. Somente dessa maneira, o povo de Deus, e em seus diferentes níveis de função eclesial, poderá testemunhar os valores ensinados por Jesus Cristo e disseminados pela Igreja ao longo dos séculos, pois,

quando um cristão, leigo, religioso, sacerdote ou bispo, utiliza um serviço eclesial como uma forma de promoção profissional, como um modo de obter poder, reputação ou qualquer outra prerrogativa do mundo, sucumbe ao mundanismo espiritual.⁷⁶

É insistente, por parte do autor, que para Francisco, exista uma conexão entre o “desvio do Evangelho e a busca pelo carreirismo” dentro da estrutura eclesial, com sérias consequências

⁷³ TORRALBA, *Diccionario Bergoglio*, 2019, p.241-243.

⁷⁴ TORRALBA, *Diccionario Bergoglio*, p. 240.

⁷⁵ TORRALBA, *Diccionario Bergoglio*, 2019, p. 241.

⁷⁶ TORRALBA, *Diccionario Bergoglio*, p. 242.

para a vida pastoral da Igreja. Tal modo de pensar e de atuar pode levar, de um modo mais específico, um clérigo ou religioso, ao abandono de suas funções pastorais para deter-se em questões burocráticas, o que também levaria a colocar as pessoas em segundo plano em sua missão ministerial. Nas palavras do autor, “o mundanismo espiritual implica, necessariamente, um esquecimento do outro, de suas necessidades, de seus padecimentos”.⁷⁷

Em uma de suas homilias na casa Santa Marta, o papa Francisco, ao falar sobre conversão, ensinava que ela “é a palavra-chave da quaresma, tempo propício ‘para aproximar-se’ de Jesus”, ou ainda, ao reafirmar que “todos ‘precisamos mudar de vida’, olhar ‘bem na nossa alma’, na qual sempre encontraremos algo”⁷⁸. Também alerta para o fato de que “o Senhor quer ‘uma aproximação sincera’ e nos previne contra sermos hipócritas”, pois “o que os hipócritas fazem: eles se disfarçam, se disfarçam de bons: fazem cara de santo, rezam olhando para o céu, fazendo-se ver, sentem-se mais justos do que os outros, desprezam os outros”.⁷⁹

Uma denúncia contundente ao se falar do mundanismo espiritual, na visão de Francisco, é o que ele classifica como “cuidado da aparência” (EG, n. 93), que nada mais é do que a falsificação da identidade de um indivíduo religioso, frente ao que de fato ele professa ou acredita. A demonstração pública de um determinado comportamento leva o indivíduo cristão a fazer o outro crer que ele vive uma vida alinhada com os ensinamentos da Igreja, sob o princípio do Evangelho. Tal comportamento reflete, aos olhos dos outros, um certo ar de “santidade” diante da comunidade eclesial. Ele se faz visto como bom, correto, justo e moralmente coerente, porém suas atitudes não passam de aparência, ou o que Jesus classificaria como sendo “sepulcros caiados” (Mt 23,27), pois por fora aparentam determinada beleza, mas por dentro estão apodrecidos.

A reprimenda que Francisco faz confirma que, para o cristão – seja ele sacerdote, religioso, leigo ou bispo – a aparência de vida religiosa é algo “mais desastroso do que qualquer outro mundanismo meramente moral” (EG, n. 93). Isso porque corrói a Igreja a partir de dentro, nas lutas por poder e prestígio que, vindas ao holofote público, causam o desprestígio da mensagem anunciada. Enquanto, do ponto de vista moral, um pecado grave expõe o indivíduo que o pratica, mesmo que isso resvale na imagem da Igreja como um todo, do ponto de vista espiritual, a falsa aparência deixa claro que certos tipos de disputas institucionais dentro do corpo da comunidade eclesial, quando vêm a público, são devastadores.

⁷⁷ TORRALBA, *Diccionario Bergoglio*, p. 243.

⁷⁸ BERGOGLIO, *A verdade é um encontro*, p. 444-445

⁷⁹ BERGOGLIO, *A verdade é um encontro*, p. 444-445.

Não é possível deixar de notar, então, a busca pelo cultivo da imagem exterior nesse mundo de aparências. De acordo com Francisco, “é perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofisma. Por isso, [...] a realidade é superior à ideia” (EG, n. 231). Assim, a crítica deve estar focada na ideia de pessoa disseminada na sociedade, uma ideia narcisista e egocêntrica, ao invés de uma concepção integral e relacional do ser humano.

Dentro dessa mesma discussão, encontram-se as relações das pessoas com as redes sociais, em que “o real cede o lugar à aparência” (EG, n. 62). Essas, por sua vez, podem se transformar em areópagos pagãos de culto à própria personalidade ou a uma falsa visão de estilo de vida que um indivíduo publica e, imaginariamente, procura sustentar para os outros.

Hoje, percebe-se que, também para dentro da Igreja, esses elementos são característicos não apenas na comunidade cristã leiga como também nos religiosos e clérigos em geral. Ao mesmo tempo que “as redes sociais constituem uma das estratégias subjacentes utilizadas pela sociedade para o compartilhamento da informação e do conhecimento, mediante as relações entre atores que as integram”⁸⁰, elas podem ser uma ferramenta de falsa identidade perante o outro ou os outros, uma fuga do mundo, da realidade, afetando o real modo e estilo de vida de uma pessoa, seja ela religiosa ou não.

Francisco tem razão ao denunciar esse estilo de vida vazio, uma vez que, como dizem alguns especialistas,

no meio das redes sociais, muitas pessoas tentam ser alguém que não são, mas que desejariam ser. Os meios de comunicação instituem padrões de beleza e com as redes sociais isso não é diferente. As redes sociais são um mecanismo onde a imagem é o principal meio de promoção, onde cada vez mais pessoas se remetem a situações de treinos pesados, abusivos, utilização de produtos ilícitos para conseguirem um corpo ideal, junto aos tratamentos estéticos contínuos para assim conseguir mais “likes” e seguidores.⁸¹

Dentro da Igreja, essa busca pelo bem-estar e pela aparência reflete no que Francisco classifica como “cuidado exibicionista da liturgia”, “realização autorreferencial”, “densa vida social”, ou ainda “funcionalismo empresarial” na administração e trabalhos pastorais (EG, n. 95). Mediante esses elementos imputados pelo papa, pode-se perguntar sobre o que estaria por detrás desta visão com relação aos valores e às realidades do mundo de hoje?

⁸⁰ TOMAÉL, M. I; ALCARÁ, A. R; DiCHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/WTMRGVXjNdLNLDwGBD5HTXb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 jun 2022, p. 93.

⁸¹ ALABORA, L. A. C; DALPIZZOL, G; DeMARCO, T. T. O mundo meramente ilusório das redes sociais. *Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira*, v. 1, p. e12828, 2016. Disponível em: <https://unoesc.emnuvens.com.br/apeuv/article/view/12828>. Acesso em: 12 set 2022.

Na tentativa de responder a tal situação e olhando de modo específico para a maneira de pensar e ver o mundo dos novos sacerdotes católicos – sem, contudo, aprofundar o assunto, o que de fato mereceria um maior detalhamento –, Agenor Brighenti, na esteira do pensamento do papa Francisco, tenta responder a esse questionamento a partir do “perfil dos padres novos no Brasil”, depois de uma vasta pesquisa publicada no ano de 2021 no livro *O novo rosto do clero*. De acordo com o autor, “a crise atual deve-se à crise da modernidade, do projeto civilizacional moderno”, o que “de modo geral, em sua vida pessoal e no desempenho de sua missão, eles [padres novos] têm demonstrado sensibilidade e interesse por outras realidades e questões”⁸², nem sempre orientadas pela renovação conciliar.

Ainda segundo o autor, tem de fato provocado tensões internas na Igreja

a nova perspectiva de presbíteros [...] ao se vincular em um recente deslocamento do profético para o terapêutico e do ético para o estético na esfera da experiência religiosa. [...] Ainda que em muito se vincule a posturas pré-conciliares e da denominada “pós-modernidade líquida”, seu modo de ser e de agir questiona práticas eclesiais correntes, [...] em meio a práticas pastorais e comportamentos pessoais, por um lado ligados a pós-modernidade e, [...] por outro, a devocionismos e tradicionalismos nostálgicos de um passado sem retorno.⁸³

Nessa lógica, faz-se necessário “identificar críticas procedentes” ao modo de compreensão da reforma oriunda do Vaticano II, assim como “as possíveis novidades e valores por eles vinculados” dentro da Igreja hoje⁸⁴. Isso visando a não se deixar levar por esse mundanismo espiritual perigoso para o testemunho eclesial, por esse estilo de vida personalista, aparente e autorreferencial, de distorção da religiosidade e da realidade que nos circunda, como apontado ao longo do texto, deixando de lado “a glória do Senhor” em detrimento da “glória humana e do bem-estar pessoal” (EG, n. 93).

Concluindo, é lícito perceber que muitas posturas adotadas nos dias de hoje, por alguns cristãos, são frutos de uma nostalgia que vai e volta na história da Igreja. Muitos modos de pensar errôneos que atrapalham a real concepção da mensagem evangélica, que merece atenção permanente e orientação segura por parte do magistério. Ao mesmo tempo, esse mesmo cristão pode correr o risco de fazer da fé um ato personalista que impõe uma forma legalista da compreensão evangélica e dos ensinamentos da Igreja a partir da sua visão de mundo. Francisco corrige esse comportamento acentuando e convidando à abertura do coração, ao acolhimento do outro, ao serviço e à busca pela unidade eclesial. É muito importante o reconhecimento de

⁸² BRIGHENTI, A. *O Novo Rosto do Clero*. Perfil dos padres novos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 17-18.

⁸³ BRIGHENTI, *O Novo Rosto do Clero*, p. 17-18.

⁸⁴ BRIGHENTI, *O Novo Rosto do Clero*, p. 18.

que um modo mundano de pensamento não condiz com os princípios evangélicos ensinados por Jesus para a vida cristã, que coloca em primeiro plano a glória de Deus e todas as responsabilidades oriundas da aceitação da fé em Cristo e não o bem-estar pessoal por vezes egocêntrico.

3 A SUPERAÇÃO DO MUNDANISMO ESPIRITUAL

Ao abordar o tema da superação do mundanismo espiritual, procurar-se-á a observância de elementos, postos por Francisco, capazes de dar uma resposta ao problema discutido anteriormente. Para isso, alguns princípios fundamentais de seu pensamento na *Evangelii Gaudium* podem ajudar nessa compreensão e nesse caminho em vista de uma resposta eclesial mais assertiva para os desafios do presente. Perguntas que norteiam essa reflexão: como superar o mundanismo espiritual denunciado pelo papa Francisco? Qual a proposta apresentada pelo papa para os desafios da Igreja hoje?

De acordo com Francisco, neste processo de superação do mundanismo espiritual, faz-se relevante uma perspectiva mais apurada para aquelas situações que podem roubar do fiel os verdadeiros valores evangélicos. Assim,

quem caiu nesse mundanismo olha de cima e de longe, rejeita a profecia dos irmãos, desqualifica quem questiona, faz ressaltar constantemente os erros alheios e vive obcecado pela aparência. Circunscreveu os pontos de referência do coração ao horizonte fechado de sua imanência e de seus interesses e, conseqüentemente, não aprende com os seus pecados nem está, verdadeiramente, aberto ao perdão. É uma tremenda corrupção, com aparências de bem. (EG, n. 97)

Parece manifesto que o mundanismo espiritual leva a uma visão autorreferencial, exibicionista, personalista de cada indivíduo que professa a fé e procura vivê-la na comunidade eclesial. Mesmo que tal sujeito tenha em mente estar *fazendo o bem*, ou realizando a *vontade de Deus* ao seguir a letra da lei, do dogma descontextualizado e entendido a partir da sua própria perspectiva de mundo e de fé, é necessária uma conversão profunda e verdadeira à luz das Sagradas Escrituras, do magistério eclesial e daquilo que o Espírito diz e ensina à Igreja contemporânea enraizada no tempo, na cultura e na história de cada povo. Diante disso, o pontífice é claro ao chamar a atenção: “não deixemos que nos roubem o Evangelho!” (EG, n. 97). Mas, quem poderia nos roubar tal tesouro? Existe de fato esse perigo?

Para Francisco sim, existe! E quem pode roubá-lo não se encontra fora da vida eclesial, mas dentro dela. Faz parte do “corpo místico de Cristo” (LG, n. 7), do “redil do Senhor” (LG, n. 6). Aqueles que negam o magistério ordinário, o Concílio Vaticano II, ou aqueles que se colocam como detentores da verdadeira tradição católica, referindo-se a um tempo histórico com suas características próprias⁸⁵. Esses afrontam a Igreja de Cristo na pessoa do sucessor de

⁸⁵ O papa se refere aqui a todo aquele que, na Igreja, “não traz o selo de Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado, encerra-se em grupos de elite, não sai realmente à procura dos que andam perdidos nem das imensas multidões sedentas de Cristo. Já não há ardor evangélico, mas o gozo espúrio duma autocomplacência

Pedro, de seus bispos e Conferências Episcopais, como se não falassem em nome do Magistério, mas sim seriam hoje homens contrários à fé católica por aplicar o Evangelho às múltiplas realidades contemporâneas. Tais grupos ou pessoas buscam uma fé que despreza a realidade da encarnação do Verbo, esquecendo-se que “Deus entrou na história da humanidade e, enquanto homem, tornou-se sujeito a ela” (RH, n. 1) – sendo guiados por uma errônea interpretação dos textos sagrados e magisteriais. Nessa perspectiva, observam tão somente o que lhes agrada e pode trazer afago à consciência, ou como denuncia Francisco, “agarraram-se a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio” (EG, n. 80). No fundo, estão mais ligados a ideologias político-partidárias seculares, refletidas em seus posicionamentos acalorados e falas apologéticas, do que na própria fé professada em uma Igreja de comunhão que visa à unidade eclesial.

Levando em consideração o capítulo anterior, em que foi posto o problema do mundanismo espiritual – na visão do papa Francisco sob três aspectos: o retorno a heresias, a tentativa de domínio do espaço da Igreja e a distorção da religiosidade como resposta a cada um deles –, encontra-se, de acordo com a *Evangelii Gaudium* (n. 97), uma orientação assertiva a partir de três movimentos: o anúncio do Evangelho, a conversão missionária da Igreja e a dimensão ética da fé. Assim, tem-se:

retorno a heresias → anúncio do Evangelho

tentativa de domínio do espaço da Igreja → conversão missionária da Igreja

distorção da religiosidade → dimensão ético-social da fé.

3.1 O anúncio do Evangelho

Sob essa perspectiva, um dos elementos postos pelo papa para a superação do mundanismo espiritual presente na Igreja é a “centralidade de Jesus Cristo” (EG, n. 97). Isso requer afirmar que a mensagem de salvação por Ele anunciada, e posteriormente deixada como legado para a Igreja como missão, torna-se o ponto de referência para a ação evangelizadora em todas as épocas e para todas as pessoas. O Evangelho se torna a fonte primária do anúncio salvífico, uma vez que Cristo é sua base, visto que “o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente” (GS, n. 22).

egocêntrica”, ou que se “contentam com ter algum poder e preferem ser generais de exércitos derrotados antes que simples soldados dum batalhão que continua a lutar” (EG, n. 95-96).

Compreender o anúncio, na perspectiva de Francisco, é tão importante quanto anunciá-lo. Caracterizá-lo se torna fundamental na percepção da realidade em que será aplicado, inculturado. Como diz Francisco, “o povo de Deus se encarna nos povos da terra, cada um dos quais tem a sua cultura própria” (EG, n. 114) e essa não deveria ser descartada em nome de um modelo uniforme de evangelização, de um anúncio que não corresponde à realidade de cada ouvinte:

não podemos pretender que todos os povos dos vários continentes, ao exprimir a fé cristã, imitem as modalidades adotadas pelos povos europeus num determinado momento da história, porque a fé não se pode confinar dentro dos limites de compreensão e expressão duma cultura. É indiscutível que uma única cultura não esgota o mistério da redenção de Cristo. (EG, n. 118)

De acordo com o ensinamento do papa, “cada povo, na sua evolução histórica, desenvolve a própria cultura com legítima autonomia” (EG, n. 115). Isso implica reconhecer que não se pode ter uma visão fechada do processo de transmissão da fé, como é desejo de alguns grupos ou pessoas hoje, que desprezando a realidade de cada lugar acabam por buscar uma forma impositiva de evangelização, o que a afasta da realidade histórico-cultural de cada povo, nação etc., represando a ação do Espírito Santo que “sopra onde quer” (Jo 3,8) e que “fecunda a cultura com a força transformadora do Evangelho” (EG, n. 116).

O Evangelho entendido como boa notícia⁸⁶ é, antes de tudo, uma boa notícia relacional. Nesse caso, de Jesus Cristo para com *todo* o povo de Deus. É um anúncio que não está restrito a um grupo particular, a uma pessoa específica. Para Francisco, “os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém” (EG, n. 14). Assim, o Evangelho nunca exclui, ao contrário, inclui os excluídos. Não é excludente, mas includente, pois a salvação é para todos indistintamente, principalmente para os excluídos da vida em sociedade, os descartáveis do sistema político-religioso-social, das minorias. É para os pecadores (Mc 2,17).

Do ponto de vista bíblico, no Novo Testamento encontram-se diversos relatos de transmissão da boa nova, desde Jesus com os apóstolos até a vida própria de cada igreja em particular. Nessa conjuntura “se deduz que o *núcleo da mensagem* ou da boa nova de Jesus consiste no anúncio da nova realidade do reino-reinado do Deus-amor, formulada em cada Evangelho de maneira diferente”⁸⁷.

⁸⁶ PELAÉZ, J. Evangelho. In: TAMAYO, J. J. (Org.). *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 207-212, p. 207.

⁸⁷ PELAÉZ, Evangelho, p. 209.

Nos Atos dos Apóstolos, a atuação de Paulo e seus companheiros (13,13-51) em Antioquia da Pisídia, em dia de sábado, na sinagoga, anunciando o Salvador esperado pelos judeus e predito, ao longo da história, pelos patriarcas e profetas, é exemplo desse anúncio.⁸⁸ Na pregação de Paulo, fica explícito “que esse salvador é Jesus, morto e ressuscitado”. Essa narrativa se caracteriza além da recuperação histórica de Israel pela fé, fazendo “convergir todas as promessas para o fato de que Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos e que, nele, o perdão e a salvação são oferecidos a todos sem distinção de etnia nem de nação”⁸⁹.

Francisco indica a impossibilidade de uma verdadeira evangelização se não há o anúncio explícito de Jesus como Senhor (EG, n. 110). Assim, o exemplo de anúncio dado pela comunidade primitiva torna-se um modelo para a vida de toda a Igreja. Compreender a transmissão da boa nova ensinada por Jesus é, antes de tudo, tê-lo como ponto de referência em meio a inúmeras filosofias de vida, ideologias e modos de compreensão da realidade, uma vez que “em Jesus de Nazaré encontramos o mais próprio de nós mesmos”⁹⁰ e isso torna-se o diferencial diante da gama de informações e projetos propostos em seu tempo e no hoje da Igreja.

De acordo com Jesús Peláez, “o anúncio é alicerçado basicamente no mandato positivo do amor mútuo que deve ser praticado, inclusive, para com os inimigos e até a morte, se esta fosse necessária para afirmar os valores do Reino”⁹¹.

A mensagem trazida por Jesus é de um Reino de Deus aberto a todos que se dispõem a viver uma vida nova em Deus e que se deixam transformar pela força e graça do Espírito. Como lemos no Evangelho de Lucas “pessoas virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e ocuparão os seus lugares à mesa no Reino de Deus” (13,29). Deus convida indistintamente seus filhos e filhas para uma experiência libertadora de seu amor, e um dos canais desse convite é o anúncio da boa nova. Assim, segundo Peláez, “o amor mútuo não será possível sem a tríplice renúncia à ambição de poder, de dinheiro e de honra, três realidades que constituem os fundamentos da ordem mundana e injusta”⁹².

⁸⁸ J. L. Albares, vai dizer que há que se distinguir que tal espera judaica não fora aceita na pessoa de Jesus de Nazaré, uma vez que o judaísmo compreendia o Messias com conotação política, e hoje como “a era messiânica”, ou seja, “uma época na qual toda a humanidade ficará irmanada, haverá paz universal e existirá uma relação direta com Deus” (ALBARES, J. L. *Messianismo*. In: TAMAYO, J. J. (Org.). *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 352).

⁸⁹ BÍBLIA Sagrada Ave Maria. Edição de estudos, 2011, p. 1769.

⁹⁰ RATZINGER, J. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 97.

⁹¹ PELAÉZ, Evangelho, p. 209.

⁹² PELAÉZ, Evangelho, p. 210.

Desse modo, a novidade do anúncio está calcada na própria pessoa de Jesus, Ele é o centro da mensagem cristã, voltada para o Reino de Deus. Compreender o querigma anunciado a partir do aspecto da pessoa de Jesus Cristo e do Reino é redescobrir o mistério último da fé de um Deus encarnado que veio para nos salvar da escravidão do pecado e da morte, para nos libertar integralmente e que nos faz compreender “o que é Deus e o que é o homem”⁹³. Como afirma João Paulo II, a evangelização “deve ter em vista o homem todo, integralmente, com todas as suas dimensões, incluindo a sua abertura para o absoluto, mesmo o absoluto de Deus” (EN, n. 33).

De acordo com Francisco, o anúncio do Evangelho é um “dever” que supera toda e qualquer “época e lugar”, está além da vontade e desejos pessoais, uma vez que adentra a vida de cada indivíduo que o assume, em vista da busca pelo Reino de Deus (EG, n. 110). Diante desse aspecto, ele aponta alguns elementos para um melhor entendimento a esse respeito, que vão da compreensão apostólica do povo de Deus como protagonistas universais da evangelização até o aprofundamento querigmático, passando pelo aspecto litúrgico da mesa da Palavra (EG, n. 111-175).

Para uma fidedigna abrangência do que significa anunciar o Evangelho, faz-se imprescindível ter presente que “ser Igreja significa ser povo de Deus” (EG, n. 114). Isso coloca o cristão diante da percepção de que o anúncio não está restrito aos ministros ordenados, ou à vida religiosa consagrada, ou tampouco às sociedades de vida apostólica. A responsabilidade do anúncio recai sobre todos os batizados, que, a partir desse “ato básico que nos faz cristãos, [...], nos dá a primeira orientação para o anúncio”⁹⁴, visto que todos fazem parte do povo escolhido de Deus, mediante a fé aderida livremente a este único Senhor Salvador.

A inserção de todos como anunciadores tem sua fonte primária na Santíssima Trindade, modelo de unidade eclesial e inspiração para a comunidade dos crentes, uma vez que a “evangelização é dever da Igreja”, “povo que peregrina para Deus” na concretude histórica em que está inserido (EG, n. 111). Pensar uma Igreja evangelizadora que não considere todos os seus fiéis como “agentes ativos” (GS, n. 43) é descartar o desejo de Deus de que “todos cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4), “finalidade última do batismo”⁹⁵ e do anúncio. Em outras palavras, é dividir a Igreja em categorias sectárias, em que a força de um indivíduo ou grupo é sobreposta a de outros numa espécie de classes sociais, que não leva em consideração o carisma de cada um, como aponta São Paulo (1Cor 12). Essa é uma concepção um tanto

⁹³ RATZINGER, *Dogma e anúncio*, p. 119.

⁹⁴ RATZINGER, *Dogma e anúncio*, p. 91.

⁹⁵ RATZINGER, *Dogma e anúncio*.

quanto clericalista, narcisista, que descarta a força evangelizadora do povo de Deus como um todo.⁹⁶

O batismo, no qual são “enxertados no mistério pascal de Cristo” (SC, n. 6) os crentes, recorda a inclusão na vida de fé, na vida em Deus, bem como a responsabilidade de cada um no anúncio e transmissão da boa notícia do Reino de Deus a todos, sem exceção. Uma vez que

Ele mesmo distribui continuamente, no Seu corpo que é a Igreja, os dons dos diversos ministérios, com os quais, graças ao Seu poder, nos prestamos mutuamente serviços em ordem à salvação, de maneira que, professando a verdade na caridade, cresçamos em tudo para Aquele que é a nossa cabeça (cf. Ef. 4, 11-16). (LG, n. 7)

Levando em consideração o fato de que a boa notícia anunciada leva à salvação e à adesão ao Reino de Deus, fim último da pregação apostólica, faz-se importante a percepção de que esse mesmo povo de Deus, tocado pelo Evangelho, toma consciência de que os ensinamentos dados por Jesus e transmitidos pela Igreja ao longo dos séculos são um verdadeiro projeto de vida, não apenas pessoal, mas principalmente comunitário. Sendo assim, de acordo com Casiano Floristán, “para tornar a evangelização efetiva, o cristão deve estar atento à situação pessoal, social e política dos homens numa sociedade concreta”⁹⁷, tendo em vista a atuação do próprio Cristo em sociedade.

Quando o capítulo dois da *Lumen Gentium* apresenta o conceito de “povo de Deus” (n. 9), coloca a questão de que *todos* participam do sacerdócio comum de Cristo. Diante disso, todos têm a responsabilidade de anunciar e testemunhar a graça recebida dele, pelos mistérios de sua paixão, morte e ressurreição e que continuam a guiar pelo Espírito Santo que foi recebido no batismo. Ademais, isso faz agir de forma ético-moral, pelo testemunho da fé professada, o discípulo de Cristo. Desse modo, “todas as ações dos cristãos são como hóstias oferecidas: proclamam a força daquele que nos libertou das trevas para vivermos na sua luz admirável” (LG, n. 10).

Outro aspecto apresentado pelo papa Francisco, na reiterada exortação apostólica, com relação ao anúncio é o aspecto litúrgico da homilia⁹⁸ (EG, n. 135-144). Característica do

⁹⁶ Para uma maior compreensão desse tema, conferir CALIMAN, C. Povo de Deus/Igreja. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (coords.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2015. p. 757-764.

⁹⁷ FLORISTÁN, C. Missão/Evangelização. In: TAMAYO, J. J. (org.). *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 364-368, p. 367.

⁹⁸ Na mesma linha de raciocínio, encontramos em M. Augé: “o mistério da palavra de Deus é celebrado de uma forma viva, existencial. É um diálogo entre pessoas. A palavra ecoa no ar, é proclamada com voz clara e inteligível, para que a assembleia possa acolhê-la em todo o seu frescor. Em seguida esta palavra é explicada e aplicada a situação concreta da assembleia na homilia” (AUGÉ, M. *Liturgia: história, celebração, teologia e espiritualidade*. 2.ed. São Paulo: Ave Maria, 1998, p. 155).

ministério ordenado, é parte constitutiva da celebração litúrgica da eucaristia. A homilia tem a capacidade de “aproximação do pastor com seu povo” (EG, n. 135), já que ajuda na consolidação da fé, ao mesmo tempo que orienta para uma autêntica experiência com Deus, “uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento” (EG, n. 135). Porém, pode se tornar uma fonte de distanciamento quando proferida em ordem de ideologias ou mesmo falsas doutrinas que não as do magistério atualizado.

O anúncio da Palavra requereu, ao longo da história, mediadores, fossem profetas, patriarcas, reis, fossem, ainda, discípulos, apóstolos e a própria Igreja, povo de Deus ainda hoje (EG, n. 120). Por eles a Palavra de salvação foi sendo propagada como instrumento de instrução e norma de comportamento, mas, acima de tudo, como elo relacional entre Deus e seu povo. Como ponto de diálogo e encontro gerador de vida nova e transformação da vida do ouvinte e do meio em que está inserido. Por isso mesmo, a homilia necessita ser compreendida não como um momento de “catequese ou meditação” do texto litúrgico que está diante da comunidade, mas sim “é um retomar do diálogo que já está estabelecido entre o Senhor e o seu povo”, e “aquele que prega deve conhecer o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus” (EG, n. 137), ou seja, para que o anúncio seja fecundo, faz-se necessário uma compreensão do momento e da circunstância que o envolve, sempre com o fim último de levar o ouvinte a dialogar com Deus.

Sendo a homilia tão relevante para o anúncio da boa nova, é importante que o pregador respeite seu real significado. Cabe deixar de lado os exageros, ou distorções litúrgicas, fruto de um personalismo exibicionista, que acaba por descentralizar a figura de Cristo e do Reino de Deus em detrimento do personagem assumido pelo próprio pregador, seja o mais radical e rubricista, seja o laxo e progressista, que vê no momento da pregação, diante da assembleia reunida, a possibilidade de falar o que julga conveniente. Para Francisco,

a pregação puramente moralista ou doutrinadora e também a que se transforma numa lição de exegese reduzem esta comunicação entre os corações que se verifica na homilia e que deve ter um carácter quase sacramental: “A fé surge da pregação, e a pregação surge pela palavra de Cristo” (Rm 10, 17). (EG, n. 142)

Cabe ao pregador a busca por um equilíbrio entre a palavra proclamada e a mensagem anunciada, uma vez que, ao levar o fiel a se encontrar com Deus, o leva a experimentar as realidades do Reino do Deus no já da história, mesmo que ainda não tenha experimentado em

sua plenitude. Para que isso ocorra, é necessário outro aspecto apontado pelo papa, diante do anúncio, uma preparação adequada da pregação.

Na visão do papa, o anúncio, a pregação, não é fruto apenas do conhecimento ou do preparo acadêmico com relação à Palavra, ou de uma teologia bem aplicada, antes de tudo é fruto do relacionamento pessoal entre o pregador e o próprio Deus por meio da oração. A compreensão do *Logos* experimentado torna-se então a compreensão do *Logos* transmitido à comunidade. Segundo ele, “a Palavra de Deus ensina que, no irmão, está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós” (EG, n. 179). Assim, o ouvinte deixa de ter uma aula sobre a Palavra para experimentar em sua própria vida essa dimensão transcendente que o Espírito faz acontecer na vida em comunidade no hoje da Igreja.

Esse mesmo Espírito guia o pregador a considerar a realidade da comunidade de fé, e à luz dos ensinamentos bíblicos e da Tradição eclesial, responder aos desafios do tempo presente. O desprezo da realidade, ou de tudo aquilo que nos circunda, tende a pender-se para uma leitura e compreensão equivocadas do ensinamento cristão. “O fato de termos sido batizados não acarreta automaticamente que saibamos o que somos como cristãos”⁹⁹, é necessário um amadurecer da consciência de fé, assim como acontece com os aspectos biológico, psíquico, emocional etc. dos seres humanos. É preciso buscar crescer em “estatura, graça e sabedoria diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). A realidade do Deus que se fez carne revela a necessidade de se olhar para Ele como aquele que cuida e escuta o clamor do seu povo hoje. Um Deus que não está alheio aos acontecimentos do tempo presente, mas que deseja salvar, libertar e santificar todos aqueles que o buscam de coração sincero.

Quando o anúncio do Evangelho é objeto central na vida cristã, base e referencial seguros para o crente, esse toma consciência que “vive dois mundos: o da realidade cotidiana e do mundo da fé” e é guiado pelo Espírito Santo que o acompanha continuamente¹⁰⁰. Entretanto, “esta consciência de viver em dois mundos pode se ver enfraquecida, esquecida ou mesmo destruída pela erosão diária ocasionada pela sociedade secularizada em que vivemos”, ou seja, pelas preocupações mundanas oriundas dos bens materiais, do prazer, do poder, do consumo ou da felicidade egocêntrica¹⁰¹.

Portanto, aquele que crê de maneira consciente e madura, com senso de responsabilidade da fé professada “deve colocar Cristo no centro de sua vida e de seu anúncio,

⁹⁹ MIRANDA, *A Igreja que somos nós*, p. 15.

¹⁰⁰ MIRANDA, *A Igreja que somos nós*, p. 17.

¹⁰¹ MIRANDA, *A Igreja que somos nós*, p. 18.

qualificando-se como seu *discípulo*, apaixonado por sua verdade, que só liberta e salva”¹⁰², do mesmo modo que o “Reino de Deus, centro e resumo da mensagem e da atividade toda de Jesus”¹⁰³. Assim, urge atenção do crente e da Igreja a uma abertura constante à conversão pessoal e eclesial, bem como o cuidado necessário para não permitir que se roube o Evangelho (EG, n. 97) de sua vida e missão.

3.2 A conversão missionária da Igreja

Francisco convida a Igreja a um processo de conversão missionária (EG, n. 30), uma vez que o convite é feito a *todos* indistintamente, inclusive à própria instituição, como herdeira e transmissora dos valores recebidos de Jesus Cristo. Por isso mesmo, faz-se necessário um processo de discernimento que visa compreender e aplicar na própria vida o desejo de Deus para a construção do seu Reino, já neste mundo. Assim, para ele, “um coração missionário está consciente [...]. Sabe que ele mesmo deve crescer na compreensão do Evangelho e no discernimento das sendas do Espírito” (EG, n. 45).

Diante deste movimento, não é possível esperar inerte a realização da parusia, mas sim perceber que as escolhas e renúncias, que se faz no hoje, ajudam na construção do Reino que há de vir, usando a via do discernimento, atento à realidade confrontada com o Evangelho. O que o Pontífice espera “situa-se mais na linha dum discernimento evangélico. É o olhar do discípulo missionário que ‘se nutre da luz e da força do Espírito Santo’” (EG, n. 50). Assim, “discernir significa não se deixar arrastar por extremos, mas perceber o jogo sutil e fino das moções do Espírito e o recurso às razões iluminadas pela fé”¹⁰⁴.

Henri De Lubac, em 1969, olhando a realidade da Igreja de sua época, observara uma crise que se instalava sobre a vida eclesial, um conflito que, para além do ato do comportamento, alcançava a unidade da Igreja e, consecutivamente, o posicionamento dos filhos em relação a ela¹⁰⁵. Esse mesmo olhar atento à realidade de seu tempo tornou-se um ato profético, uma vez que, diante dos inúmeros desafios eclesiais de hoje, os posicionamentos abertos de bispos, leigos, organismos dentro e fora da esfera eclesial, contrários a um diálogo mais aproximativo da Igreja com a modernidade se fazem capilares no tecido da Igreja¹⁰⁶. Quando o papa convida

¹⁰² FORTE, B. *A Transmissão da fé*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 67.

¹⁰³ RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. Um ensaio de cristologia para nossos dias. 15.ed. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 37-53.

¹⁰⁴ LIBANIO, J. B. *Em busca de lucidez*. O fiel da balança. São Paulo: Loyola, 2008, p. 13.

¹⁰⁵ DE LUBAC, H. *A Igreja na crise atual*. São Paulo: Paulinas, 1972, p. 13-16.

¹⁰⁶ POLITI, *Francisco entre os lobos*, p. 182-214.

a uma conversão pastoral missionária, tem diante de si tal realidade, ao mesmo tempo que sabe da necessidade de colocar em prática os ensinamentos do próprio magistério eclesial assumidos pelo Concílio Vaticano II.

De acordo com De Lubac, “assistimos a uma crise de civilização” que, atualmente, se faz mais “aguda e acelerada do que em outras épocas” e que coloca o cristão diante de um dilema no qual “não estaria disposto a reagir contra um sistema que desconhece a dignidade do homem, que sufoca sua alma e o fecha para a esperança?”¹⁰⁷.

Tal crise secularizada exige do crente uma postura diante da realidade, uma vez que não está alheio aos acontecimentos à sua volta e, de fato, tem diante de si o modo como deve atuar e responder a tais situações, tendo como ponto de partida a boa nova do Evangelho. De acordo com o autor,

é necessário também constatar [...] uma disposição amarga e vingadora, decidida antecipadamente a não poupar nada; uma vontade de denegrir, uma espécie de agressividade, que se dirige ao mesmo tempo contra o passado da Igreja e contra a sua existência atual, contra o conjunto de seus fiéis, contra todas as formas de sua autoridade, contra todas as suas estruturas, talvez sem distinção entre aquelas que são devidas às contingências históricas e as que lhes são essenciais, pois que de instituição divina.¹⁰⁸

Quando se percebe, dentro da própria assembleia, grupos e pessoas com posturas separatistas, tendendo a uma ruptura da unidade eclesial, consciente ou não, ou semeando uma cruzada entre o bem e mal, por divergência de pensamentos, deve-se ficar atento e, acima de tudo, reafirmar a convicção de que é “Cristo a cabeça da Igreja” (Cl 1,18) e “todos nós somos o seu corpo” (1Cor 12,27), já que “o todo é superior à parte” (EG, n. 234).

Desse modo, “não se deve viver demasiado obcecado por questões limitadas e particulares. É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós” (EG, n. 235). Esse modo de pensar leva em consideração a participação do batizado na vida ativa da comunidade eclesial, na sua realidade, de modo a desenvolver no fiel a consciência de que o Evangelho é semente de transformação. Segundo o papa, “quando paramos na conjuntura conflitual, perdemos o sentido da unidade profunda da realidade” (EG, n. 226) e acabamos por nos distanciar da fonte da vida eterna, Cristo, e do objetivo último de nossa existência pessoal e eclesial, o Reino de Deus.

É diante desses desafios que urge a necessidade de um processo de “conversão pastoral e missionário” (EG, n. 25) que leve o cristão a experimentar, reafirmar e proclamar “a alegria

¹⁰⁷ DE LUBAC, *A Igreja na crise atual*, p. 7-10.

¹⁰⁸ DE LUBAC, *A Igreja na crise atual*, p. 14.

do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, [e que] é uma alegria missionária” (EG, n. 21). Esse processo de conversão passa pela experiência de dois lugares teológicos, mas, acima de tudo, experienciais: o banho batismal e a penitência/reconciliação, no âmbito pessoal; e o aspecto institucional, no âmbito eclesial, que se dá pela renovação ou reforma da estrutura eclesial em cada tempo histórico.

3.2.1 A conversão pessoal: batismo e penitência

Para Francisco, o ser humano nasce duas vezes: “a primeira, para a vida natural; a segunda, graças ao encontro com o Cristo, na pia batismal. Ali morre-se para a morte, a fim de viver como filhos de Deus neste mundo”, por onde nos tornamos *crístóforos*, ou seja, “portadores de Jesus” no mundo¹⁰⁹. Desse modo, se compreende que “é pela fé na boa-nova e pelo batismo que se renuncia ao mal e se adquire a salvação, isto é, a remissão de todos os pecados e o dom da vida nova”¹¹⁰. Na liturgia da vigília pascal, suplicamos como assembleia reunida “que Deus todo-poderoso acompanhe com sua misericórdia os que se aproximam da fonte do novo nascimento”¹¹¹, demonstrando assim que toda a Igreja se faz una mediante a fé de seus membros, mesmo os neófitos.

A doutrina católica ensina que é mediante o caráter cristológico que o batismo imprime ao fiel, que esse, ao longo de sua caminhada, é chamado permanentemente a rever seu modo de pensar, de agir e de viver no cotidiano. Para isso, tem diante de si a penitência, visto que “o apelo de Cristo à conversão continua a fazer-se ouvir na vida dos cristãos”¹¹². Mesmo quando se peca, Deus “jamais nos rejeita”, inclusive quando falhamos e rompemos a aliança¹¹³. A penitência pode ser entendida como “segunda conversão, [...] ininterrupta”¹¹⁴, capaz de dar consciência ao fiel de seus pecados e de suas fragilidades humanas, visto que a Igreja de Cristo, sendo santa, é constituída de pecadores que necessitam de “purificação, prosseguindo constantemente no seu esforço de penitência e de renovação” (LG, n. 8). Desse modo, “este esforço de conversão não é somente obra humana, é o movimento do ‘coração contrito’ atraído e movido pela graça para responder ao amor misericordioso de Deus, que nos amou primeiro”¹¹⁵.

¹⁰⁹ FRANCISCO. *A esperança cristã*. São Paulo, Paulus, 2018, p. 115.

¹¹⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1427.

¹¹¹ MISSAL ROMANO, Liturgia batismal, p. 283.

¹¹² MISSAL ROMANO, Liturgia batismal, n. 1428.

¹¹³ MISSAL ROMANO, Oração Eucarística sobre reconciliação I, p. 866.

¹¹⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1428.

¹¹⁵ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1428.

De acordo com o catecismo, é “na pregação da Igreja [que] este apelo dirige-se, em primeiro lugar, àqueles que ainda não conhecem Cristo e o seu Evangelho. Por isso, o batismo é o momento principal da primeira e fundamental conversão”¹¹⁶. Aquele que, aceitando a mensagem auricular deseja adentrar na vida de fé cristã, busca o conhecimento transmitido ao longo dos séculos pela comunidade eclesial (catecumenato), ao mesmo tempo que transforma este conhecimento em experiência concreta na vida e na realidade em que está inserido (práxis cristã) mediante a graça divina. É a fé transformada em compromisso, em testemunho diante da sociedade, pois, como ensina o papa, “todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e dá sentido à nossa vida” (EG, n. 121).

O Documento de Aparecida evidencia que a Igreja na América Latina e Caribe ensina que “o chamado de Jesus no Espírito e o anúncio da Igreja apelam sempre à nossa acolhida, que a fé nos confia”, ou seja, “o batismo não só purifica dos pecados. Faz nascer o batizado, conferindo-lhe a vida nova em Cristo que o incorpora à comunidade dos discípulos e missionários de Cristo, à Igreja” (n. 349). No entanto, “no exercício de nossa liberdade, às vezes recusamos essa vida nova (cf. Jo 5,40) ou não perseveramos no caminho (cf. Hb 3,12-14)”. Faz-se continuamente perceber que “o anúncio de Jesus sempre convoca à conversão, que nos faz participar do triunfo do ressuscitado e inicia um caminho de transformação” (DAP, n. 350-351) que devemos assumir sem medo.

3.2.2 A conversão eclesial: reforma institucional

De acordo com o pensamento de Francisco, a renovação eclesial não é só possível como é *inadiável*, pois para uma reforma institucional é imprescindível a consciência aberta a “uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG, n. 27)¹¹⁷.

Para Francisco, “a inexistência dum acolhimento cordial nas nossas instituições, e a dificuldade que sentimos em recriar a adesão mística da fé num cenário religioso pluralista”

¹¹⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1427.

¹¹⁷ O papa Paulo VI, em sua primeira encíclica *Ecclesiam Suam*, sobre os caminhos da Igreja, em 1964, já apontava para a necessidade permanente da Igreja em se renovar, tendo como exemplo o próprio Cristo. Segundo ele, “tornando a Igreja mais fel ao conceito inicial e, [...] mais ajustada à índole da humanidade que ela ia evangelizando e incorporando a si”, nasce “a necessidade nobre e quase impaciente de se renovar” (ES, n. 4). O próprio Francisco recorda esse ensinamento ao discorrer sobre a imperativo da Igreja em se renovar (EG, n. 26).

(EG, n. 70) pode fazer com que muitos desistam de assumir com vontade e alegria a fé que professamos em Jesus Cristo. Isso pode acontecer apenas por um ato vaidoso da parte do cristão acomodado, que não deseja fazer a vontade de Deus, mas sim sua própria vontade, pura vaidade, uma vez que “é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia” (EG, n. 44).

Nesse processo, para o pontífice, a reforma da Cúria Romana se tornou um símbolo da conversão institucional. Na Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium*, Francisco vai ser taxativo ao afirmar que, no processo de conversão pastoral, “a reforma da Cúria Romana insere-se no contexto da missionariedade da Igreja”, e que no mistério de comunhão eclesial expressa-se “o rosto da sinodalidade”, isto é, “uma igreja de escuta mútua ‘na qual cada um tem algo a aprender. Fiéis, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: uns escutando os outros e todos escutando o Espírito Santo’(...)” (PE, n.3-5). Para o papa, é claro o que está no preâmbulo do documento, que a Igreja nasce para proclamar o Evangelho e servir a humanidade, tendo como exemplo Jesus Cristo (PE, n. 1).

Mário de França Miranda, comentando a *Evangelii Gaudium*, sobre o desejo de Francisco de realizar uma ampla reforma na Igreja, afirma que:

uma reforma eclesial sempre questiona hábitos passados, compreensões tradicionais, formulações familiares. Sentimo-nos incomodados por ter que lidar com realidades, expressões e práticas novas. Experimentamos também certa insegurança diante do que nos é proposto, como se nossa fé estivesse ameaçada por esses novos desafios.¹¹⁸

Para o autor, todo o processo de reforma não é uma tarefa fácil, porque acaba por tocar essencialmente em “mentalidades e comportamentos”, em um estilo de vida habitual no qual se faz importante um repensar à luz daquilo que o Espírito suscita no tempo presente.

Ainda de acordo com ele, na atual circunstância que a Igreja se encontra, marcada “por transformações aceleradas” de cunho cultural, devido ao advento dos meios de comunicação, principalmente das redes sociais, que oferecem na palma da mão informações em tempo real – que em muitos casos não formam o indivíduo para uma consciência crítica –, esse processo de renovação é mais complexo. Daí que “mudanças na Igreja significam para alguns ver questionados seus pontos de apoio” e isto não só pode como gera atritos no corpo eclesial.¹¹⁹

França Miranda diz ainda que o convite à conversão, feito por Francisco, nada mais seria que a consciência atenta a uma “reflexão mais profunda que ofereça critérios para um juízo sadio” dessa consciência. Critérios de reflexão baseados no Evangelho e nos desafios

¹¹⁸ MIRANDA, *A reforma de Francisco*, p. 11.

¹¹⁹ MIRANDA, *A reforma de Francisco*, p. 11-12.

contemporâneos que auxiliam a Igreja a “desmascarar concepções de estilo e vida que nada têm de cristão”. Em vários dos seus pronunciamentos, o pontífice convida os fiéis a uma condição necessária na decisão da fé, a conversão, inclusive, como critério amparador no tocante à reforma eclesial¹²⁰.

Sem sombra de dúvidas, esse convite, feito por Francisco, parte da imagem do *Deus misericordioso* (Ex 34,6) como um fator preponderante para um processo de renovação, seja na esfera pessoal, seja na eclesial. De “um Deus que se comove e sente ternura por nós como uma mãe quando pega seu filho ao colo, unicamente desejosa de amar, proteger e ajudar”¹²¹.

Parece certo afirmar que este artifício de renovação eclesial é graça de Deus, “que nos dá a coragem de começar de novo”¹²², ou como diria Jon Sobrino, “desperta para a realidade de um mundo oprimido e subjugado, inumanizado”¹²³. E que ao mesmo tempo faz enxergar que na “grandeza do amor de Deus”, “o coração do crente é abalado pelo horror e pelo peso do pecado, e começa a ter receio de ofendê-lo pelo pecado e de estar separado d’Ele”¹²⁴.

Nessa busca por transformação ou renovação, contando com auxílio da graça divina e da misericórdia de Deus, um dos elementos que a conversão faz compreender está na diversidade de dons e carismas que o Espírito concede à Igreja, povo de Deus. Tal diversidade é um enriquecedor para a vida eclesial, assim como também pode se tornar um embate interno na busca esquizofrênica por atenção e poder de seus membros e que o papa vai rechaçar (EG, n. 93), pois a Igreja é una, mas não é uniforme! Isso a coloca na perspectiva de abertura constante ao novo que se aponta no horizonte, todos os dias com o nascer do sol. Como lembra o pontífice,

o Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: “Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. (...) A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma”. (EG, n. 26)

De acordo com França Miranda, uma das múltiplas razões de resistência nesse processo de conversão-reforma da Igreja “com relação a mudanças estruturais e novas interpretações da fé”, está na “dificuldade em *transcender* o seu próprio horizonte de compreensão” por parte de alguns de seus membros.¹²⁵ É aquilo que Francisco, ao denunciar o mundanismo espiritual,

¹²⁰ MIRANDA, *A reforma de Francisco*, p. 12.

¹²¹ FRANCISCO, *A Misericórdia*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 9.

¹²² CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1432.

¹²³ SOBRINO, J. *A Misericórdia*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 8.

¹²⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n.º 1432.

¹²⁵ MIRANDA, *A reforma de Francisco*, p. 24.

chamou de “autorreferencialidade” (EG, n. 95). Para o autor, três aspectos devem ser levados em consideração diante da busca pela conversão que romperia tal modo de pensar: o intelectual, o moral e o do coração.

Com relação à *conversão de cunho intelectual* é relevante a aceitação da historicidade da verdade e da dimensão interpretativa do conhecimento humano, uma vez que “a novidade está na recuperação de compreensões da verdade revelada, esquecidas [...] e então repristinadas, como aconteceu com o Concílio Vaticano II”¹²⁶ ao recuperar ensinamento da patrística. Assim, ao recuperar uma forma de pensar da própria Igreja, o sentimento de insegurança causa assombro e resistência diante do novo, e por isso mesmo acaba por abrir caminhos ao “tradicionalismo e ao fundamentalismo”, buscando romper com a modernidade no que se refere à interpretação dos dogmas eclesiais, ocasionando assim uma “fonte de divisões de conflitos tendo como base uma estrutura mental” não aberta à realidade do tempo presente. Para França Miranda, “qualquer mudança que ameace sacrificar o atual *status quo* ou imponha a introdução de novos hábitos, sobretudo se exigem renúncias e provocam limitações ao bem-estar pessoal, não será de modo algum bem-vinda”¹²⁷.

Francisco vai dizer, então, que em tais posturas “já não há ardor evangélico, mas o gozo espúrio de uma autocomplacência egocêntrica” (EG, n. 95).

Outro elemento importante nesse processo de conversão pende para o campo moral, ou seja, a Igreja carece passar por uma *conversão moral*, na perspectiva analítica de França Miranda sobre a reforma de Francisco. Para o autor, a conversão moral “consiste em nortear nossas decisões e nossas escolhas não movidos pela satisfação própria, mas tendo como critério os valores que fundamentam nossa escolha”. Desse modo, esta tarefa é difícil devido ao “individualismo cultural na sociedade, fonte de tanta corrupção, violência e desigualdade social”¹²⁸, e que por vezes é deixado de lado pelo cristão para não se comprometer com a transformação da realidade em que está inserido. Uma falsa visão cristã da fé, uma vez que, movidos pelo Espírito, somos instruídos a ir ao encontro do outro sem julgamentos, mas desejosos de transformação¹²⁹.

Por fim, França Miranda aponta a *conversão do coração*, que “consiste numa entrega da fé ao mistério de Deus e à ação livre do Espírito Santo”. “Esta toca à afetividade profunda

¹²⁶ MIRANDA, *A reforma de Francisco*, p. 24.

¹²⁷ MIRANDA, *A reforma de Francisco*, p. 25.

¹²⁸ MIRANDA, *A reforma de Francisco*, p. 26.

¹²⁹ A Oração Eucarística sobre a reconciliação II nos apresenta a seguinte petição: “no meio da humanidade, dividida em contínua discórdia [...], Vosso Espírito Santo move os corações, de modo que os inimigos voltem à amizade, os adversários se deem as mãos e os povos procurem encontrar a paz”. MISSAL ROMANO, p. 871.

da pessoa que responde a Deus que é amor (Rm 5,5) e doação de si, procurando fazer de sua vida também uma doação a Deus na pessoa do próximo (Mt 25,31-46)”¹³⁰. É essa atitude de conversão que se deve esperar também da Instituição, Igreja, por que como povo de Deus inserido no tempo e na história, amado e resgatado pela misericórdia divina desde o clamor do cativo do Egito (Ex 3), sente na sua própria carne o amor misericordioso de um Deus que lhe escuta.

A Igreja, como “mãe de coração aberto”, segundo o papa, é chamada a estar sempre de “portas abertas” para acolher seus filhos em dificuldades, principalmente os das periferias existenciais, os feridos pelas inúmeras causas dos nossos tempos, os excluídos de hoje (EG, n. 46), uma vez que “é preferível uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, n. 49).

Neste processo de conversão específica há muito a ser feito, principalmente resgatando o significado do batismo do povo de Deus, para dentro da estrutura institucional, observando todos e aplicando a todos os batizados igual dignidade, distinguindo apenas a função de cada um no corpo eclesial. Para o papa, “cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora não suficiente” (EG, n. 102), há um laicato expressivo, com sentido de comunidade e fiel ao compromisso da caridade, da catequese, e também da celebração da fé.

No caminho de conversão, o olhar atento e terno à figura do feminino é tão relevante quanto a própria transformação interior da Igreja (EG, n. 103). A figura de Maria, mãe, discípula e serva é exemplo integrativo em que o feminino não é somente necessário, é parte integrante e deve estar presente na vida eclesial como dom gratuito do próprio Deus, assim como esteve na comunidade primitiva e em toda história da Igreja. “Maria é aquela que soube transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura” (EG, n. 286), assim também deve ser a Igreja diante de todos os seus filhos e filhas, indistintamente.

A conversão eclesial precisaria levar em consideração a integração daqueles cristãos muitas vezes vistos como de “segunda categoria”, usando uma linguagem coloquial, por não poderem participar de um ou outro sacramento na assembleia; por serem considerados indignos por uma condição de vida por si excludente, mas que não fere sua consciência mais profunda ou sua dignidade de cristãos. Também eles, como todos nós, necessitam do olhar misericordioso de Deus e da própria Igreja. Nesse aspecto, é bom recordar diante da mesa eucarística, onde

¹³⁰ MIRANDA, *A reforma de Francisco*, p. 26.

muitos ainda hoje são privados do dom sublime de Jesus, dado a todos indistintamente e não somente aos ditos privilegiados, que “a eucaristia, [...] não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos”, como ensina o papa Francisco recordando Santo Ambrósio (EG, n. 47).

Portanto, neste processo de conversão missionária da Igreja, tanto pessoal como eclesial, deixar-se guiar pelo Espírito do Senhor é o único caminho seguro, curador, libertador e renovador para a fé professada e aplicada na vida cotidiana. O que pode fazer a Igreja retroceder no seu caminho rumo ao horizonte que o Espírito aponta, à Jerusalém celeste, ao Reino do Deus misericordioso é um comportamento vaidoso em que o olhar para si conta muito mais do que a vontade do próprio Deus. Desse modo, renunciar a tal postura e assumir Jesus Cristo e seu projeto de Reino é reconhecer que “no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros” e que “o conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG, n. 177). A Igreja não pode e jamais poderá negligenciar esse aspecto da fé cristã, pois faz parte de sua gênese.

3.3 A dimensão ético-social da fé

Todo aquele que se propõe a ler os textos das Escrituras, principalmente do Novo Testamento, com verdade e retidão, buscando saber o que o texto diz no seu contexto e o que diz aos desafios da realidade de hoje, é capaz de perceber a inseparável ligação entre *fé e obras* (Tg 2,14-26). A derivação do ato de fé está precisamente em sua aplicabilidade na vida cotidiana. Fugir desse aspecto é viver uma fé de ilusão, de equívocos ou até mesmo de falsidade, mesmo que de forma inconsciente.

Conhecer a verdade da Verdade evangélica é um ato libertador, por isso mesmo Jesus já alertava: “conhecereis a verdade e a verdade os libertará” (Jo 8,32).

Como já demonstrado anteriormente, para Francisco, “o querigma possui um conteúdo social” que tem uma incidência no comportamento do cristão, ou ao menos deveria ter. Para ele, “o conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG, n. 177). Assim, a base deste modo de pensar é o conteúdo neotestamentário, principalmente, a imagem de um Deus que é amor e misericórdia e que convida a se viver o mandamento novo ensinado por Jesus.

3.3.1 Perspectiva bíblica do comportamento social cristão

Deparando-se diante da primeira epístola de São João com o questionamento a respeito do comportamento cristão em relação ao amor de Deus, o crente deveria inquietar-se como, por vezes, esse amor é negligenciado e essa exigência evangélica da profissão de fé é posta em segundo plano, quase que sem relevância na vivência cotidiana. Assim, João, ao fazer a pergunta: “se alguém possuindo os bens deste mundo, vê seu irmão na necessidade, e lhe fecha as entranhas, como permaneceria nele o amor de Deus?” (1Jo 3,17), confronta a consciência ético-moral cristã frente à realidade em que se encontra o seguidor de Cristo, tendo como base seus ensinamentos e da comunidade eclesial.

Na hermenêutica de João, e assim da Igreja, não seria possível professar o amor em um Deus misericordioso sem o compromisso com o outro. Francisco reafirma isso, indicando que “qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros” (EG, n. 9).

Na mesma vertente, de acordo com Bertolini, “o amor entre os membros da comunidade, para ser verdadeiro, precisa reproduzir o amor de Jesus, fiel ao Pai e misericordioso em relação às pessoas”¹³¹, uma vez que o amor é relacional e o discípulo de Cristo procura se espelhar em seu testemunho de vida para seguir sua fé. “Este amor tende frequentemente a se desviar de sua real dimensão, mas o importante é conservar aquela sintonia que nos permita ter confiança em Deus a ponto de sermos por ele ajudados na tarefa de amar”¹³², já que a esperança cristã está no amor misericordioso oferecido por Ele incondicionalmente.

Desse modo, o questionamento levantado por São João demonstra que “somente quem ama verdadeiramente os seus semelhantes é capaz de seguir Jesus”, isso porque, de acordo com J. C. Pereira, “o segmento exige renúncia, e a renúncia só é possível se houver algo maior a ser buscado”. Mas, o que seria esse algo maior? Pereira responde dizendo que “esse algo maior é a defesa da vida, [...] resultado de um verdadeiro amor. Aquele [...] capaz de dar a vida pelo outro”¹³³.

Segundo o pensamento de Juan Martín Velasco, a moral, ou “a ética”¹³⁴ esteve sempre estreitamente ligada com a história da religião, ao ponto de se poder afirmar que as relações da

¹³¹ BERTOLINI, J. *Roteiros homiléticos*. Anos A, B, C. Festas e solenidades. São Paulo: Paulus, 2006, p. 337-338.

¹³² BERTOLINI, *Roteiros homiléticos*, p. 337-338.

¹³³ PEREIRA, J. C. *Liturgia da Palavra I*. Reflexões para os dias de semana. São Paulo: Paulus, 2014. p. 34.

¹³⁴ Esse termo “ética”, mesmo visto por alguns diferenciado do conceito “moral”, aproxima-se pela via do comportamento humano. É a partir dessa concepção que abordaremos a dimensão moral/ética da conduta cristã, em vista de uma possível avaliação do comportamento do sujeito crente, frente à realidade da existência histórica

religião com a ética [...] são um dos aspectos essenciais para compreender o sentido do processo da história humana”¹³⁵. Olhando dessa maneira, todo e qualquer comportamento religioso, em qualquer religião, traz consigo um ensinamento ético-moral baseado no bem. De acordo com o autor, todas as religiões além das “obrigações intrarreligiosas” mantêm outras que acabam por orientar o conjunto da vida de seus fiéis na vida em sociedade. Para o cristão, é aquilo que é denominado: mandamentos. O autor faz lembrar que esse processo se diferencia entre as matrizes religiosas, porém o ponto de convergência se encontra justamente no fato de que cabe ao fiel o cumprimento dos ensinamentos em vista de um bem maior, ou seja, da regra de vida proposta pelo grupo religioso ao qual ele adere¹³⁶.

Falando especificamente da fundamentação religiosa da moral cristã, Velasco vai afirmar que

no cristianismo, como no judaísmo e nas demais religiões monoteístas de orientação profética, a ética tem seu fundamento na vontade divina expressa sob a forma de mandamentos. Mas no cristianismo estes mandamentos não são o efeito de uma vontade exterior ao homem que lhe impõe de fora a forma de vida à qual deve se ajustar. Os mandamentos são antes a expressão e a consequência da nova forma de vida que provém do fato de o crente ter sido introduzido na própria vida de Deus e agraciado com o seu Espírito.¹³⁷

Logo, para o cristão, executar os mandamentos não deriva de uma coação, mas sim da “consequência do amor de Deus” que o agraciou em Jesus Cristo¹³⁸. Sobre esse tema, Rinaldo Fabris declara que a base e a fonte da moral cristã se encontram sobretudo no Novo Testamento, demonstrando, por um lado, “a radicalidade do Evangelho e a consciência da mudança crítica inaugurada com Jesus Cristo” e, por outro lado, “a exigência de traduzir esta radicalidade em comportamentos e normas morais adequadas à diversidade de situações históricas”¹³⁹.

Segundo o autor, os evangelhos apontam diversos aspectos da vida cristã, seja de cunho pessoal, seja comunitário, com o objetivo único de demonstrar que o Reino de Deus, destinado a todos, é assegurado aos pobres, de modo particular¹⁴⁰. Como diria Francisco: “na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de

e social em que está inserido. Para um maior esclarecimento dos termos, com sua aproximação e variações, sugiro a consulta a ABBAGNANO, *Dicionário de Filosofia*, p. 442s e 795. (comentário do autor)

¹³⁵ VELASCO, J. M. *Religião e Moral*. In: VIDAL, M. *Ética Teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999.

¹³⁶ VELASCO, *Religião e Moral*, p. 168-169.

¹³⁷ VELASCO, *Religião e Moral*, p. 171.

¹³⁸ VELASCO, *Religião e Moral*.

¹³⁹ FABRIS, R. *Moral do Novo Testamento*. In: *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 828-839.

¹⁴⁰ FABRIS, *Moral do Novo Testamento*, p. 829.

paz, de dignidade para todos” (EG, n. 180). Ou ainda, que “no coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres” (EG, n. 197). Assim, a “concentração da vontade de Deus [...] no amor ao próximo é o traço distintivo da mensagem moral de Jesus”, demonstrando a fusão existente entre *amar Deus e o próximo* como o novo mandamento instituído por Jesus a seus discípulos¹⁴¹. “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35).

Fabris afirma, então, que o caminho do discípulo, baseado nas atitudes e ensinamentos de Jesus, é buscar uma meta escatológica, iniciada já na história deste mundo e que terá o fim último coincidente “com a vinda gloriosa do filho do homem”. Em sua concepção, “a igreja primitiva [...] põe como fundamento da decisão moral o acontecimento da morte e ressurreição de Jesus Cristo”, e que tem, no “dom do Espírito, [...], a força interior da liberdade por meio da caridade, em que se sintetizam todas as exigências éticas” do cristão. Sendo assim,

é a relação com o senhor Jesus por meio da fé que oferece o critério de discernimento das decisões éticas que devem tornar-se realidade nos diversos âmbitos: pessoal, eclesial, social e público. [...] [Uma vez que] os escritos do Novo Testamento são, com efeito, para os cristãos e para a Igreja, fonte e critério normativo na elaboração de um projeto ético cristão.¹⁴²

Numa perspectiva semelhante, Francisco chama atenção da Igreja sobre sua responsabilidade moral com as situações culturais e sociais de cada povo. Para ele fica evidente que “a partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana” (EG, n. 178), e que “tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais” (EG, n. 180).

Um dos elementos que podem atrapalhar a vivência e aplicabilidade do Evangelho à vida social, com todos os compromissos ético-morais oriundos dele, é não só a dissociação entre fé e vida cotidiana – a separação entre aquilo que se vive dentro do templo, em comunidade, como experiência do sagrado, e aquilo que se vive fora dele – como também a vaidade egoísta, que leva em conta uma relação narcisista ou subjetiva com Deus. Essa atitude “é precisamente uma desculpa maligna para continuar fechado na própria comodidade, na preguiça, na tristeza insatisfeita, no vazio egoísta” (EG, n. 275).

De acordo com o psicanalista William Castilho, esse comportamento vaidoso “é uma experiência que dilata a imagem do ser humano, embaça seu próprio olhar e, de certa forma,

¹⁴¹ FABRIS, Moral do Novo Testamento, p. 831.

¹⁴² FABRIS, Moral do Novo Testamento, p. 838.

torna um sujeito escravo do olhar do outro”¹⁴³. Assim, ele se coloca impedido, muitas vezes, de fazer o bem social por imaginar que não é sua responsabilidade o que passa à sua volta, mesmo tendo à sua frente o próprio exemplo de Jesus Cristo, servo (Jo 13,1-17).

3.3.2 O apelo por uma Igreja misericordiosa e solidária

Para superar o mundanismo espiritual, na perspectiva moral da responsabilidade cristã, Francisco exorta, diante das inúmeras dificuldades do tempo presente, principalmente frente ao “individualismo pós-moderno e globalizado”, a “insistirmos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos a carregar ‘os fardos uns dos outros’ (Gl 6,2)” (EG, n. 67), ou seja, insiste em um olhar mais humano e alteridade em relação ao outro, enquanto aquele que é diferente, mas semelhante na condição de filhos pela graça.

A partir dessa visão de mundo e da sociedade, Francisco propõe “uma promoção integral de cada ser humano”. Para ele “já não se pode afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado e que serve apenas para preparar as almas para o céu”, uma vez que “Deus deseja a felicidade dos seus filhos também nesta terra” (EG, n. 182). Citando São João Paulo II, assegura que “a conversão cristã exige rever ‘especialmente tudo o que diz respeito à ordem social e consecução do bem comum’” (EG, n. 182), pois, “uma fé autêntica [...] comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar até um pouco melhor depois da nossa passagem por ela” (EG, n. 183).

Corroborando com essa forma de pensar, Thales Martins dos Santos assegura que “a tarefa de destruir muros e construir pontes tem sido a força dinâmica do pontificado de Francisco”. Diante da cultura do descartável, “Francisco se posiciona radicalmente contra uma sociedade de exclusão”¹⁴⁴, demonstrando a todos, inclusive à Instituição eclesial, que a responsabilidade de transformação do mundo e da sociedade depende de todos indistintamente, inclusive dos batizados, que professando sua fé em Jesus Cristo o têm como exemplo e modelo de vida e anúncio da boa nova do Reino.

Nessa perspectiva, não é possível falar de um Reino de Deus que não leve em consideração a justiça social. A proposta do Reino demonstrada por Jesus é integrativa, onde a

¹⁴³ CASTILHO, W. C. *Os sete pecados capitais à luz da psicanálise*. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 69.

¹⁴⁴ SANTOS, T. M. Um projeto social chamado Francisco. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. *A moral do Papa Francisco*. Um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Santuário, 2020, p. 65.

construção da Jerusalém celeste se dá em cada atitude, lugar, comportamento, afinidade, em suma, em cada pessoa no agora de sua existência temporal enquanto ser relacional.

Diante dos inúmeros aspectos que Francisco apresenta, não somente na *Evangelii Gaudium*, mas também em muitos outros documentos e falas proferidas ao longo do seu pontificado, nós nos deteremos em três aspectos que julgamos demonstrar a aplicabilidade ético-moral do compromisso social que a fé nos faz assumir, não como obrigação, mas como adesão voluntária, a partir da graça e do amor divino. O primeiro aspecto diz respeito ao cuidado com os pobres, como traço fundamental da mensagem neotestamentária; o segundo aspecto diz respeito às relações humanas, como um balizador testemunhal de fraternidade com o outro; e por fim, o terceiro aspecto, o cuidado com a casa comum, responsabilidade do ser humano frente ao ato criador de Deus.

3.3.2.1 Cuidado com os pobres

O papa Francisco vale-se de algumas imagens bíblicas para demonstrar “o lugar privilegiado dos pobres no povo de Deus” (EG, n. 197). Partindo do texto bíblico da libertação do povo hebreu do cativeiro do Egito, recorda-nos o que por vezes o cristão parece esquecer, “Deus viu e ouviu a miséria e o clamor do seu povo por causa dos seus opressores” (Ex 3,7). Nessa experiência de *libertação*, é explícita a ação misericordiosa de Deus que não apenas vê a miséria, a desumanização, a perda e o significado do valor humano pelo próprio humano, mantendo-se indiferente, insensível, como também *escuta* o pedido de socorro e coloca-se em atitude de ajuda, de defesa, de comprometimento “diante dos opressores” que maltratavam – assim como hoje maltratam – seus filhos, “sua imagem e semelhança” (Gn, 1,26). Para Francisco, “ficar surdo a este clamor, quando somos os instrumentos de Deus para ouvir os pobres, coloca-nos fora da vontade do Pai e do seu projeto” (EG, n. 187).

No número 197 da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Francisco utiliza uma série de imagens neotestamentárias para demonstrar a vinculação e a predileção de Deus no seu compromisso com os mais pobres e excluídos. Desse modo, a imagem da Anunciação do anjo a Maria e o Nascimento de Jesus (Lc 1 e 2), de acordo com ele, ilustram como “todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres”, isto requer observar os movimentos sutis que o Evangelho assinala da revelação de Deus.

De acordo com A. Murad, o primeiro sinal se dá no sim de Maria, “uma jovem humilde, de uma pequena povoação perdida na periferia de um grande Império”¹⁴⁵. A escolha de Deus por Maria como a mãe do Salvador, por si só, demonstra a continuidade da predileção divina pelos mais humildes, não pelo fato de serem humildes, pobres, mas sim pelo fato de serem excluídos, desprezados, oprimidos em sua dignidade humana. De acordo com o autor, “diante da proposta de Deus, Maria responde prontamente. O seu sim ecoa forte e sem dúvidas, cheio de generosidade”¹⁴⁶. Desse modo, pode-se constatar, ainda hoje, que a generosidade dos mais simples é um traço característico que marca a vida cristã. A resposta, a decisão e a vontade de servir a Deus fazem com que a pessoa que se coloca à disposição do amor divino procure viver intensamente essa experiência de fé abrindo-se ao próximo.

Outro aspecto apresentado por Francisco é a respeito do nascimento de Jesus. O pontífice aponta para a manjedoura, demonstrando assim que “o Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres” (EG, n. 197). Isso significa que Deus poderia ter escolhido qualquer lugar, tempo ou situação para seu Filho adentrar no mundo e exercer o seu papel divino, porém, essa escolha parece ter levado em consideração uma realidade em que a distorção social, a injustiça e a desigualdade entre o povo acabaram por ter um papel relevante. Assim como Deus viu o papel do opressor na libertação do Egito, mantém-se atento, também agora diante do cumprimento da promessa, em Jesus Cristo.

O papa vale-se de outras imagens nessa comparação, como por exemplo: a apresentação no templo; a simplicidade da cidade natal; o ofício trabalhador de José e de Maria; o povo simples que seguia Jesus etc. (EG, n. 197). Todas essas imagens, a seu ver, definem a proximidade entre o Reino de Deus e a predileção com os mais necessitados. De acordo com o papa, “a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus ‘manifesta sua misericórdia antes de tudo’ a eles” (EG, n. 198).

Seguindo a mesma linha de raciocínio do pontífice, Aquino Júnior faz alguns alertas e apresenta algumas orientações ao falar sobre a opção pelos pobres na Igreja. Segundo ele, o papa compreende que, ao assumir esta opção, é necessário que tal adesão “passe não só pelos gestos pessoais e comunitários de solidariedade, mas também pela luta, pela transformação das estruturas da sociedade”. Esses nortes “podem ser entendidos como uma pedagogia ou itinerário no compromisso com os pobres”, ou seja, a partir de uma consciência moral bem formada, a Igreja, como povo de Deus, deveria se comprometer irrestritamente com quatro situações

¹⁴⁵ MURAD, A. *Maria*. Toda de Deus e tão humana. Compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012, p. 55.

¹⁴⁶ MURAD, *Maria*, p. 55.

importantes para um autêntico compromisso com os pobres. Primeiro, “a proximidade física dos pobres e o esforço por socorrê-los em suas necessidades imediatas”, uma vez que “é no contexto mais amplo da atenção e do amor [...] que os programas de assistência devem ser desenvolvidos”; segundo, “o ‘cuidado espiritual’ com os pobres”, uma vez que “a ‘imensa maioria [...], possui uma especial abertura fé’”; terceiro, “a vivência e o fortalecimento de uma cultura da solidariedade”, essa “tem a ver com convicções e práticas” da fé cristã; quarto, o enfrentamento das causas estruturais da pobreza e da injustiça do mundo”. Isso significa que temos que dizer “não a uma economia de exclusão” (EG, n. 53), “não à nova idolatria do dinheiro (EG, n. 55) e “não à desigualdade social que gera violência” (EG, n. 59) etc.¹⁴⁷

Na percepção do papa Francisco “a nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica [da vida dos pobres], e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles” (EG, n. 198) e assim perceber que “o amor autêntico é sempre contemplativo, permitindo-nos servir ao outro não por necessidade ou vaidade, mas porque ele é belo, independentemente da sua aparência” (EG, n. 199). Com esse exercício de amor solidário, aprende-se, a cada dia, a construir relações sadias, fundamentadas na práxis de Jesus.

3.3.2.2 Cuidado nas relações humanas a partir do diálogo que constrói pontes

Francisco acentua que “a evangelização implica [...] um caminho de diálogo” (EG, n. 238), ao mesmo tempo que “o ideal cristão convidará sempre a superar a suspeita”, uma vez que “na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura” (EG, n. 88). Um exemplo dessa abertura dialogal é a relação que se pode estabelecer, de forma consciente e saudável, com outras denominações cristãs e até não cristãs, que tem como propósito o bem comum do povo de Deus, seja pela via da caridade, da fraternidade, seja mesmo da luta por maior dignidade. Tal esperança torna-se, então, um testemunho social em meio à diversidade religiosa presente na sociedade. Para o papa,

devemos sempre nos lembrar de que somos peregrinos, e peregrinamos juntos. Para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus. O abrir-se ao outro tem algo de artesanal. (EG, n. 244)

¹⁴⁷ AQUINO JR., *Teologia em saída para as periferias*, p. 54-57.

Como peregrinos, temos a possibilidade de aprender sempre, de nos colocarmos em atitude de escuta e acolhimento, ao mesmo tempo que se abre a oportunidade de também ensinar o que tem de melhor de sua própria cultura. Esse gesto de abertura recorda ao passante que a interação entre povos, culturas, nações, religiões pode ser um ponto de harmonização em meio a conflitos, dificuldades e desentendimentos presentes em todos os lugares, religiões e sociedades. Para Francisco, “uma atitude de abertura na verdade e no amor deve caracterizar o diálogo, [...] [que] é, em primeiro lugar, uma conversa sobre a vida humana” (EG, n. 250). Para ilustrar tal modo de pensar do pontífice, usaremos a carta encíclica *Fratelli Tutti*, que, na mesma perspectiva da *Evangelii Gaudium*, ressalta essa importância de criar mecanismos de encontro, pontes, entre os diferentes.

Nos últimos anos, a pandemia de Covid-19 (2020-2021) ressaltou o quão frágil é o ser humano, e quão deterioradas estão as relações e prioridades frente ao bem-estar pessoal e comunitário, seja no aspecto religioso, seja no familiar, social, político, econômico etc.¹⁴⁸ Para Francisco, “a pandemia de Covid-19 deixou a descoberto as nossas falsas seguranças”, e se “alguém pensa que se tratava apenas de fazer funcionar melhor o que já fazíamos, ou que a única lição a tirar é que devemos melhorar os sistemas e regras já existentes, está negando a realidade” (FT, n. 7). Para o papa, “neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade” (FT, n. 8). Sendo assim,

a recente pandemia permitiu-nos recuperar e valorizar tantos companheiros e companheiras de viagem que, no medo, reagiram dando a própria vida. Fomos capazes de reconhecer como as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns que, sem dúvida, escreveram os acontecimentos decisivos da nossa história compartilhada: médicos, enfermeiros e enfermeiras, farmacêuticos, empregados dos supermercados, pessoal de limpeza, cuidadores, transportadores, homens e mulheres que trabalham para fornecer serviços essenciais e de segurança, voluntários, sacerdotes, religiosas... compreenderam que ninguém se salva sozinho. (FT, n. 54)

O fundamento cristão dado por Jesus no mandamento novo, “amar Deus e o próximo”, dita não apenas o cuidado-compromisso com o outro, a partir da experiência de fé com Deus misericordioso, mas também coloca cada um diante da responsabilidade do cultivo de relações saudáveis – de ordem psíquica, espiritual ou afetiva.

¹⁴⁸ Conferir artigo de PINTO, E. F. Desafios emergentes da pandemia de covid-19 para a fé cristã: pensar e viver a fé em tempos de crise. *Pensar*. v.12, n.2, 2021. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/4970/4809>>. Acesso em: 25 ago 2022. O autor tenta demonstrar que “a pandemia de Covid-19 provocou profundas mudanças no modo de vida individual, social e religioso” das pessoas, e como a fé cristã ajuda a interpretar essa crise.

O relacionamento com Deus abre a perspectiva de um relacionamento interpessoal, baseado na confiança e na abertura ao outro que é diferente. Um olhar trinitário demonstra que as relações interpessoais não podem ser baseadas na uniformidade, mas sim na característica de cada um, na diferença que agrega e traz oportunidade de crescimento para ambos (1Cor 12,12-30).

Sob esse ponto de vista, Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, é o fundamento da pluralidade na unidade. Cada um – independente das diferenças de cunho religioso, político, étnico, cultural, sexual, econômico etc. – é convidado a conviver fraternalmente, dialogando e construindo uma sociedade em que “sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras” (FT, n. 6).

Na encíclica *Fratelli Tutti*, Francisco destaca “o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço”. Assim, “nele declara feliz quem ama o outro” (FT, n. 1), mesmo diante de situações “de regressão” (FT, n. 11) do convívio social e global em virtude dos inúmeros conflitos de diferentes ordens atuais.

Recordando a história de Caim e Abel (Gn 4), o papa destaca o quão amargo pode ser o impulso humano, quando permitido ser desenvolvido de modo agressivo. A morte de Abel por seu irmão é movida por sentimentos destrutivos, cheios de ira e revolta pela “não importância”, segundo seu modo de compreender a situação, da parte de Deus, da oferta de Caim. Assim, a pergunta de Deus: “onde está o teu irmão?” e a resposta de Caim, “acaso sou o guarda dele?” (v.4) coloca em lugares opostos o Criador e a criatura, a vida e a morte, a obediência e a desobediência, o aproximar ou o rejeitar. Uma dualidade presente inequivocamente em nossas relações. Desse modo, Francisco afirma que “com a sua pergunta, Deus coloca em questão todo tipo de determinismo ou fatalismo que pretenda justificar, como única resposta possível, a indiferença” (FT, n. 57). Tal indiferença torna-se perigosa nas relações humanas, uma vez que pode gerar conflitos destrutivos, tanto de ordem pessoal, familiar, social como até mesmo global.

Conforme William Castilho, “a ira é um dos sete pecados capitais que mais causa sofrimento”, ela pode ser entendida “como fato político-psicológico que move muitos acontecimentos desde o início da civilização”¹⁴⁹. Segundo ele, sua manifestação pode se dar de diferentes formas, “para a biologia, [por exemplo], a agressividade entre os seres irracionais é sustentada pela força inata do instinto”, já “para os seres humanos, [...], a manifestação da ira é

¹⁴⁹ CASTILHO, *Os sete pecados capitais à luz da psicanálise*, p. 157-158.

mais complexa” em função de seus múltiplos aspectos dimensionais, “sobretudo os psíquicos, redigidos por pulsões eróticas e agressivas”¹⁵⁰.

Sendo assim, a superação de uma visão autorreferencial narcisista contribui para criar relações saudáveis entre indivíduos em seus múltiplos aspectos. De acordo com Francisco, “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isso se resume no verbo ‘dialogar’. Para nos encontrarmos e ajudarmos mutuamente, precisamos dialogar” (FT, n. 198). A Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social evidencia que “a falta de diálogo supõe que ninguém, nos diferentes setores, está preocupado com o bem comum, mas com obter as vantagens que o poder lhe proporciona ou, na melhor das hipóteses, com impor o seu próprio modo de pensar” (FT, n. 202). Ou ainda,

o diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos. A partir da própria identidade, o outro tem algo para dar, e é desejável que aprofunde e exponha a sua posição para que o debate público seja ainda mais completo. [...], Com efeito, “num verdadeiro espírito de diálogo, nutre-se a capacidade de entender o sentido daquilo que o outro diz e faz, embora não se possa assumi-lo como uma convicção própria”. (FT, n. 203)

Desse modo, há hoje a necessidade de uma abertura a relações sadias, não apenas entre indivíduos, mas também entre povos e nações, respeitando a cultura e o modo de pensar de cada um, firmando-se em sua própria identidade e convicções, sem fechar a possibilidade de agregar valor em seu modo de ser. O bem-estar social parte do bem-estar pessoal, em que se constrói relações verdadeiramente saudáveis. Tendo como princípio o amor misericordioso de Deus, o cristão não apenas é chamado, mas é convocado a construir o Reino de Deus já nesta terra, uma vez que, “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13).

3.3.2.3 Cuidado com meio ambiente, nossa casa comum

Na *Evangelii Gaudium*, ao apontar o que chamou de “idolatria do dinheiro”, Francisco chama atenção para a urgente necessidade de se cuidar, dentre outras coisas, do meio ambiente. Afirmar que “neste sistema que tende a englobar tudo para aumentar os benefícios, qualquer realidade que seja frágil, como o meio ambiente, fica indefesa face aos interesses do mercado

¹⁵⁰ CASTILHO, *Os sete pecados capitais à luz da psicanálise*, p. 157-158. Sugiro a leitura de todo o capítulo 5 dessa obra, onde o autor trata desde o conceito desse pecado capital, passando por sua compreensão e desenvolvimento histórico, até sua incidência nas relações entre os indivíduos.

divinizado” (EG, n. 56). No decorrer de seu pontificado, o papa evidencia de modo mais contundente esse tema ambiental ao escrever a encíclica *Laudato Si'*, a qual utilizaremos nessa reflexão.

De acordo com o papa Francisco, quando se fala em meio ambiente deve-se levar em consideração “a relação entre natureza e a sociedade que a habita”. Nessa perspectiva, não se deve conceber a noção de meio ambiente sem levar em consideração o conglomerado de sistemas existentes em sua volta, como fauna, flora, seres humanos, sociedade. Essa relação “nos impede de considerar algo separado de nós ou como uma mera moldura de nossa vida” (LS, n.139), uma vez que somos parte integrante de todo o planeta. Desse modo, para Francisco, “não há duas crises separadas: o ambiental e outra social; mais uma única e complexa crise socioambiental” (LS, n. 139-140). Fala-se, então, de uma responsabilidade moral, principalmente por parte daqueles que abraçam a fé em Cristo, faz-se urgente a necessidade de se pensar de modo integral as relações que se estabelecem, seja com o transcendente, seja com o temporal, e nesse meio, com o ecossistema.

Seguindo a preocupação já apontada no início de seu pontificado, Francisco acredita que todos são responsáveis por essa “casa comum” (LS, n. 17), de modo que, ““o desperdício da criação começa onde já não reconhecemos qualquer instância acima de nós, mas vemo-nos unicamente a nós mesmos”” (LS, n. 6).

A preocupação com o meio ambiente não é algo novo na Igreja, não se restringe ao magistério de Francisco, faz parte do magistério social da Igreja. O próprio papa faz questão de recordar esse aspecto ao relembrar seus antecessores e suas preocupações com a questão ecológica. Recorda também toda a preocupação oriunda de fora da Igreja, da ciência ou de outras organizações, inclusive religiões, que se debruçam em apontar caminhos e soluções a respeito desse tema (LS, n. 3-7).

A Carta Encíclica persiste em afirmar que o cuidado da criação é uma atitude moral da vida cristã (LS, n. 14). A superação do mundanismo espiritual, com tudo aquilo que lhe advém em sua forma comportamental, toca também o modo como nos relacionamos com o mundo, e com toda obra criada por Deus. Para Francisco, “a narração da criação no livro do Gênesis contém, na sua linguagem simbólica e narrativa, ensinamentos profundos sobre a existência humana e a sua realidade histórica” (LS, n. 66). Isso requer dizer que a “existência humana se baseia em três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo, e com a terra”. No entanto, essa “harmonia [...], foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas” (LS, n. 66).

Na visão de Francisco, e do magistério da Igreja, a “responsabilidade perante uma terra que é de Deus implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo” (LS, n. 68). Sobre essa perspectiva, se o comportamento cristão é baseado no ensinamento e na práxis de Jesus Cristo, um olhar diferenciado sobre a realidade do mundo, das pessoas e do próprio meio ambiente está intrinsecamente ligado ao comportamento ético-moral de cada cristão (LS, n. 96-100).

Como consequência, a responsabilidade por tudo aquilo que acontece no meio em que se está inserido, leia-se planeta Terra, implica diretamente uma responsabilidade evangélica, que não pode ser colocada em segundo ou terceiro plano na esfera da fé, como se não fosse do âmbito religioso o cuidado com o meio ambiente. Compreende-se, então, como “elemento constitutivo da identidade humana”, que “a relação do homem com o mundo, [...], nasce como fruto da relação, ainda mais profunda, do homem com Deus”¹⁵¹.

Segundo Afonso Murad, “a questão ambiental está cada vez mais presente no horizonte de preocupação das pessoas. Aparece como constatação (fragilidade devido à intervenção humana), e interpelação (é necessário fazer algo)”. Para ele, essa consciência adquire “o caráter ético-prático da ecologia”, em que “reconhece-se a responsabilidade do ser humano pela crescente destruição das ‘comunidades de vida’, ou ecossistemas do nosso planeta e pede-se dele nova postura e ações em vários níveis”¹⁵². Essa dimensão ético-prática está intensivamente ligada ao comportamento, a forma de agir individual e coletiva de cada pessoa ou grupo. Diante disso é preciso desenvolver uma consciência de que aquilo que se faz reverbera, de alguma forma, na vida de outra pessoa ou do planeta.

Para Luiz Augusto de Mattos, comentando o pensamento do papa, “a vida de todos os seres vivos [...] está ameaçada porque se chegou à fronteira da suportabilidade devido ao imenso processo de destruição” a que se submeteu o planeta. Isso pode ser percebido por “um desequilíbrio do clima ou no aquecimento da Terra”¹⁵³. Nos últimos anos, percebeu-se um constante desequilíbrio em várias partes do planeta – a título de exemplo, no Brasil, chuvas intensas são capazes de destruir inúmeras cidades, gerando inundações, deslizamentos, mortes, desabrigados entre outros flagelos. Na Europa, vê-se ondas de calor intensas em países antes caracterizados pelo clima frio. No norte das Américas, a incidência do calor provoca queimadas avassaladoras, gerando destruição e morte. Na África, as situações climáticas foram

¹⁵¹ COMPÊNDIO da Doutrina Social da Igreja, n. 452.

¹⁵² MURAD, A. *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 23.

¹⁵³ MATTOS, L. A. O cuidado da casa comum. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. *A moral do Papa Francisco*. Um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Santuário, 2020, p. 231.

responsáveis por grande parte das questões sanitárias etc.¹⁵⁴ Os noticiários não cansam de apresentar inúmeras situações climáticas díspares em várias partes do planeta. Para Mattos, “pensar a existência e a manutenção da vida na casa comum exige compreensão das interações entre todos os seres vivos”¹⁵⁵.

Em todo esse processo, Francisco aponta elementos concretos como sendo “as raízes humanas da crise ecológica” (LS, 101-136). Não se entrará nessas discussões, pois não é foco desse trabalho, mas cada uma delas, partindo do pressuposto de um capitalismo selvagem, tecnocrático, de um antropocentrismo inconsequente, e também de uma irresponsabilidade do cristão, contribui desfavoravelmente para destruição do grande jardim sonhado por Deus.

Assim, parece necessário não apenas um comportamento ético-moral capaz de transformar a consciência e o modo de agir cristão no mundo, em função do cuidado dessa casa comum, como também, segundo Francisco, precisa-se de “políticas que pensem uma visão ampla e que levem em frente uma formação integral interdisciplinar” (LS, n. 197), que considere formar as atuais e as novas gerações em vista de um futuro melhor.

Por fim, fica um alerta do papa a todos os crentes:

a maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção duma trama de respeito e de fraternidade. De igual modo é indispensável um diálogo entre as próprias ciências, [...], entre os diferentes movimentos ecologistas, entre os quais não faltam as lutas ideológicas. A gravidade da crise ecológica obriga-nos, a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade, lembrando-nos sempre que “a realidade é superior à ideia”. (LS, n. 201)

Com abertura de espírito e consciência frente à fé que se professa, o fiel corre um grande risco de isolamento em uma vivência de cristianismo não cristão, de uma fé desconectada de Deus, das pessoas, do meio ambiente. Assim, afasta-se do amor gratuito do divino, por opção pessoal, por um egocentrismo narcisista diabólico, em que “a glória humana e o bem-estar pessoal” descartam “a glória do Senhor” (EG, n. 93), fazendo o discípulo de Cristo entrar em um “obsuro mundanismo” que se manifesta de diferentes formas, “mas que não se preocupa que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história” (EG, n. 95). Não parece ser esse o desejo de Deus para a construção do seu Reino já neste mundo, tendo Jesus Cristo como o centro, o Salvador, o exemplo de nossa caminhada

¹⁵⁴ DIAS, S. *Consequência climática nos continentes*. Disponível em: <https://meioambiente.culturamix.com/natureza/consequencias-climaticas-nos-continentes>. Acesso em: 9 ago 2022.

¹⁵⁵ MATTOS, O cuidado da casa comum, p.233.

de fé. Como diriam os primeiros cristãos: “existem dois caminhos: um é o caminho da vida, e o outro, o da morte. A diferença entre os dois é grande”¹⁵⁶. Resta-nos saber qual deles se quer trilhar.

¹⁵⁶ DIDAQUÉ. *Instrução dos Doze Apóstolos*, n. 1.

CONCLUSÃO

Percorrido todo um caminho na vasta gama de conhecimento e traços hermenêuticos do papa Francisco, procurou-se, com esse trabalho, responder à inquietação, se de fato seu pontificado evidenciou, dentro da Igreja, um movimento de negação do magistério conciliar e pós-conciliar por parte de alguns grupos e pessoas. Ao mesmo tempo, buscou-se demonstrar como o pontífice apresenta elementos concretos para uma superação de tal mundanismo, como o anúncio do Evangelho, a conversão missionária da Igreja e uma postura ético-social exigida pela profissão de fé.

Parece claro que sim, mesmo que de forma velada ou explícita, tal movimento negacionista veio à tona com clareza a partir da eleição de Francisco, e diante dessas formas de pensar e agir de alguns, o papa viu-se obrigado a denunciar o que classificou como *mundanismo espiritual*. Essa forma de atuar não é algo novo na vida eclesial. Ao longo da história da Igreja, as lutas por poder, prestígio, privilégio fizeram-se presentes, como ainda se fazem, em grupos e pessoas com ideias “antiquadas”, nas palavras do papa, frente à oposição pós-Concílio Vaticano II. Superar tal modelo autorreferencial é, antes de tudo, buscar conhecer os fundamentos da fé em Jesus Cristo, Verbo encarnado, ouvinte de nossas mazelas e misericordioso diante do sofrimento dos seus, principalmente os mais pobres, necessitados e injustiçados.

O papa Francisco, desde sua escolha como pontífice, vem deixando evidente a necessidade de a Igreja voltar a seus fundamentos e reformar-se, converter-se, assim como todos os seus membros, para fazer cumprir no mundo sua missão de anunciar o Evangelho e o Reino de Deus. Para isso, um olhar circunstancial para a realidade é de extrema importância para aqueles que professam a fé em Cristo. O olhar de Francisco para a realidade que circunda a Igreja ajuda a compreender seu insistente chamado a “sair”, ou seja, de uma “Igreja em saída” rumo às periferias sociais e existenciais, como foi a práxis toda de Jesus.

Ao longo deste trabalho, alguns elementos destacaram-se na compreensão do modo de Francisco ver o mundo e a própria Igreja. Seu pensamento, calcado no tripé: Escritura, Concílio Vaticano II e Doutrina Social, ficou mais que explícito. O desdobramento na sua hermenêutica aplicada, como aparece na tríade: Igreja missionária ou em saída, misericordiosa e sinodal, é o modo próprio de expressão do ser cristão nos tempos de hoje.

Porém, ao longo do caminho, nem tudo são flores. Mesmo calcado na autêntica Tradição, o papa depara-se com problemas antigos e novos no corpo eclesial (mundanismo),

uma forma mundana de viver a religiosidade, contrária aos verdadeiros fundamentos do cristianismo. Um mal, segundo Francisco, que precisa ser erradicado. Para sanar essa ferida, é proposto, como caminho de superação, o anúncio do Evangelho centrado na experiência querigmática. Assim, uma abertura à conversão, tanto pessoal como institucional, é necessária. Uma melhor compreensão da fé, à luz da dimensão ético-social do Evangelho, como um modo de vida oposto a um costume personalista e desconectado da realidade, incapaz de abrir-se à busca do bem comum. Tal mundanismo está calcado na ilusão de um cristianismo intimista, insensível, abstrato e egoísta.

Esse trabalho demonstrou que a separação entre fé e obras só serve a interesses individuais, à busca por poder e prestígio, seja de clérigos, seja de leigos. A verdadeira fé em Jesus Cristo compromete-nos com o hoje de nossa história, com a realidade em que estamos inseridos, pois Deus continua olhando e ouvindo o clamor de seu povo constantemente, daquele que passa fome, que não tem segurança, saúde, moradia digna. Daqueles que são discriminados por sexo, cor, raça, religião, posição social, por se declararem cristãos, inclusive.

Aqueles que hoje desejam uma Igreja voltada para um tempo imperial, autorreferencial, com todas as prerrogativas da cristandade, parecem confusos em sua compreensão eclesial, ou desejam tão somente a glória e o bem-estar próprio, que lhes favoreça junto a seus grupos ou pessoas um *status* religioso, prestígio, reconhecimento, poder, dinheiro. Esses correm o risco de se afastarem do mandamento novo de Jesus e do exemplo do lava-pés, deixados pelo Mestre como modelo de discipulado a ser seguido. Tais pessoas acabam por se colocar junto aos vendilhões do Templo, aos hipócritas, aos adoradores de novos bezerros de ouro, por vezes criticados por Jesus Cristo.

Faz-se necessário entender que no processo de adesão da fé cristã – ao Deus revelado por Jesus Cristo – a simbologia da cruz faz-nos olhar para o alto, em sua forma vertical buscando o transcendente, e olhar para a realidade diante de nossos olhos, sua forma horizontal, tocando o chão concreto no qual estamos inseridos. Desprezar uma dessas formas é negar a salvação dada por Jesus Cristo.

O olhar misericordioso de Jesus Cristo, salvando-nos do pecado e da morte, é um convite a acolher o outro como irmão e irmã no seu sangue glorioso. Agir com misericórdia é um ato divino, cristão. Agir com desprezo, indiferença e insensibilidade é anticristão, diabólico, falso e hipócrita. O que o papa Francisco procura mostrar a toda a Igreja, povo de Deus, que somos nós, é que Deus é amor incondicional. Ele está no meio de nós na pessoa do outro, principalmente dos mais pobres e necessitados, e nós não podemos desprezá-los, pois também

nós somos tocados por sua misericórdia. Por isso, a Igreja tem a missão de anunciar o Evangelho do amor e da misericórdia, tendo como exemplo seu fundador, sendo servidora, acolhedora e mãe, mesmo com aqueles filhos e filhas distantes e incompreensíveis.

Ao final deste trabalho, resta-nos a certeza de que a simplicidade de Francisco, seus ensinamentos e seu modo de ser são um verdadeiro tesouro para a vida eclesial, na graça do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, desperta um verdadeiro incômodo à nossa consciência adormecida no marasmo do *status quo* institucional e social.

Seu pontificado, de fato, trouxe à tona a ira de muitos que discordam do convite evangélico ao amor e à simplicidade, explícitos na práxis de Jesus. Por isso mesmo, a compreensão do que Francisco classificou como mundanismo espiritual é tão importante quanto o percurso para superá-lo. Combater a distorção da realidade evangélica é reafirmar a necessidade de um processo formativo sólido, capaz de levar o fiel a um aprofundamento da fé, mas, acima de tudo, a uma experiência profunda e realista do amor misericordioso de Deus. É também um convite ao diálogo, mesmo com o discordante, pois, assim, todos têm a possibilidade de aprender e amadurecer sem medo.

Desse modo, é urgente formar cristãos para a vida eclesial, pois a fé no Cristo é pessoal, mas sua vivência é essencialmente eclesial. Se há um tempo para cada coisa, como nos ensina a Escritura, esse tempo hoje é o do comprometimento com Deus, com o próximo e com a Igreja.

Distorcer a realidade ensinada e professada pela Esposa de Cristo ao longo dos séculos, ou fragmentar um estilo de religiosidade apenas em um período histórico do passado com seus gestos e formas, é caminhar para o abismo da indiferença evangélica e da negação da graça do Espírito Santo, que sempre nos faz olhar para o belo horizonte da vida em Deus, sem retrocessos. É buscar não a glória de Deus, mas sim os propósitos humanos de autofavorecimento e seletividade evangélica. Seria essa a vontade de Deus para seu povo? Seria esse o caminho de santidade e de salvação demonstrado por Jesus de Nazaré, o Cristo? Com Francisco, podemos dizer com clareza: não!

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- ACI DIGITAL. *Papa Francisco recrimina "moda" litúrgica antiquada*. 9 jun 2022. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-recrimina-moda-liturgica-antiquada-78949>. Acesso em: 5 out 2022.
- ACI DIGITAL. *Papa critica "restauracionismo"*. 14 jun 2022. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/papa-critica-restauracionismo-contrario-ao-vaticano-ii-em-entrevista-a-jesuitas-65809>. Acesso em: 28 out 2022.
- AGOSTINHO, Sto. *A Graça (I)*. O espírito e a letra. A natureza e a graça. A graça de Cristo e o pecado original. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística 12)
- ALABORA, L. A. C; DALPIZZOL, G; DeMARCO, T. T. O mundo meramente ilusório das redes sociais. *Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira*, v. 1, p. e12828, 2016. Disponível em: <https://unoesc.emnuvens.com.br/apeuv/article/view/12828>. Acesso em: 12 set 2022.
- ALBARES, J. L. Messianismo. In: TAMAYO, J. J (org.). *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 352.
- AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.) *Evangelii Gaudium*. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.
- AQUINO JR. F. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: Unicap, 2019.
- AQUINO JR. *Igreja dos Pobres*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- AUGÉ, M. *Liturgia: história, celebração, teologia e espiritualidade*. 2.ed. São Paulo: Ave Maria, 1998.
- BARROS, M. *Teologia da Libertação para os nossos dias*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BAZÁN, F. G. Gnose. In: TAMAYO, J. J. (org.). *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 248.
- BERGOGLIO, J. M. *A verdade é um encontro: homilias proferidas na Casa Santa Marta*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- BERTOLINI, J. *Roteiros homiléticos*. Anos A, B, C. Festas e solenidades. São Paulo: Paulus, 2006.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- BIBLIA SAGRADA AVE MARIA. Edição de Estudos. São Paulo: Ave Maria, 2011.
- BIRMELE, A. Ecclesiologia. In: LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004. p. 589-592.

BRAUN, R. Gnose. In: LACOSTE, J. Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004. p. 773-774.

BRIGHENTI, A. *O Novo Rosto do Clero*. Perfil dos padres novos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2021.

CALIMAN, C. Povo de Deus/Igreja. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (coords.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2015. p. 757-764.

CASTILHO, W. C. *Os sete pecados capitais à luz da psicanálise*. Petrópolis: Vozes, 2021.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes / São Paulo: Paulinas; Loyola; Ave-Maria, 1993.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus; Edições CNBB; Paulinas, 2007.

CERNUZIO, S; SILVONEI, J. *Guerra na Ucrânia, o papa na Embaixada da Rússia para expressar preocupação*. Vatican News. 25 fev 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-02/guerra-na-ucrania-o-papa-na-embaixada-da-russia.html>. Acesso em: 4 nov 2022.

CIPOLLINI, P. C. *Por uma Igreja Sinodal*. Sinodalidade, tarefa de todos. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2022.

CNBB. *Sacramentário*. Ritual da Penitência. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2003.

CODA, P. *A Igreja é o Evangelho*. Nas fontes da teologia do Papa Francisco. Brasília: Edições CNBB, 2019. v. 10.

CÓDIGO Direito Canônico. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1987.

COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA. Pontifício Conselho “Justiça e Paz”. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Ad Gentes*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Declaração *Gravissimum Educationis*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Mensagens, discursos, documentos*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CRUZ, R. O cardeal Müller sobre o Papa. *IHU On-Line*. 22 jul 2021. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/611317-o-cardeal-mueller-sobre-o-papa-em-vez-de-apreciar-o-cheiro-das-ovelhas-as-golpeia-com-forca>>, 22 de julho de 2021. Acesso em: 13 out 2022.

DE LUBAC, H. *A Igreja na crise atual*. São Paulo: Paulinas, 1972.

DE LUBAC, H. *Meditación sobre la Iglesia*. 2.ed. Madrid: Ediciones Encuentro, 2011.

DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta Placuit Deo*. Sobre alguns aspectos da salvação cristã. 22 fev 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180222_placuit-deo_po.html>. Acesso em: 6 nov 2022.

DIDAQUÉ. *Instrução dos Doze Apóstolos*. In: PADRES APOSTÓLICOS. Clemente de Roma; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias e Didaqué. São Paulo: Paulus, 1995.

FABRIS, R. Moral do Novo Testamento. In: *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 828-839.

EINIG, R. Fraternidade São Pio X, a 30 anos da ruptura com Roma. Entrevista com Bernard Fellay. *Ihu On-Line*. 4 jul 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580535-fraternidade-sao-pio-x-a-30-anos-da-ruptura-com-roma-entrevista-com-bernard-fellay>. Acesso em: 10 jan 2022.

FLORISTÁN, C. Missão/Evangelização. In: TAMAYO, J. J. (org.). *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 364-368.

FORTE, B. *A Transmissão da fé*. São Paulo: Loyola, 2018.

FRANCISCO. *A esperança cristã*. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO. *A Igreja da Misericórdia*. Minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014.

FRANCISCO. *A Misericórdia*. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO. *Audiência Geral. Catequese sobre a Velhice I*. A graça do tempo e a aliança das idades da vida. 23 fev 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2022/documents/20220223-udienza-generale.html>. Acesso em: 3 mar 2022.

FRANCISCO. *Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia*. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO. *Constituição Apostólica Praedicate Evangelium*. Sobre a Cúria Romana e seu serviço à Igreja no mundo. Brasília: Edições CNBB, 2022.

FRANCISCO. *Discurso ao povo reunido na Praça de São Pedro*. 13 mar 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/renuncia-sucessao-papa-bento-xvi/noticia/2013/03/cardeais-foram-escolher-papa-no-fim-do-mundo-diz-francisco-i-em-bencao.html>. Acesso em: 4 fev 2022.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos fiéis da Diocese de Roma*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-diocesiroma.html>. Acesso em: 9 ago 2022.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. A Alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*. Sobre o chamado a santidade no mundo atual. 19 mar 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html>. Acesso em: 3 jan 2022.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Christus Vivit*. Para os jovens e para todo o Povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.

GASDA, E. E. *Doutrina Social*. Economia, trabalho e política. São Paulo: Paulinas, 2018.

GASDA, E. E. *Essa economia mata (EG. 53): crítica teológica do capitalismo inviável. Perspectiva Teológica*, v.49, n.3, 2017. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3899>. Acesso em: 9 ago 2022.

GUTIERREZ, G. *Beber em su propio pozo*. En el itinerário espiritual de um Pueblo. 2.ed. Lima: CEP, 1983.

DIAS, S. *Consequência climática nos continentes*. Disponível em: <https://meioambiente.culturamix.com/natureza/consequencias-climaticas-nos-continentes>. Acesso em: 9 ago 2022.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor Hominis*. 1979. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html. Acesso em: 28 jul 2022.

JOÃO PAULO II. *Constituição Apostólica Fidei Depositum*. Para a publicação do Catecismo da Igreja Católica redigido depois do Concílio Vaticano II. 11 out 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19921011_fidei-depositum.html. Acesso em: 6 jun 2022.

KASPER, W. *La alegría del Cristiano*. Bilbao: Sal Terrae, 2019.

KERN, W. Heresia. In: LACOSTE, J. Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004. p. 815-816.

LIBANIO, J. B. *Em busca de lucidez*. O fiel da balança. São Paulo: Loyola, 2008.

LIBANIO, J. B. *Igreja Contemporânea*. Encontro com a modernidade. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MATTOS, L. A. O cuidado da casa comum. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. (orgs.). *A moral do Papa Francisco*. Um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Santuário, 2020.

MIRANDA, M. F. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.

MIRANDA, M. F. *A reforma de Francisco*. Fundamentos teológicos. São Paulo: Paulinas, 2017.

MIRANDA, M. F. *Igreja Sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2018.

MISSAL ROMANO. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano Segundo e promulgado pela autoridade do papa Paulo VI. Tradução portuguesa da segunda edição típica para o Brasil realizada e publicada pela CNBB com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. 9.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

MO SUNG, J. A crítica da idolatria do dinheiro. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. (orgs.). *A moral do Papa Francisco*. Aparecida: Santuário, 2020.

MURAD, A. (Org.). *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016.

MURAD, A. *Maria*. Toda de Deus e tão humana. Compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012.

PASSOS, J. D. *A força do passado na fraqueza do presente*. O tradicionalismo e suas expressões. São Paulo: Paulinas, 2020.

PAULO VI. *Carta Encíclica Ecclesiam Suam*. 06 agosto de 1964. Sobre os caminhos da Igreja. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html>. Acesso em: 28 jul 2022 e 18 out 2022.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntandi*. Sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 23 jul 2022.

PELAÉZ, J. Evangelho. In: TAMAYO, J. J. (org.). *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 207-212.

PEREIRA, J. C. *Liturgia da Palavra I*. Reflexões para os dias de semana. São Paulo: Paulus, 2014.

PERRONI, M. *Querigma e Profecia*. A hermenêutica bíblica do Papa Francisco. Brasília: Edições CNBB, 2019. v. 9.

PINTO, E. F. Desafios emergentes da pandemia de covid-19 para a fé cristã: pensar e viver a fé em tempos de crise. *Pensar*, v.12, n.2, 2021. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/4970/4809>. Acesso em: 25 ago 2022.

POLITI, M. *Francisco entre os lobos*. O segredo de uma revolução. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2014.

RAMOS, F. F. *Evangelho Segundo São João*. In: COMENTÁRIO AO NOVO TESTAMENTO III. São Paulo: Ave Maria, 2006.

RATZINGER, J. *Dogma e Anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007.

REPOLE, R. *O Sonho de uma Igreja Evangélica*. A eclesiologia do Papa Francisco. v. 4. Brasília: Edições CNBB, 2018.

RIBEIRO, C. M. *O Espírito do Pastor*. A Espiritualidade Inaciana no Ministério do Papa Francisco. Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, PUC-SP, 2018, 244p. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/21597/2/C%C3%A9lia%20Maria%20Ribeiro.pdf>. Acesso em: 30 out 2022.

RODRIGUES, F. T. Pensar e viver a fé em tempos de pandemia. *Pensar*, v.12, n.2, 2021. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/4972/4811>. Acesso em: 25 ago 2022.

RUBIO, A. G. *O Encontro com Jesus Cristo vivo*. Um ensaio de cristologia para nossos dias. 15.ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

SANTOS, T. M. Um projeto social chamado Francisco. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. (orgs). *A moral do Papa Francisco*. Um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Santuário, 2020.

SCANNONE, J. C. *A Teologia do Povo*. Raízes teológicas do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2019.

SILVA, J. L. *A revelação do amor: fundamento da Igreja em saída no pensamento do Papa Francisco na Evangelii Gaudium*. Mestrado em Teologia, FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: < https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/08/Dissertacao_Jose-Luiz-da-Silva.pdf>. Acesso em: 16 out 2022.

SOBRINO, J. *A Misericórdia*. Petrópolis: Vozes, 2020.

SOUZA, G. A. F. A misericórdia como remédio para a cultura da indiferença. *Encontros Teológicos*, v. 34, n. 3, 2019. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1559/1246>. Acesso em: 30 ago 2022.

SUENENS, L. J. Ouvindo e servindo os homens. In: BALDUCCI, E. et al. *Pelos Caminhos do Concílio*. São Paulo: Paulinas, 1969.

SURESH, C. *Joio e Trigo – Duas Bandeiras*. Disponível em: <https://ignatiana.blog/2020/07/28/trigo/>. Acesso em: 4 nov 2022. Não paginado.

TOMAÉL, M. I; ALCARÁ, A. R; DiCHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/WTMRGVXjNdLNLDwGBD5HTXb/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 2 jun 2022.

TORRALBA, F. *Diccionario Bergoglio*. Las palabras clave de um pontificado. Madrid: San Pablo, 2019.

VANNIER, M.A. Pelagianismo. In: LACOSTE, J. Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004. p. 1376-1377.

VELASCO, J. M. *Religião e Moral*. In: VIDAL, M. *Ética Teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999.

YÁÑEZ, H. M. *Evangelii Gaudium*: il testo ci interroga. Chiavi di lettura, testimonianze e prospettive. Roma: GBP, 2014.

ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I. C. *A moral do Papa Francisco*. Um projeto a partir dos descartados. Aparecida: Santuário, 2020.